



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

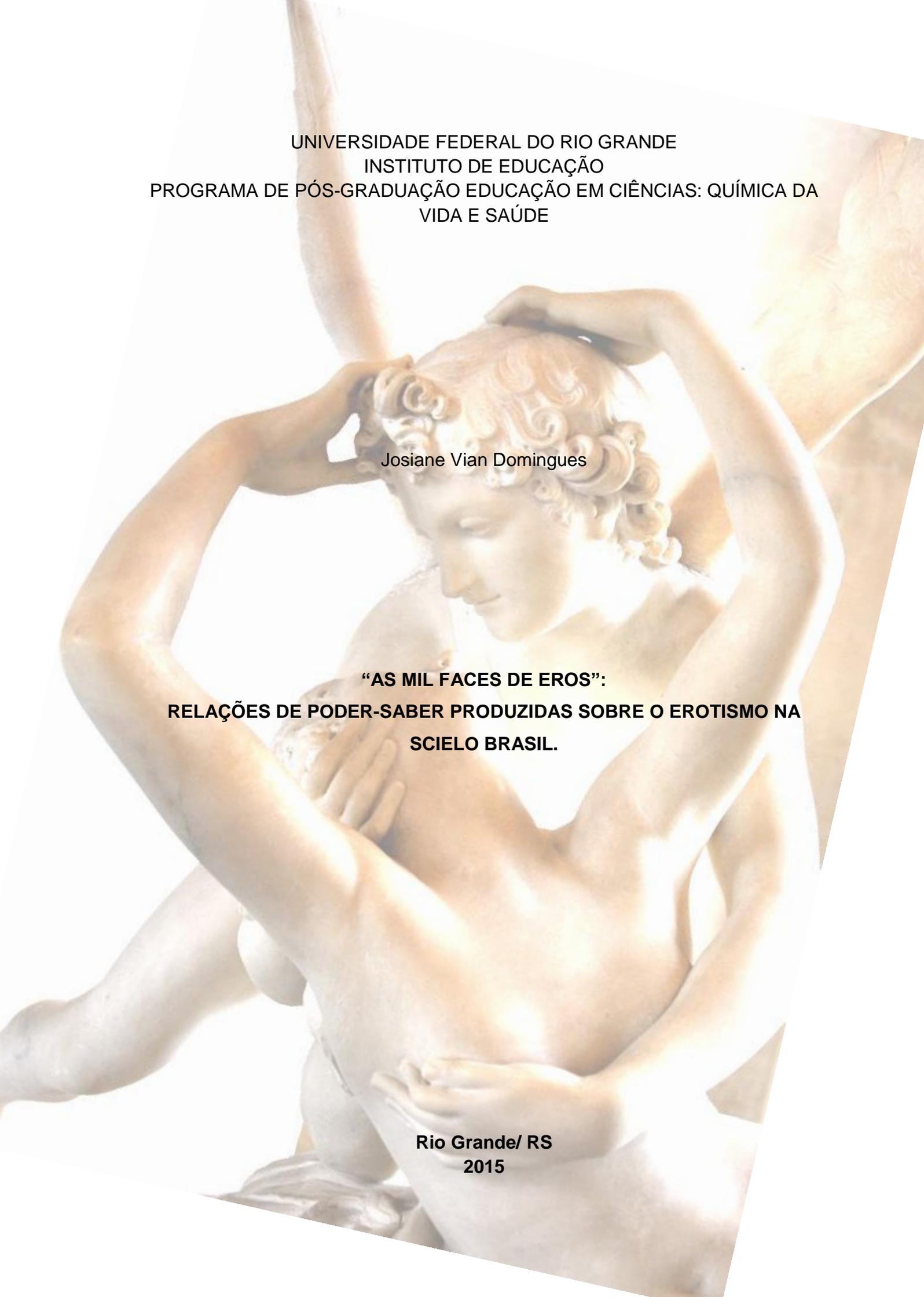
Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**“AS MIL FACES DE EROS”:
RELAÇÕES DE PODER-SABER PRODUZIDAS
SOBRE O EROTISMO NA SCIELO BRASIL.**

Josiane Vian Domingues

Méri Rosane Santos da Silva

Rio Grande
2015

A marble statue of a woman, likely Aphrodite, with her hands raised to her head. The statue is shown from the waist up, with her head tilted slightly to the right. Her hair is styled in intricate, curly waves. The lighting is soft, highlighting the texture of the marble.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA
VIDA E SAÚDE

Josiane Vian Domingues

**“AS MIL FACES DE EROS”:
RELAÇÕES DE PODER-SABER PRODUZIDAS SOBRE O EROTISMO NA
SCIELO BRASIL.**

**Rio Grande/ RS
2015**

Josiane Vian Domingues

**“AS MIL FACES DE EROS”:
RELAÇÕES DE PODER-SABER PRODUZIDAS SOBRE O EROTISMO NA
SCIELO BRASIL.**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Méri Rosane Santos da Silva

Linha de Pesquisa:

Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos.

Rio Grande
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: Josiane Vian Domingues

TÍTULO: “As mil faces de eros”: relações de poder-saber produzidas sobre o erotismo na Scielo Brasil.

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profª Dra. Méri Rosane Santos da Silva (Orientadora) _____

Profª Draª Carla Gonçalves Rodrigues _____

Profº Dr. Gustavo da Silva Freitas _____

Profª Dra. Joanalira Corpes Magalhães _____

Profª Dra. Rose Méri Santos da Silva _____

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone M. Firme, CRB 10/2323

D671m Domingues, Josiane Vian

As Mil Faces de Eros: Relações de Poder-Saber produzidas
sobre o Erotismo na Scielo Brasil / Josiane Vian Domingues. - 2015.
148 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Méri Rosane Santos da Silva
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande,
Programa de Pós-Graduação em Ciências: Química da Vida e
Saúde, Rio Grande, 2015.

1.Educação em Ciências. 2.Educação Científica. I.Silva, Méri
Rosane Santos da. II.Título.

CDU 37:5

A vocês dedico mais uma vez e sempre: seu Valdô, dona Roque e Vinícius: minha força vital, minha base repleta de energia e meu eterno pensamento.

AGRADECIMENTOS

Àqueles que sempre possibilitaram trocas de afeto, fornecendo, assim, os melhores encontros:

Ori, minha eterna ori, Méri;

Pai e mãe, Valdomiro e Roquilde;

Meu coração, Vinícius;

Meu irmão, Robisson;

Clarinha, meu botãozinho de rosa;

Aos que sempre estão junto, Patrícia, Xanda, André, Débora e bebê;

As cunhas Ana Paula e Carol;

A minha potente banca: Angelita, Carla, Gustavo, Joanalira e Rose;

Ao melhor grupo: Alê, Arisson, Fran, Rose, Fê, Felipão, Gustavo, Jú, Indi, Tetão, Carlinha, Mahinã, Rodrigo, Fernando, Maurício;

Aquelas que estão sempre em minhas preces e meu coração, minha dinda Tere e minha nona, Angelina (*in memoriun*);

Aos colegas e professores do PPGE- FURG.

A vocês tenho que agradecer, aos momentos de pura alegria e de tristeza também, aos mais variados encontros, que por vezes aumentaram, outras nem tanto a minha potência. Agradeço pela troca de sorrisos, de choros, de olhares, de palavras e silêncios, encontros repletos de aprendizagens.

Além de agradecê-los pelos diferentes momentos e intensidades vividas, gostaria de desejar-lhes algo. Assim como Carlos Drummond de Andrade escreveu a um tempo atrás, "gostaria de [...] desejar tantas coisas. Mas nada seria suficiente. Então, desejo apenas que você[s] tenha[m] muitos desejos. Desejos grandes. E que eles possam te mover a cada minuto, rumo a felicidade".

O que sei, eu o sei apenas para as necessidades de um trabalho atual, e se volto ao tema vários anos depois preciso reaprender tudo. É muito agradável não ter opinião nem ideia sobre tal ou qual assunto. Não sofremos de falta de comunicação, mas ao contrário, sofremos com todas as forças que nos obrigam a nos exprimir quando não temos grande coisa a dizer.

Gilles Deleuze, 2010

RESUMO

O estudo que segue diz respeito a uma tese de doutorado que está sendo apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, especificamente na linha de pesquisa "Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos", tendo como objetivo discutir algumas relações de saber e poder que estão sendo produzidas sobre o erotismo, a partir do discurso científico acionado pela base de dados Scielo Brasil. Como base teórico-metodológica, estão sendo utilizados estudos considerados pós-estruturalistas, especialmente, àqueles que partem das obras de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Tais autores auxiliam a pensar de outra forma as verdades e os modos de vida que estão postas para a sociedade, não as aceitando meramente, mas lançando um olhar curioso e de suspeita. Para tanto, enquanto produção dos dados, foram utilizados cinquenta e oito artigos que apresentam, enquanto temática, o erotismo e que estão disponibilizados em periódicos científicos na biblioteca eletrônica Scielo Brasil. Essa tese foi pensada a partir de uma escrita em processo, assumindo os caminhos pelas quais a própria escrita foi direcionando. Nesse empreendimento, um modo que se mostrou potente foi a análise de enunciações, ou seja, levando em consideração as materialidades que os artigos disponibilizaram, não somente o texto em si, mas toda a sua arquitetura. Dos encontros com as enunciações dispostas nos artigos, emergiram três pistas: a primeira permitiu visualizar o quanto é recorrente o número de publicações referentes às Ciências Humanas, fazendo com que ela seja pensada como a produtora de verdades sobre o erotismo, em outras palavras, tornando-se "a" área legitimada a falar sobre essa temática. A segunda pista leva em consideração quem produz saberes sobre o erotismo. Desse encontro, George Bataille e Sigmund Freud podem ser considerados enquanto teóricos que sustentam os artigos produzidos pelos sessenta e nove autores. Dessa pista ainda foi possível pensar que os autores ocupam certas posições dentro do discurso científico, estão para além de nomes próprios que assinam tais artigos, são sujeitos repletos de intencionalidades. Por fim, como terceira pista, o encontro entre erotismo e sexualidade, ou seja, verificou-se quanto a noção de sexualidade torna-se produtiva para pensar e atribuir sentidos ao erotismo nesses artigos. Essas três pistas acabaram se configurando enquanto estratégias de poder que legitimam determinados saberes sobre o erotismo no discurso científico presente na Scielo Brasil.

PALAVRAS- CHAVE: Discurso científico. Enunciações. Erotismo. Relações de poder-saber. Scielo Brasil.

DOMINGUES, Josiane Vian. "*As mil faces de eros*": relações de poder-saber produzidas sobre o erotismo na Scielo Brasil. Rio Grande: FURG, 2015. 148 folhas. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

ABSTRACT

The present study refers to a doctoral thesis which will be presented to the Post Graduation Program about Education on Sciences: Chemistry of Life and Health, more specifically considering the following line of research "Science education: implications of scientific practices according to the constitution of subjects". The purpose is to discuss the existing relationships between knowledge and power produced on eroticism, based on scientific discourse triggered by the database Scielo Brazil. As theoretical and methodological basis, post-structuralist studies have been considered especially those from the work of Michel Foucault and Gilles Deleuze. These authors help to think differently truths and ways of life proposed to the present society, not only accepting, but contemplating them according to a curious and suspicious oversight. For this reason, a production data of fifty-eight articles is used in this study presenting eroticism as thematic. These articles are available in scientific journals in the electronic library Scielo Brazil. This thesis as a writing process that assumes the ways the writing itself was targeting. During this project, the enunciation analysis was a powerful way of work. The materiality provided by articles was considered and not only the text itself, but all its construction. Three tracks were revealed from enunciations found in the articles: the first allowed to observe the recurrence of publications related to Human Sciences and thus be thought as the producer of truths on eroticism or using other words becoming the legitimate area to talk about this thematic. The second track considers those who produce knowledge on eroticism. From this combination, George Bataille and Sigmund Freud can be considered as theorists who support the articles produced by sixty-nine authors. The track was still possible to think that the authors dispose of certain positions inside the scientific discourse rather than names signing articles. More than this they are individuals full of intentions. Finally, as third track, from the combination between eroticism and sexuality was verified the productivity of notion of sexuality to think and attribute meaning to eroticism in these articles. These three tracks ended up becoming power strategies which legitimize certain knowledge on eroticism in this scientific discourse in Scielo Brazil.

Keywords: Scientific discourse. Enunciations. Eroticism. Relationships of power and knowledge. *Scielo brasil*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Eros e Psiquê	ii
Figura 2 -	Técnicas do <i>body modification</i>	20
Figura 3 -	<i>Layout</i> www.suicidegirls.com	21
Figura 4 -	Modelos do www.suicidegirls.com , sessão <i>Tour</i>	22
Figura 5 -	<i>Layout</i> da sessão <i>Tour</i> do www.suicidegirls.com	23
Figura 6 -	Nudez das modelos, sessão <i>Tour</i>	25
Figura 7 -	Primeira página de um dos artigos publicados no Periódico Cadernos Pagu	54
Figura 8 -	Parte da lista de periódicos presentes na área de Ciências Humanas, a qual está inserido o periódico Cadernos Pagu	55
Figura 9 -	Gráfico que mostra as áreas de saber em que os periódicos que tematizam o erotismo estão inseridos.....	56
Figura 10 -	Gráfico que mostra os periódicos relativos a área das Ciências Humanas	62
Figura 11 -	Tabela com dados referentes à formação inicial dos(as) autores(as) dos artigos	100
Figura 12 -	Tabela com dados referentes à formação <i>Lato sensu</i> dos(as) autores(as).....	101
Figura 13 -	Tabela com dados referentes à formação <i>Stricto sensu</i> dos(as) autores(as)	102
Figura 14 -	Descrição da autoria trazida em um dos artigos I	105
Figura 15 -	Descrição da autoria trazida em um dos artigos II	105
Figura 16 -	Descrição da autoria trazida em um dos artigos III	106

SUMÁRIO

Traçando uma rota	13
Das experiências vividas, eros e a criação de uma pesquisa	16
Relações em jogo: sobre a Scielo Brasil e a produção de um discurso científico	30
Por um dever metodológico: experimentações de uma empiria cega	38
Pistas que propõem jogos de erotizar	50
Eros e seus saberes: o que as Ciências Humanas têm a ver com isso?	53
De quem se fala quando em eros pensamos – parte I	72
De quem se fala quando em eros pensamos – parte II	93
Palavras que produzem sentido: eros e a sexualidade	109
A espera de um fechamento: eros e outras mil faces	126
Referencial	130
Anexos	142

TRAÇANDO UMA ROTA

Com essa escrita, apresento o trabalho que foi desenvolvido durante os quatro anos que estive no doutorado no *Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde - FURG*, especificamente, na linha de pesquisa *Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos*, como um dos requisitos para obtenção do título de doutora, tendo como objetivo discutir algumas relações de saber e poder que estão sendo produzidas sobre o erotismo, a partir do discurso científico, acionado pela base de dados Scielo¹ Brasil. Enquanto corpus de análise, utilizei cinquenta e oito artigos que estão disponibilizados na Scielo Brasil e cuja temática é o erotismo.

Para poder cumprir tal proposta, procurei orientar essa tese a partir da escrita de nove capítulos, sendo pensados da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, intitulado **“Das experiências vividas, eros e a criação de uma pesquisa”**, procuro tecer alguns apontamentos que contem minimamente algumas das minhas experiências no campo da pesquisa, iniciando nos estudos sobre o corpo, passando pelo *body modificaion* e o *www.suicidegirls.com*, até o meu encontro com o erotismo e a Scielo Brasil.

O segundo capítulo é intitulado como **“Relações em jogo: sobre a Scielo Brasil e a produção de um discurso científico”**. Esse é dedicado a dissertar sobre a Scielo Brasil e seu modo de funcionamento enquanto uma biblioteca eletrônica que compila uma série de artigos em seus periódicos. É nesse momento que assumo esse espaço enquanto parte do discurso científico.

No terceiro capítulo, o nomeio como **“Por um devir metodológico: experimentações de uma empiria cega”**. Nele apresento as maneiras pelas quais esse estudo foi sendo realizado. Um trabalho que não teve a pretensão de apontar um modelo metodológico a priori, mas ressaltar a potência da escrita feita em processo, ou seja, que vai sendo realizada no correr da pesquisa. Assumo as enunciações enquanto uma importante ferramenta de análise para pensar esse

¹ *Scientific Electronic Library Online.*

estudo. Para isso, vou construindo esse capítulo a partir da discussão de alguns conceitos como: pós-estruturalismo, processo, devir, experiência, enunciações.

O quarto capítulo é **“Pistas que propõem jogos de erotizar”**. Nele, apresento algumas das pistas que foram emergindo a partir da leitura dos artigos, atravessadas pelo referencial teórico que me permiti utilizar para realizar esse estudo.

O capítulo cinco está sendo chamado **“Sobre eros e seus saberes: o que as Ciências Humanas têm a ver com isso?”**, em que busco tratar da primeira pista que emergiu dos artigos. Destaco a maneira pela qual as Ciências Humanas pode ser considerada como a área legitimada para produzir saberes sobre o erotismo na Scielo Brasil, a partir da quantidade de artigos que estão inseridos em seus periódicos e dos enfoques que são dados nesses artigos.

O sexto capítulo, intitulado **“De quem se fala quando em eros pensamos – parte I”**, parte de uma inquietação minha ao verificar o quanto é recorrente a utilização dos mesmos referenciais teóricos para embasar os artigos. Os usos de estudos de Sigmund Freud e George Bataille para falar sobre o erotismo pode ser pensada enquanto estratégias para que os autores possam se inserir no discurso científico, buscando a validação de seus saberes.

No sétimo capítulo, nomeado como **“De quem se fala quando em eros pensamos – parte II”**, apresento a noção de autor, a partir de Michel Foucault, para pensar naqueles sujeitos que escrevem os artigos. É uma posição ocupada por esses sujeitos, que têm muito mais do que um nome: carregam consigo toda uma formação acadêmica. Constato que os espaços e os tempos onde eles circulam, produzem essa posição de sujeito autor no discurso.

O oitavo capítulo, **“Palavras que produzem sentido: eros e a sexualidade”**, diz respeito a outra recorrência, ou seja, a partir da leitura dos artigos, pude perceber o quanto é regular a vinculação do erotismo à sexualidade, mais ainda, a presença de ideias moralizantes. Em outras palavras, em tais artigos, geralmente, ao falar sobre o erotismo remete-se a alguns atributos da sexualidade: primeiro, reconhecendo o erotismo a partir de práticas sexuais consideradas anormais; segundo, investindo no corpo de alguns sujeitos, para que ele se torne

erótico; terceiro, é possível compreender um campo associando o erotismo à sexualidade a partir do reconhecimento da pornografia.

Por fim, o nono capítulo é nomeado “**A espera de um fechamento: eros e outras mil faces**”. Nele, apresento, não uma conclusão definida, pronta, mas ao contrário, considero o inacabamento desse estudo, por olhar apenas algumas ideias, localizadas em um tempo-espaço: o devir se torna agente nessa escrita. As três pistas que foram materializadas nesse trabalho podem ser pensadas enquanto um jogo de estratégias que produzem o erotismo no discurso científico.

DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS, EROS E A CRIAÇÃO DE UMA PESQUISA

*O corpo existe e pode ser pego.
É suficientemente opaco para que se possa vê-lo.
Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo.
O corpo existe porque foi feito.
Por isso tem um buraco no meio.
O corpo existe, dado que exala cheiro.
E em cada extremidade existe um dedo.
O corpo se cortado espirra um líquido vermelho.
O corpo tem alguém como recheio.*

Arnaldo Antunes, 2015

Discutir algumas relações de saber e poder que estão sendo produzidas sobre o erotismo², a partir do discurso científico acionado pela base de dados Scielo Brasil. Esse é o objetivo que está alimentando a minha curiosidade e inquietando o meu pensamento nesses últimos tempos.

Mas de que maneira foi possível construir essa inquietação? Por que me debruçar ao estudo dos saberes sobre o erotismo? Por que a utilização do discurso científico? Esses questionamentos somente foram possíveis de serem construídos pelo fato de me dedicar a estudar sobre o corpo ao longo da minha trajetória acadêmica. Em outras palavras, não emergiu por uma vontade própria, mas sim a partir de experiências que foram sendo construídas academicamente a partir de intencionalidades, de metas que foram sendo traçadas e de curiosidades acionadas.

É esse contar as minhas experiências que dedico esse momento, não meramente como uma contação das minhas memórias, mas pelo fato delas possibilitarem a criação de linhas que vão se conectando e formando uma base para a construção daquela frase que elenquei no início desse texto e que assumo enquanto objetivo para a minha tese.

² Assumo o sufixo “ismo” pela necessidade de delimitar algum termo, assim trabalharei com o termo “erotismo” ao longo do trabalho, entretanto, é preciso reconhecer que não é somente desse termo que está sendo tratado. No correr do texto, aparecerão outros sufixos para “eros”.

Parto dos estudos que foram realizados sobre o corpo, durante a minha primeira graduação, enquanto ainda era uma estudante de pedagogia.

Para mim, estudar o corpo sempre foi algo impensável, afinal, corpo é corpo, não é mesmo? Não, hoje posso afirmar que um “corpo não é apenas um corpo, mas que ele é também o seu entorno” (GOELLNER, 2003, p. 29). Em outras palavras, não é apenas um conglomerado de vísceras e ossos, com sistemas que o fazem funcionar, mas ele é produzido também das e pelas mais variadas formas, nos diferentes espaços socioculturais nas quais está inserido, com os seus inusitados encontros.

Primeiramente, foi difícil compreender porque um corpo pode ser multifacetado e envolto nas mais diversas relações, entretanto, ao ser apresentada a teóricos como Denise Sant’anna, Silvana Goellner, Guacira Lopes Louro, David Le Breton, Francisco Ortega, Edvaldo Couto, Gilles Deleuze, Michel Foucault e tantos outros, fui aos poucos montando algumas faces desse poliedro que pode ser um corpo e que ultrapassa os limites daquele anátomo fisiológico das aulas de biologia da escola.

David Le Breton (2007, p. 28), sociólogo que dedica seus trabalhos à investigar temáticas referentes ao corpo, em uma de suas passagens, coloca que

o corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para a nossa lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu contrário é impossível. Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia.

Para o teórico mais do que uma estrutura biológica, o corpo mostra a cultura em que está inserido, conta a história de um povo, de uma comunidade, de um grupo de sujeitos. O mesmo ainda descreve os investimentos biomédicos, políticos e religiosos, dentre outras instâncias onde que o corpo é produzido. Por isso, ele se torna mutante e mutável, divergindo entre um espaço e outro.

Além disso, o corpo é envolto em inúmeras relações de saber e poder. Sobre isso, Foucault (2008a, p. 146) aponta que

Nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do corpo belo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado metucioso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.

Essa é uma das célebres passagens que Michel Foucault (2008a, p145) traz em seu texto “Poder-corpo”. Para ele, o corpo também acaba ultrapassando aquela estrutura biológica e sendo alvo dos mais variados investimentos: o corpo é “produzível”, conduzível, disciplinável, moldável, a partir dos mais variados saberes e poderes que circundam os espaços da família, da escola, da igreja, do presídio, do hospital, da mídia, da rua e tantos outros. Investe-se e cria-se um corpo que seja funcional e atrativo para o convívio nesses espaços. Corpos musculosos, corpos disciplinados, corpos esguios, corpos magros, corpos brancos, corpos governados.

Em contrapartida, Deleuze propõe, a partir da peça radiofônica de Antony Artaud, que se crie para si um corpo sem órgãos (CsO). Um corpo que seja composto sim, por ossos, vísceras, sangue. Um corpo pulsante, repleto de intensidades, mas que eles não estejam somente submetidos às malhas de um poder, de uma ordem de funcionamento. Em outras palavras, os corpos disciplinados, domesticados, governados a partir de um único modelo de organismo não apresentam sentido para o autor, que sugere que se invista em um corpo com o mínimo de órgãos possíveis.

Para Deleuze (2012, p. 27-28)

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada autora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Emitem os estratos. Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificado grosseiramente. Por isso encontrava-se desde o início o paradoxo desde corpos lúgubres e esvaziados: eles *havam se esvaziado de seus órgãos* ao invés de buscar os pontos nos quais podiam paciente e momentaneamente desfazer esta organização dos órgãos que se chama organismo. [...] conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. [...] Porque o CsO é tudo isto: necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmentos de tudo isto, porque não existem “meu corpo sem órgãos”, mas “eu” sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares.

Atrelada a essas maneiras de pensar o corpo, podendo ser ele múltiplo e multifacetado, fui realizando, ao longo da minha trajetória acadêmica³, pesquisas que tinham como objetivo, estudar o corpo, especialmente fora da instituição escolar, defendendo a ideia de que existe uma pedagogia⁴ que ultrapassa os limites da educação escolarizada. Em outras palavras, todos os espaços são pedagógicos, há um processo de ensino-aprendizagem em todo e qualquer espaço na qual o corpo esteja inserido. Nesse sentido, ele vai sendo produzido a partir dos inúmeros encontros cotidianos.

Dentro desses estudos, o *body modification* vinha mostrando-se como um investimento potente, abrindo espaço para diferentes focos de abordagem. Pires (2005, p. 19) trabalha com a ideia de que o *body modification* “é usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas – usando-se desde produtos químicos até intervenções cirúrgicas”. Pode-se dividir, segundo Pires em dois grupos, em que “o primeiro é formado por indivíduos que buscam se aproximar o máximo possível do padrão de beleza determinado pela sociedade” e “o segundo é formado por indivíduos que se utilizam de elementos e formas que não possuem correlato com os pertencentes ao corpo humano. A esse estão vinculadas as práticas de *piercing*, implante estético, escarificação e tatuagem”.

Imersos na pesquisa, primeiramente, o grupo da qual eu fazia parte, buscou mapear as mais variadas técnicas do *body modification* (FIGURA 2): tatuagem, *piercing*, escarificação, *branding*, *body corset*, dilatador, língua bifurcada e tantas outras que iam nos deparando.

³ Possuo graduação nos cursos de Pedagogia habilitação Anos Iniciais (2004-2007) e Educação Física licenciatura (2008-2011) e mestrado em Educação em Ciências: química da vida e saúde (2008-2010) pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Além disso, ao longo da minha trajetória acadêmica participei (e ainda participo) do Grupo de Estudos Sexualidade e Escola, na linha de pesquisa Estudos da Corporeidade, e do Observatório de Práticas Corporais e Políticas da Vida.

⁴ Para Meyer (2003, p. 22), a pedagogia cultural “decorre, exatamente, da ampliação das noções de educação e de educativo, e com ele se pretende englobar forças e processos que incluem a família e a escolarização, mas que estão muito longe de se limitar a elas ou, ainda, de se harmonizar com elas”.

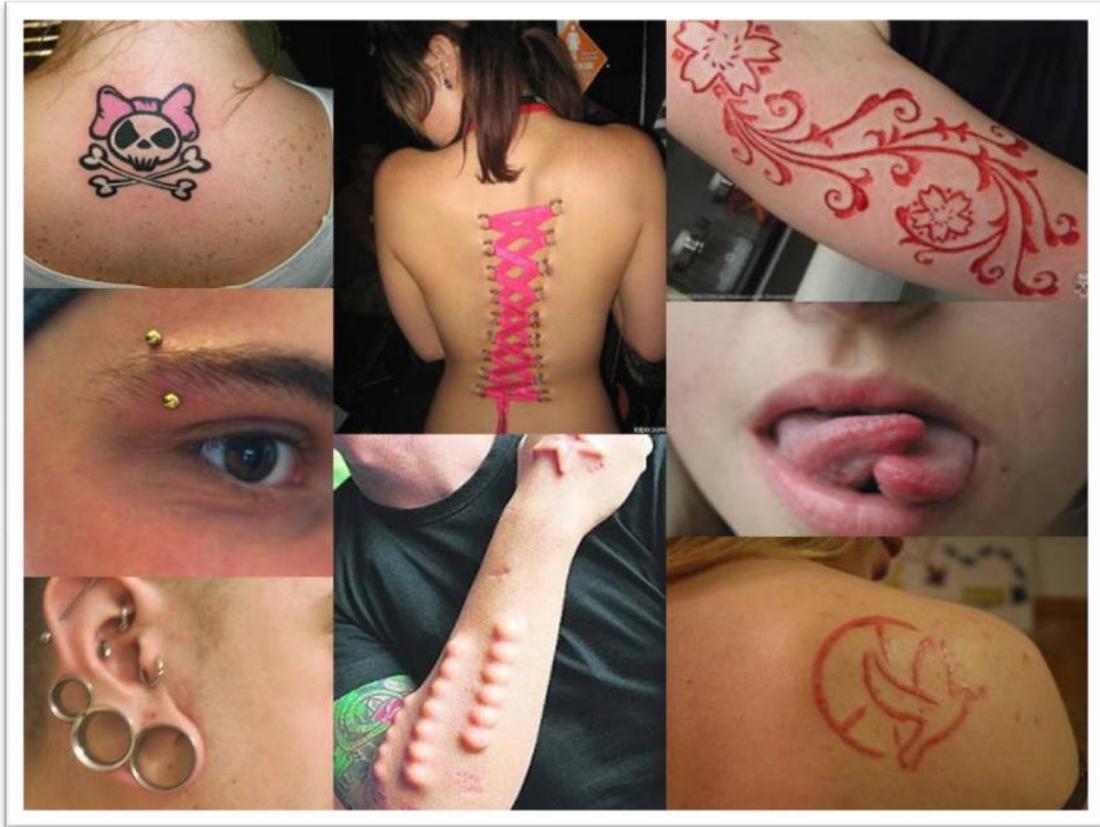


Figura 2 – Técnicas do *body modification*.

Fonte: www.google.com.br, 2015.

Em seguida, nos focamos na produção cultural dos sujeitos que inserem essas técnicas em seus corpos, sendo possível perceber uma espécie de generificação. Ao gênero masculino vão se direcionando determinadas técnicas, enquanto para o feminino, outras.

Especificamente tratando sobre os usos das tatuagens em homens e mulheres que frequentam academias de musculação, Sabino e Luz (2006, p. 254, 255) afirmam que

as tatuagens nas academias de musculação dividem-se em femininas, masculinas e unissex. Mulheres tendem a tatuar determinadas figuras, como rosas e flores em geral, estrelas, borboletas, lua, sol, personagens femininas de histórias em quadrinhos, beija-flores, gatos e fadas. Ideogramas, desenhos tribais, palavras e frases em letra gótica, símbolos da computação, códigos de barra, corações, duendes, deuses ou deusas mitológicos são símbolos inscritos tanto na pele de homens quanto de mulheres. Águias, cruzes, panteras, tigres, dragões, demônios, caveiras, armas, arame farpado, sereias, mulheres nuas, tubarões, esqueletos com foice e capuz e, principalmente, cães da raça pitbull, são tatuagens masculinas. Os locais do corpo também definem o gênero: mulheres costumam tatuar a nuca, a região lombar (principalmente as chamadas tribais), os seios, as nádegas e virilhas, às vezes omoplatas, pés e calcanhares. Já entre os homens os desenhos situam-se principalmente no

bíceps (em geral na parte exterior, mas também há desenhos na parte interior), costas, deltóide, antebraço e mais raramente abdômen, panturrilhas e peito.

Foi nesse momento em que o www.suicidegirls.com emergiu, especificamente, no correr do ano de 2009, enquanto me dedicava a estudar a produção de feminilidades a partir do *body modification*. Acessando sites de internet, essa página apareceu para mim: um fundo escuro, com flores cinza e mostrando imagens de mulheres nuas e seminuas com os seus corpos adornados com *piercings*, tatuagens, dilatadores, cabelos coloridos. A cada clic que eu dava no mouse, mais indagações emergiam, essas potentes e que fizeram com que modificasse o objetivo do trabalho.

O www.suicidegirls.com (FIGURA 3) é um sítio virtual que foi criado no ano de 2001, em Portland, Oregon, nos Estados Unidos, por uma fotógrafa norte-americana, Selena Mooney, comumente conhecida por Missy Suicide. Segundo ela, o intuito em criar esse espaço era promover uma beleza alternativa ou *freak*, a partir de ensaios sensuais e/ou eróticos de mulheres “da vida real” (www.suicidegirls.com, acessado em outubro de 2012).



Figura 3 – Layout www.suicidegirls.com.
Fonte: www.suicidegirls.com, 2012.

Para Missy, em entrevista concedida à revista norte americana *The Scene* (2014), o www.suicidegirls.com partiu da vontade de “suicidar” a beleza tradicionalmente criada nos anos 90 e 2000, cujo padrão era produzido com modelos magras, altas, de pele clara, sem marcas ou adornos corporais, cujo modelo corporal apresenta semelhanças ao da boneca *Barbie*. O “suicidar”, para a fotógrafa, abre espaço para outras formas de beleza, investindo principalmente em marcas da cultura *Pin-up*, que busca explorar a sensualidade das mulheres a partir da utilização de *piercings*, tatuagens, dilatadores e cabelos coloridos, por exemplo.

Com o objetivo traçado pela criadora, em fotografar mulheres que apresentem um estilo *Pin-up* ou “alternativo”, o www.suicidegirls.com, no ano de 2003, se torna um *site* que agencia modelos de diferentes culturas e etnias (FIGURA 4). Como abertura da página, aponta a seguinte frase: “*suicidegirls* é a comunidade que comemora a beleza e a cultura alternativa de todo o mundo”⁵. Nesse sentido, é possível afirmar que não apenas interessa à Missy uma beleza norte-americana, mas sim belezas diversas das mais variadas etnias.

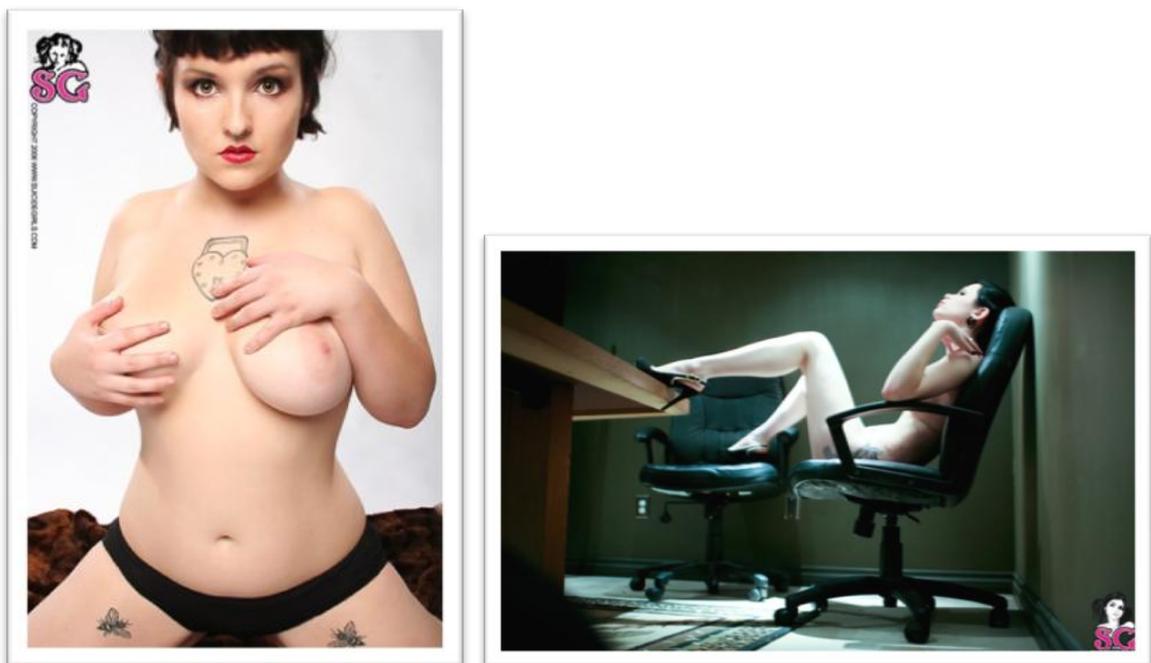


Figura 4 - Modelos do www.suicidegirls.com, sessão *Tour*,
Fonte: www.suicidegirls.com, 2011.

⁵ *SuicideGirls* is a community that celebrates **ALTERNATIVE BEAUTY** and alternative culture from all over the world.

O www.suicidegirls.com pode ser acessado de duas maneiras distintas: tornando-se sócio ou inserindo-se na seção *Tour*. Para àqueles que são associados ao *site*, é preciso pagar uma quantia que gira em torno de 48 dólares ao ano. Essa particularidade faz com que os sujeitos tenham acesso a grande parte daquilo que é oferecido, desde as fotos dos *sets*, vídeos, além de poder manter um contato maior com as modelos, através de uma espécie de *site* de relacionamento e grupos de discussão, bem como pelos comentários que esses sujeitos podem realizar.

A outra maneira pela qual se pode ter acesso é a partir da seção *Tour* (FIGURA 5), em que os sujeitos podem visualizar apenas algumas fotos, vídeos e entrevistas com as modelos. Além de tudo isso, ele dispõe de uma pequena loja virtual que comercializa a logomarca *SuicideGirls*. Nesse espaço, pode-se adquirir DVDs ou *blue ray* com as *performances* das modelos, álbuns, camisetas, revistas, calendários, *lingeries* e também *cartoons*, que contam algumas estórias.

Figura 5 – Layout da sessão *Tour* do www.suicidegirls.com,
Fonte: www.suicidegirls.com, 2012.

Esse espaço apresenta 2.601 modelos de diferentes etnias divididas em 5.389.612 fotos. Conta, ainda, com a presença de 38.068.859 comentários sobre os ensaios⁶.

Esse foi o encantamento inicial ao me encontrar com o *www.suicidegirls.com*: um espaço que foi criado por uma mulher, cujo foco era dar visibilidade para os corpos femininos, a partir de outras maneiras de produzi-los, no caso, com algumas marcas associadas ao *body modification*.

Com esses entendimentos sobre o *www.suicidegirls.com*, o trabalho que estava me propondo a realizar na época dizia respeito a minha pesquisa de mestrado que foi desenvolvida no Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Nela, o que estava em jogo era problematizar de que maneira estavam sendo produzidas as feminilidades sobre os corpos, a partir das técnicas do *body modification* em dois espaços em que a pedagogia atua diretamente, mesmo que de maneira informal: na rua e no *www.suicidegirls.com*. Para tanto, ele foi fundamentado pela perspectiva dos Estudos Culturais e de Gênero, utilizando a vertente pós-estruturalista, especialmente com alguns estudos baseados em Michel Foucault.

Mesmo com o objetivo proposto por aquela pesquisa, algo me incomodava: grande parte das imagens das modelos do *www.suicidegirls.com* remetiam a possibilidades de visualização da nudez, em alguns casos, de maneira explícita, mostrando partes dos corpos, como os seios, as pernas despidas, as nádegas. Outras vezes, apresentando uma nudez velada, insinuada a partir de um jogo de câmeras, luz e sombra, colocadas em posições estratégicas (FIGURA 6).

⁶ Dados extraídos de *www.suicidegirls.com* em 10 de junho de 2014.



Figura 6 – Nudez das modelos, sessão *Tour*,
Fonte: www.suicigirls.com, 2011.

Na busca por tentar compreender essa nudez, me deparo com uma entrevista concedida pela criadora desse *site* à revista norte-americana online *Inked Magazine* (2008). Em um trecho da entrevista ela fala que *“tem algo de poderoso e belo nas fotos das Pin-ups dos anos 50 que achava que estava faltando na erótica moderna”*.⁷ A partir desse momento, especificamente, pela declaração realizada pela Missy, começo a suspeitar de que o www.suicidegirls.com pode ser considerado como um espaço que busca produzir corpos femininos eróticos. Entretanto, minha inquietação continuava, pois queria entender minimamente o que era tomado por erótico, uma vez que, ao olhar as fotos expostas nesse *site*, somente me remetiam a uma insinuação à nudez das modelos ali expostas. Seria a nudez uma característica do erótico?

Nesse momento, me voltei às leituras de alguns textos, com o objetivo de tentar apontar algumas pistas para o que poderia estar sendo considerado como erótico.

⁷ *“There’s something empowering and beautiful about the pinup photos of the ‘50s that I through was missing in a modern erotica.”*

Abreu (1996), bem como o Bueno (1968) em seu dicionário etmológico de língua portuguesa tecem alguns apontamentos que ligam o erótico ao mito de Eros, o qual é considerado o Deus do amor e do desejo. A maneira como essa ligação está sendo colocada nos textos apresenta um sentido de origem: “vem de Eros”, está no dicionário etmológico de língua portuguesa (1968) e “oriundo do Deus grego Eros” coloca Abreu (1996). Além disso, os teóricos não realizam uma mínima discussão em torno dessa afirmação, como que somente ela fosse suficiente para explicar a relação entre o erótico e esse mito⁸.

Já Bauman (2008), Giddens (1993), Bataille (1987), Sibília, (2013), Felipe e Guizzo (2003) não anunciam o mito de Eros em seus estudos, entretanto, é possível perceber um certo entrelaçamento entre o erótico, erotismo, ao amor, ao desejo, ao sexo e à sexualidade.

Dentre as definições trazidas pelos teóricos, destaco as seguintes:

Para Giddens (1993, p. 220), “o erotismo é a sexualidade reintegrada em uma ampla variedade de propósitos emocionais, entre os quais o mais importante é a comunicação”.

Bauman (2008, p. 276) aponta que

há uma guerra de independência entre o sexo, amor e o erotismo, por mais que haja uma forte ligação entre eles. Suas fronteiras são contestadas de forma bastante acaloradas, mesmo que não tenha clareza entre essas fronteiras. Seus discursos são confusos e inóspitos.

Bataille (1987, p. 11), por sua vez, aponta que

só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças.

Por fim, Sibília (2013), Felipe e Guizzo (2003) identificam o erotismo funcionando em propagandas e programas midiáticos, associando-o à sensualidade e ao desejo. Essa afirmação se torna possível, pois, segundo as autoras, nesses espaços, há exposição de imagens de mulheres seminuas ou nuas, em poses consideradas sensuais ou de crianças com determinadas roupas e posições, além

⁸ Essas afirmações que os autores colocam em seus trabalhos me causaram um estranhamento, pois elas não apresentam, a meu ver, um caráter de desconfiança, aceitando-as, sem um mínimo de discussão.

de sites de internet ou revistas que estão sendo classificadas como eróticas, por mostrarem uma sensualidade e despertar o desejo alheio.

Fazendo uma reflexão sobre o movimento que fiz até esse momento e me deixando guiar por algumas leituras feitas em Foucault e Deleuze, passo a desconfiar de algumas das ideias que estão sendo produzidas sobre o erotismo pelos teóricos até aqui elencados. Desconfiar não significa em nenhum momento negar as ideias, os saberes que foram produzidos por esses autores, pois há um investimento e intencionalidades para a criação dessa forma de pensar o erotismo⁹.

O meu estranhamento e minha desconfiança está na maneira regular com que essa forma de pensar se espalha: associar o erotismo ao mito de Eros, a atributos da sexualidade, ao desejo, a sensualidade e ao amor torna-se normal, recorrente. Algumas das noções que são trazidas por eles parecem que pouco estão sendo questionadas, problematizadas, em outras palavras são aceitas sem uma maior discussão. Nesse sentido, emerge o seguinte questionamento: será que todas as formas de produção do erotismo, discutido a partir de um olhar científico, trabalham da mesma forma, ou seja, tecendo relações com o Mito de Eros, associando à sensualidade, ao desejo, ao ato sexual, à sexualidade e/ou amor?

A partir desse questionamento, procuro assumir uma atitude de não considerar o erotismo enquanto algo dado ou aceitar apenas essas definições como respostas, mas manter o pensamento inquieto. Fonseca (2004, p. 47) coloca que “o pensamento, para inquietar-se, quase sempre precisa ser incomodado, ou ainda, que quanto mais o pensamento for incomodado, tanto mais poderá vir a inquietar-se”.

Essa minha inquietação em relação às noções que estão sendo produzidas acerca do erótico e seu conseqüente desdobramento, no caso, o erotismo, acabaram alimentando cada vez mais a minha curiosidade. Essa, compartilhada a partir de uma ideia produzida por Foucault (2008b). Para ele e para

⁹ Reitero aqui que suspeito, entretanto não nego a utilização dessas maneiras de pensar o erotismo. Tanto não nego que me utilizo em alguns momentos do erotismo pensado dessa forma. Um exemplo está na folha de rosto desse trabalho: uma imagem que me acompanha desde que passei a estudar o erotismo, a qual remete a obra de Antonio Canova, Eros e Psiquê, exposta no Museu do Louvre, em Paris, França. Nesse caso, não há como negar a funcionalidade e o valor científico que os estudos mitológicos apresentam até hoje, especialmente em estudos da psicologia, que aceitam e produzem muitos de seus saberes a partir desses estudos.

mim, não importa uma curiosidade qualquer, fútil, mas àquela que vale a pena ser investida, pois inquieta e acaba movimentando o pensamento, levando-o a estranhar algumas questões que são consideradas como naturais, familiares, as quais nos circundam.

Em outro momento, especificamente em um fragmento da História da Sexualidade 2, Foucault (2007a, p. 13) aponta que o

motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo.

Em outras palavras, não importa para esse trabalho uma curiosidade especulativa, que busca sustentar uma ideia a partir de um “lugar nenhum” ou de hipóteses sem fundamentos, mas uma curiosidade que emergiu de suspeitas que foram sendo produzidas, do encontro com algumas leituras sobre o erotismo e do contato com o *www.suicidegirls.com*. Desconfiança pelas ideias que, em grande parte das vezes, aparecem sob forma recorrente em textos de diferentes teóricos ou então sem um mínimo de estranheza/suspeita.

Assim, com um olhar que se mostra curioso a todo o momento e movida pelo questionamento lançado anteriormente, procuro tecer apontamentos na maneira pela qual o erotismo vem sendo produzido em outro espaço. No caso, o recorte foi realizado em um espaço que tem a pretensão de ser científico: a Scielo Brasil. Ele se torna um importante lócus de pesquisa pelo fato de haver poucas desconfianças sobre ele, ou seja, os diversos saberes que estão sendo produzidos ali assumem um status de validação, funcionando nos espaços sociais, quase sem questionamentos.

Além disso, há a possibilidade de pensar, a Scielo Brasil enquanto um espaço que é pedagógico, difundindo saberes que são produzidos sob o rótulo de científico, ela tem a pretensão de educar os sujeitos. Com a criação dos mais variados saberes, esses se tornam responsáveis por pedagogizar de uma maneira que é considerada como correta. Os saberes científicos, nesse sentido, acabam tendo esse foco: produzem verdades sobre um modo correto dos sujeitos estarem no mundo.

Algo que senti dificuldade de realizar, ao longo desse estudo, foi o recorte do espaço que ia me dedicar a estudar, pelo fato de ainda considerar o *www.suicidegirls.com* um espaço potente para pensar a produção do erotismo, especialmente no que confere aos corpos femininos. Nesse sentido, durante boa parte da minha trajetória enquanto aluna de doutorado, especificamente até início do ano de 2014, ainda estava considerando tecer discussões, assumindo enquanto lócus de pesquisa, tanto o discurso midiático presente no *www.suicidegirls.com* quanto o discurso científico presente nos periódicos da Scielo Brasil. Entretanto, ao adentrar a massa documental dos artigos científicos que tratam do erotismo na Scielo Brasil, pude verificar que, assim como o *www.suicidegirls.com*, precisaria de uma dedicação densa, os artigos também demandariam a mesma intensidade, não conseguindo realizar os investimentos adequados para ambos os espaços.

Por uma questão de escolha, para esse momento de finalização de um trabalho acadêmico, estou me dedicando apenas ao discurso científico presente nos artigos que tratam sobre o erotismo na biblioteca eletrônica Scielo Brasil. Não que tenha abandonado em absoluto os estudos sobre o *www.suicidegirls.com*. Apenas o guardei para investimentos que possivelmente serão realizados em um futuro que considero bastante próximo, pois esse espaço ainda é apaixonante, no sentido de ainda me inquietar e alimentar a minha curiosidade.

RELAÇÕES EM JOGO: SOBRE A SCIELO BRASIL E A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO CIENTÍFICO

Tenha por fim a coragem de levar a minha suspeita até às suas últimas consequências e de arriscar a dizer: até o momento, em toda filosofia, a questão não foi a “verdade”, mas algo diferente, digamos a saúde, o futuro, o crescimento, a força, a vida...

Nietzsche, 2011

Como dito anteriormente, a escolha pela Scielo Brasil, enquanto corpus de análise, não se deu ao acaso, mas foi disparado a partir de uma curiosidade minha e por considerar que ela pode ser um importante lócus analítico, pois contém um grande acervo de periódicos e artigos científicos, onde circulam diversos saberes sobre diferentes temáticas, as quais vão compondo parte de um determinado discurso: o científico. Não que outros espaços também não sejam relevantes para pensar a produção dos saberes, como, por exemplo, o *www.suicidegirls.com*, entretanto, mesmo que outros discursos também pedagogizem os sujeitos, é o discurso científico que ainda hoje é aceito e legitimado enquanto um discurso verdadeiro. Assim, é possível associar às ideias que são lançadas pelo discurso científico a muitas verdades, as quais apontam modos de ser e estar dos sujeitos no mundo.

Foucault (2010a, p. 54) afirma que um discurso não é apenas um emaranhado de palavras que buscam dar significado às coisas ou meramente um conjunto de signos, uma vez que eles remetem à representação de objetos, mas enquanto uma prática produzida pelos sujeitos, que vai determinando os objetos dos quais está se falando. Para ele, “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”.

Segundo Fischer (2012, p. 75), o “mais” da qual Foucault assume enquanto central em um discurso estaria

para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera ‘expressão’ de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria.

Além disso, enquanto práticas que produzem os objetos, não é de toda e qualquer prática que está se falando, pois, como Foucault (2009a, p. 09) afirma “a produção do discurso acaba sendo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.”

Para Foucault, pouco importa a interpretação, o sentido representativo e/ou o significado que é atribuído às coisas ou aos fenômenos. O discurso é produzido por entre as tramas de uma rede, nas visibilidades de uma superfície e não a partir daquilo que está oculto ou escondido. O que ele (2008c, p. 146) vai tentar, a partir de seus estudos, é “definir relações que estão na própria superfície dos discursos; [...] tornar visível o que só é invisível por estar muito na superfície das coisas.” A dificuldade em analisar os discursos estaria na própria forma de observar àquilo que de mais óbvio está sendo produzido, em outras palavras, seria olhar com curiosidade e estranheza para tudo aquilo que pareça familiar, natural.

O que está em jogo em um discurso são os saberes que nele e a partir dele são produzidos. O saber pode ser considerado enquanto uma das três “dimensões”¹⁰ (DELEUZE, 2010, p. 119) exploradas pelo pensamento de Foucault ao longo de seus estudos. Para Deleuze (2010, p. 119), “o saber é feito de formas, o Visível, o Enunciável, em suma, o arquivo”, ou seja, os saberes estão atrelados à história do pensamento.

Foucault (2010a) não considera os saberes enquanto coisas dadas ou oriundas de descobertas, mas enquanto positivities de uma produção, as quais não fixam limites ou definem os seus recortes. Nesse sentido, são eles os elementos que estão envolvidos na produção de um discurso, no caso desse trabalho, o

¹⁰ Deleuze (2010) coloca que o saber, juntamente ao poder e ao sujeito, são as três dimensões do pensamento de Foucault. Esse empreendimento, a partir de Deleuze, foi explorado sucessivamente a partir de uma vontade de criação do autor.

científico. O teórico (2010a, p. 205) anuncia que “o saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas.” Deleuze (2005, p. 61), sobre o saber em Foucault, afirma que ele é formado apenas por práticas ou positivities: “práticas discursivas de enunciados, práticas não-discursivas de visibilidades.”

Ainda é possível apontar que o saber não pode ser considerado enquanto ciência ou sendo apenas produzido por ela. “O saber não é ciência, nem mesmo conhecimento; ele tem por objeto as multiplicidades anteriormente definidas, ou melhor, a multiplicidade exata que ele mesmo descreve, com seus pontos singulares, seus lugares e funções”, dirá Deleuze (2005, p. 30).

Para uma possibilidade de definição do saber, Foucault (2010a, p. 204) traça algumas características:

a esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber*. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico [...]; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...]; um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...]; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso [...]. Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma.

Assim, é possível afirmar que são saberes que estão sendo acionados quando se fala na Scielo Brasil. Ou seja, mesmo não podendo ser considerada como produtora de um discurso, ela exerce a função de dar visibilidade à parte daquilo que está sendo apresentado sob o rótulo de científico, a partir dos artigos que são publicados nos seus diferentes periódicos. Os saberes são elementos que estão sendo produzidos ali e que tem a pretensão de se tornarem validados e com funcionalidades nos espaços sociais.

Entretanto, para que os saberes sejam validados e funcionem não se pode levar em consideração apenas o que está sendo dito, isso porque a produção de um discurso é composta por saberes, mas esses precisam entrar em uma ordem

discursiva para que se tenha certa validação. Nesse sentido, Foucault nos aponta que existem relações de poder envolvidas na produção de saberes.

Em 1977, Foucault (2010b) já afirmava, em uma entrevista, que mesmo em seus estudos iniciais, ele já estava suspeitando de que não era meramente sobre uma analítica do saber que se tratava, mas que havia outro problema envolvido: o do poder.

Nas palavras do autor (2010b, p. 224)

durante muito tempo acreditei que aquilo de que eu corria atrás era uma espécie de análise dos saberes e dos conhecimentos, tais como podem existir em uma sociedade como a nossa: o que se sabe da loucura, o que se sabe da doença, o que se sabe do mundo, da vida? Ora, não acredito que esse era meu problema. Meu verdadeiro problema é aquele que, aliás, atualmente, é o problema de todo mundo: o poder.

Nesse sentido, é possível afirmar que há uma espécie de engendramento entre saberes e poderes que estão envolvidos na produção de discursos. Foucault, na mesma entrevista, acaba lançando uma pergunta que possibilita pensar que para determinadas épocas e espaços existem regras que precisam ser obedecidas, e que nesse regramento existe uma relação entre o poder e o saber envolvido. Questiona ele (2010b, p. 226) “a qual regra somos obrigados a obedecer, em uma certa época, quando se quer ter um discurso científico sobre a vida, sobre a história natural, sobre a economia política?”

Com as afirmativas e questionamentos feitos anteriormente, é possível pensar em outra interrogação: como o poder está sendo constituído?

Dentre as inúmeras definições que podem ser pensadas para o poder, é na “História da Sexualidade I: a vontade do saber” àquela que estou me centrando, pois é um dos momentos em que Foucault acaba detalhando a maneira pela qual há o entrelaçamento entre a produção de discursos, os saberes e poderes envolvidos.

Primeiramente, Foucault (2007b) coloca o que ele não assume enquanto poder. Não que ele negue a existência dessa maneira de entendê-lo, mas há a possibilidade de outras formas de vislumbrá-lo. Nesse sentido, não é sobre “O poder” que Foucault está falando, ou seja, um órgão/ sistema único e global que esteja atrelado a um sistema de dominação, a uma instituição ou a um regramento,

no qual busca assujeitar os indivíduos, até porque, o autor considera que esse poder seja apenas um efeito das mais variadas formas de relações.

Na perspectiva em que trabalha, poder, para Foucault (2007b), pode ser visto como estando por toda a parte, assumindo as mais variadas formas, podendo estar emergindo de diferentes espaços. Nesse sentido, não há uma centralidade marcada por uma posição assumida ou uma instituição que o execute.

Nas palavras do autor (2007b, p. 102, 103)

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as colocam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. [...] é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. [...] se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. [...] O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.

Assim, a partir das leituras realizadas em Foucault e Deleuze, no que confere à produção do discurso, esse sendo produzido e atravessado pelas mais variadas relações existentes entre o saber e o poder, é possível considerar a Scielo Brasil¹¹ não enquanto um discurso, mas enquanto um espaço virtual que funciona como uma espécie de biblioteca, na qual compila uma série de publicações realizadas em periódicos científicos brasileiros. Em outras palavras, ela aciona parte de um discurso o qual está sendo produzido sob um rótulo de científico e tem como objetivo disseminar os saberes que ali estão locados.

Enquanto uma biblioteca eletrônica, ela foi criada em 1998, como resultado de um projeto realizado entre o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), além de, nos últimos tempos, contar com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

¹¹ Todos os dados sobre a Scielo Brasil, contidos nesse trabalho, foram retirados da própria página de acesso: <http://www.scielo.org>, acessado em 23 de janeiro de 2014.

Apresenta, enquanto objetivo,

implementar uma biblioteca eletrônica que possa proporcionar um amplo acesso a coleções de periódicos como um todo, aos fascículos de cada título de periódico, assim como aos textos completos dos artigos. O acesso aos títulos dos periódicos e aos artigos pode ser feito através de índices e de formulários de busca. (www.scielo.org, 2014)

Essa biblioteca é mantida a partir do livre acesso, ou seja, qualquer pessoa que tiver o interesse em pesquisar algum assunto de cunho científico específico pode acessá-la, sem a necessidade de um cadastramento prévio, nem mesmo de pagar alguma quantia financeira. Além disso, ela também apresenta uma maneira facilitada na busca pelos trabalhos ali publicados, ou seja, digitando a temática ou a autoria desejada, logo será remetido aos artigos existentes na coleção de periódicos.

A lista dos periódicos que faz parte da Scielo está dividida em diferentes áreas, as quais são: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguísticas, Letras e Artes. Atualmente, ela conta com 1.149 (mil cento e quarenta e nove) periódicos distribuídos por essas áreas. Desses, estão publicados 31.844 (trinta e um mil, oitocentos e quarenta e quatro) fascículos e 466.439 (quatrocentos e sessenta e seis mil, quatrocentos e trinta e nove) artigos.

A partir desses atributos que compõem a Scielo Brasil, o que se torna relevante de ser considerado em relação a ela, não é meramente o fato dela se sustentar a partir do livre acesso ou na maneira facilitada de buscar pelos artigos e/ou periódicos. Pensar a Scielo Brasil enquanto um locus importante de pesquisa é poder visualizá-la como um espaço para a fabricação e principalmente divulgação de parte dos saberes que estão sendo produzidos cientificamente. Em outras palavras, a partir da gama de periódicos que dela fazem parte, dentro das mais variadas áreas, ela busca produzir e legitimar saberes sobre as mais diferentes temáticas que circulam nos espaços sociais, acionando o discurso científico.

Nesse sentido, sem a pretensão de entrar nas minúcias dessa biblioteca eletrônica, o que importa para esse trabalho, é pensá-la enquanto uma ferramenta que ativa parte de um discurso, o qual é privilegiado para a propagação dos mais variados saberes produzidos nas diferentes áreas e que buscam se sustentar nos

espaços sociais, a partir de suas verdades criadas. Entretanto, na Scielo Brasil não é qualquer discurso que está sendo acionado, trata-se do discurso científico, que é arquitetado por sujeitos com o intuito de legitimar alguns saberes que orientem as ações cotidianas nos espaços sociais.

No caso desse trabalho, movida pelas desconfianças já apontadas, meu interesse passou a ser discutir algumas relações de saber e poder que estão sendo produzidas sobre o erotismo, a partir do discurso científico acionado pela base de dados Scielo Brasil. Para tanto, foram utilizados, enquanto corpus de análise, 68 (sessenta e oito) artigos que emergiram a partir da inserção dos termos erotismo e erótico, na sessão “pesquisar por assunto” da Scielo Brasil, no primeiro semestre de 2013.

Nessa busca, apareceram 34 (trinta e quatro) artigos para o termo erótico e 24 (vinte e quatro) para erotismo. Entretanto, ao inserir o termo erotismo, outras sugestões também foram aparecendo, como erotismo anal – 01(um) artigo; erotismo sagrado – 01 (um) artigo; erotofobia – 01 (um) artigo; erotizada – 01 (um) artigo e erotomania – 06 (seis) artigos (ANEXO 1).

Primeiramente, considerei que somente assumindo os dois primeiros termos seria uma forma de construir um panorama geral acerca da temática, entretanto, aguçada pela curiosidade, fiquei pensando nesses outros termos, nas adjetivações que são colocadas, demarcando, com isso, algumas especificidades. Assim, acabei adotando-os também como parte do trabalho, permitindo uma maior exploração de elementos que possam se tornar importantes para pensar o erotismo na Scielo Brasil.

Dos 68 artigos que ainda tinha nesse momento do estudo, a partir do cruzamento entre os títulos dispostos, percebi que alguns se repetiam. Fazendo esta depuração, acabei chegando ao número de 58 (cinquenta e oito) artigos, ou seja, 10 (dez) eram recorrentes entre um termo e outro.

Enquanto olhava para aquilo que estava se apresentando nos artigos, pensava na maneira pela qual poderia estar operando com eles, no sentido de como proceder com a análise dos mesmos. Lembrei-me, mais uma vez, de uma fala de Foucault (2008a, p. 152), que me acompanha há algum tempo, quando o mesmo

apontou que “o interessante não é ver que o projeto está na base de tudo isto, mas em termos de estratégias, como as peças foram dispostas”.

Com isso, pensando nesses 58 artigos, na maneira pelas quais eles foram sendo apresentados, os espaços e os períodos em que foram publicados, procurei voltar o olhar para alguns elementos que possibilitassem pensar em algumas formas pelas quais o erotismo estivesse sendo operado em cada um deles e que pudessem fornecer algumas pistas para discutir como ele é passível de ser operado nos periódicos armazenados nessa biblioteca eletrônica.

POR UM DEVIR METODOLÓGICO: EXPERIMENTAÇÕES DE UMA EMPIRIA CEGA

Toda a obra comporta uma pluralidade de trajetos que são legíveis e coexistentes apenas num mapa, e ela muda de sentido segundo aqueles que são retidos. Esses trajetos interiorizados são inseparáveis de devires. Trajetos e devires, a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define assim, invocando Dionísio como o deus dos lugares de passagem e das coisas de esquecimento.

Gilles Deleuze, 2011

Aprendi que uma pesquisa precisa ser aguçada pela curiosidade. Não uma curiosidade infantil, inocente, mas aquela que alimente os nossos sentidos e provoque o nosso pensamento constantemente, deixando-o inquieto. Essa tese, como dito em um momento anterior, está sendo movimentada a partir de uma curiosidade.

Além disso, aprendi também que fazer pesquisa não deve ser algo forçado e doloroso, produzido por uma negatividade, mas que seja repleto de paixão, de sentidos e, para que isso seja possível, talvez se torne necessário, por exemplo, ultrapassar os limites impostos por uma metodologia única/fixa, ou seja, que se utilizem de outros modos de fazer, que estejam de acordo com os questionamentos que vão sendo produzidos no correr do estudo.

Por fim, é preciso mencionar que aprendi a fazer pesquisa a partir dos grupos¹² pelas quais me inseri desde a graduação e neles o que embasava teoricamente era o pós-estruturalismo, ou seja, as leituras e estudos que realizei nesses grupos apresentavam esse suporte teórico. Nesse sentido, assumo o pós-estruturalismo enquanto base teórico-metodológica para desenvolver essa tese.

¹² Grupo de Estudos Sexualidade e Escola e Observatório das Práticas Corporais e Políticas da Vida.

Os estudos pós-estruturalistas não apresentam como objetivo se fixar a um único modo de fazer pesquisa, nem mesmo têm como foco uma pretensa neutralidade científica¹³. Esses estudos procuram ser conduzidos a partir de uma maneira diferenciada, sendo realizados no cotidiano do estudo e não com definições a priori.

Pensar em pós-estruturalismo não é negar a existência de uma estrutura, mas sim que essa não seja fixa, que não busque uma universalidade que sirva a outras investigações, que funcione como um estatuto de verdade, sendo meramente reproduzida em diferentes estudos e áreas do saber. Considerar uma estrutura, nesse caso, é levar em conta que ela precisa ser montada no correr do estudo, orientada por aquilo que a pesquisa vai pedindo, levando em consideração que constantemente podem ser atravessadas por descontinuidades e linhas de fuga, as quais podem emergir ao longo do caminho.

Dois teóricos que me utilizo para pensar essa tese e que, por vezes, até mesmo são enquadrados como pós-estruturalistas, pelos modos pelos quais executam seus estudos, são Gilles Deleuze e Michel Foucault. Ambos trabalham sem apresentar uma metodologia definida a priori, com os caminhos a serem seguidos fidedignamente. Além disso, eles ainda pedem para que seus modos de produzir conhecimento não sirvam de modelos teóricos para ninguém, uma vez que as suas pesquisas são únicas, por isso, utilizaram determinadas estratégias e ferramentas metodológicas e não outras. É preciso vislumbrar o que se deseja com uma pesquisa, para que ela vá desenhando os caminhos possíveis de serem seguidos e as suas estratégias metodológicas.

Especificamente sobre Foucault, Willians (2013) aponta que o teórico acaba constantemente enfatizando sobre a mobilidade que produz nos trabalhos que desenvolveu, buscando ir na contramão de pressupostos que fixam determinadas teorias e métodos. Ainda, segundo Willians (2013, p. 169), assim “como Deleuze e Derrida, ele busca meios de evitar a construção sob normas e categorias, mas sem ter que apelar a novas normas e categorias para evitar outras.”

¹³ Para Foucault (2010b, p. 229), “os estruturalistas dos anos 50, 60, tinham essencialmente como alvo definir um método que fosse, senão universalmente válido, ao menos geralmente válido para toda uma série de objetos diferentes: a linguagem, os discursos literários, os relatos míticos, a iconografia, a arquitetura...”

Foucault, em uma entrevista concedida em 1977, colocou que nas pesquisas que desenvolveu até aquele momento, não conseguiu estabelecer possibilidades para definir um caminho, um percurso ou uma teoria em geral pela qual estivesse se embasando. Assim, acabou assumindo uma atitude de pesquisa que ele nomeou como de “empirista cego” (2010b, p. 229), por essa impossibilidade de definição metodológica que sempre foi produzida em seus estudos.

É essa a postura que tenho procurado assumir para essa tese: trabalhando a partir de uma empiria que é cega, ou seja, de um experimentar os caminhos pelas quais os questionamentos vão lançando. Essa é a cegueira, que Foucault nomeia. Cegueira pelo fato de não ser possível saber que caminho seguir, sem que já esteja inserido no campo empírico. O cego, em um campo desconhecido, vai tateando, espreitando, experimentando, aguçando a sensibilidade, buscando os caminhos possíveis de serem seguidos. É assim que tenho aprendido a fazer pesquisa: saber ouvir o campo, o que ele afirma, o que ele questiona. Ir experimentando ferramentas e estratégias que podem ser úteis e potentes, sem definições prévias.

Nas palavras de Foucault (2010b, p. 229-230)

Não tenho teoria geral e tampouco tenho um instrumento certo. Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que não são destinados a fazer aparecer objetos. [...] eu me conduzo de maneira totalmente insensata e pretenciosa, sob aparente modéstia, mas é pretensão, presunção, delírio de presunção, quase no sentido hegeliano, querer falar de um objeto desconhecido com um método não definido. Então, visto a carapuça, sou assim...

Nesse sentido, tento evitar, nessa tese, a utilização de métodos investigativos prontos e acabados, cuja pretensão é fazer de uma pesquisa algo fiel, neutra e que produzam dados que signifiquem ou representem a realidade, mostrando possíveis verdades inquestionáveis. Formas de pesquisar que considero como sendo aprisionadas pelo tempo e que limitam a ação dos sujeitos, pois definem precisamente os passos que precisam ser dados, pois, para mim, esses métodos são gélidos, sem uma abertura para experimentar, nem mesmo o sentir do pesquisador. Sua ação resume-se, meramente, no executar os passos que um determinado método indica: como o personagem de Charles Chaplin, em Tempos Modernos, que somente realiza uma ação, sem experimentar, nem pensar em algo que possa ser diferente.

Para Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 10),

a metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida.

Ao contrário desses *metá hodos*, métodos investigativos que são definidos a priori, Rolnik (2002) nos fala sobre a obra *Estruturação do Self*, de Lygia Clark, em que a artista propõe outros modos do fazer artístico, atravessados pelo sensível. Reconheço que Rolnik, a partir de Lygia Clark, está falando de arte e eu de um modo de fazer ciência, mas o que se torna interessante é o fato dela não considerar essa obra enquanto o objeto final, mas sim apenas parte de todo um processo que é denso, repleto de investimentos e sentidos.

O fazer artístico, o sensível, para ela, torna-se mais ou tão potente quanto uma obra/resultado final, até porque, nessa obra em específico, não se tem um resultado materializado em um objeto que signifique algo, mas sim nos agenciamentos que são produzidos pelos diferentes corpos, pelo encontro com o sensível ao longo do processo.

Nas palavras de Rolnik (2002, p. 272),

fica mais explícito que a arte não se reduz ao objeto que resulta de sua prática, mas ela é essa prática como um todo: prática estética que abraça a vida como potência de criação em diferentes meios onde ela opera. Seus produtos são apenas uma dimensão da obra e não “a” obra: um condensado de signos decifrados que introduz uma diferença no mapa da realidade.

Assumindo a empiria cega enquanto uma atitude, busco aproximar o sensível aos diferentes instrumentos/ferramentas que estou me utilizando para realizar essa tese, pois é impossível negar a existência de um pesquisador, de um sujeito que é agenciado e produzido constantemente por aquilo que está ao seu entorno. A pesquisa, nesse sentido, também é atravessada por aquilo que produz o pesquisador: suas visões políticas, religiosas, estéticas, filosóficas, ideológicas e científicas, por exemplo.

Isso é considerado nesse estudo: se um sujeito é constantemente atravessado por ideias que o rodeia, como definir um método de pesquisa a priori e, principalmente, imbuído de uma pretensa neutralidade?

Assim, reitero que não utilizei aqui método de pesquisa pré-definido, delimitando as suas bordas, com agrupamento de elementos que projetam alguma coisa, que será respondida em um futuro próximo, dentro de um prazo estipulado. Pensar em um objeto, naquilo que se quer dele, e, especialmente, estabelecer claramente como proceder para que um objetivo pré-estabelecido a priori seja respondido, são alguns dos passos esperados para toda e qualquer pesquisa, exceto para essa.

Ainda sobre essa ideia, ao me encontrar com um trecho, em específico, do texto “Uma arte de plantador”, escrita por Gilles Deleuze (2013, p. 217), em 1974, ele me apontou, mais uma vez, para o fazer diferente e especialmente na potência que isso carrega. Diz ele:

Vê-se o diretor rir, falar, mostrar alguma coisa; a equipe, agenciar tal ou qual conjunto. Teme-se que seja, mais uma vez, um jeito de, no filme, introduzir o filme que está se fazendo. Felizmente é outra coisa. A abertura não é nem um pouco longa. Há nesse filme uma mobilidade da câmera que parece muito nova. É uma maneira de plantar. Não cravar a câmera sobre seus pés, mas plantá-la rapidamente, em pouca profundidade de um solo ou de um terreno, e transportá-la alhures para replantá-la. Uma arte do arroz: a câmera bica o solo, de um salto volta a bica-lo mais além. Nenhum enraizamento, mas bicadas. No próprio filme, a câmera, a equipe e o diretor surgirão de repente bem ao lado de um casal fazendo amor: não é um efeito “literário”, nem uma reflexão da filmagem no filme, mas a câmera se vê porque está plantada aí, bicando aí, para logo em seguida ir alhures.

O que me encanta nesse excerto, trazendo-o juntamente com as ideias produzidas por Foucault e Rolnik, é o fato de que ele remete a alguns termos como o riso, o agenciamento, a mobilidade, o transporte, o replantar, o salto, os alhures. Enquanto tais, eles me fazem pensar mais uma vez que pesquisar é um processo, é aproveitar-se daquilo que há de produtivo em determinadas situações, sem chegar a um esgotamento, a um cansaço, mas se aproveitando delas por fornecerem pistas que se tornam produtivas ao pensamento. Em seguida, quando não mais ofertarem risos, parte-se para outra situação, plantando em outros solos, utilizando-se, por vezes, de outras sementes que sejam fecundas e não fazem desse processo um hábito.

Dentro de tudo isso, o experienciar torna-se uma ferramenta importante nesse movimento, mas de que maneira?

Experienciar modos de fazer que possibilitem dar passos a frente, retornando, dobrando aqui ou ali, estando sempre a espreita, sabendo esperar e buscando àquilo que há de mais potente para a pesquisa naquele momento.

A partir de Larrosa (2002), penso a experiência como um andar na corda bamba, se arriscando, tateando, se colocando, por vezes, em perigo durante uma travessia. Ela está no cruzamento entre os conhecimentos e vivências do próprio pesquisador que já foram vividas e àquelas que estão por vir. Cabe a ele – pesquisador - estar receptivo, aberto e sensível para prová-las/ experienciá-las.

Para o teórico (2002, p. 21), a experiência diz respeito àquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, possibilitando assim a própria transformação do pesquisador. Nesse sentido, ela funciona na singularidade de cada um: não é possível aprender a experiência do outro, nem mesmo ela pode ser repetida, pois é única e temporal. O acontecimento pode ser o mesmo para dois sujeitos, entretanto, o modo experienciado será diferente para ambos, pois está ligado diretamente às singularidades, às vivências e aos conhecimentos de cada um.

Por fim, Larrosa (2002, p. 28) aponta que “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem ‘pré-dizer’”. Em outras palavras, não há uma previsão do que se pode experienciar, o que importa é a espreita, estar atento e aberto para todos os momentos e possibilidades que a pesquisa vai mostrando, a partir dos mais variados encontros que estão sendo produzidos.

Um modo pelo qual estou materializando as experiências desse trabalho é a partir de um exercício de escrita que se dá em processo, ou seja, que está sendo construída a partir da utilização de algumas pistas que vou encontrando pelo caminho. Não se trata de uma escrita linear, enquadrada em alguma formatação prévia – mesmo que no final ela esteja enquadrada -, mas estando em ziguezague, sem a preocupação com o ir e vir ou dar voltas até encontrar as pistas mais adequadas. Meu interesse está em encontrar essas pistas a partir de um processo

que está se construindo nos contornos que a própria pesquisa está fazendo, com as experiências que vão sendo vivenciadas, sem um planejamento prévio.

Mora (2013), em seu dicionário filosófico, realiza uma breve contextualização filosófica, apontando algumas maneiras pelas quais a noção de processo foi sendo construída. Para ele, o processo é visto enquanto um movimento não substancial, mas sim de fluência e funcionalidade. Na contemporaneidade, processo parece ter sido empregado em contraposição ao de substância, ou seja, àquilo que é assumido como natural, que está dado, não passível de modificações.

Além disso, o teórico (2013, p. 231) coloca que há a necessidade de se diferenciar a noção de processo do de evolução e de progresso. Para ele, o processo se diferencia “da evolução, que é a passagem de um estado a outro estado segundo uma lei de expansão ou desenvolvimento; por outro, deve distinguir-se do progresso, que pode considerar-se como um processo ou evolução onde se incorporam os valores”.

Em outras palavras, no processo não se evolui, nem se transcende, não passa de um nível/ um estado para outro, tampouco se dá passos para trás, regredindo. O processo, a partir do teórico, pode ser pensado a partir do movimento que é possibilitado. Os passos dados para frente e/ou para trás não importam, pois o que interessa é o próprio ato de fazer algo, o movimento produzido.

O que se torna interessante a partir da definição produzida por Mora, é justamente a compreensão do processo enquanto um movimento de fluência. Enquanto tal, também não o considero como aquele que apresenta um ponto inicial, um desenvolvimento e um ponto final: uma hierarquia, uma ordenação pré-estabelecida, modificações com direções definidas, progresso, evolução, objeto final. Não nego que existiram - e ainda existam - importantes correntes científicas e filosóficas que foram construídas sob essa ótica, entretanto, na maneira como vislumbro esse estudo, penso que ele estaria atravessado pela ideia de devir: um devir deleuziano.

Para Deleuze (2010), processo é devir, ou seja, está para além de tornar-se algo, deixando de ser alguma coisa, com um objetivo/meta final, mas sim um devir o qual prima pelo movimento, que se faz por entre as brechas/fendas, entre alguma coisa e outra, sem deixar de ser essa primeira coisa. Em outras palavras, o

devir não produz outra coisa que não seja ele próprio, a partir de um percurso que é feito/criado/inventado durante o caminho.

O devir está ligado ao entre, ao espaço, ao “deixar o estado de ser uma coisa para voltar para o estado de *ainda* não ser outra”, como aponta Silva (2004, p. 152). Segundo Deleuze (2010, p. 187), “os processos são os devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade dos seus cursos e pela potência de sua continuação: é o caso dos devires-animal, ou das individualizações não subjetivas”.

Ainda em Deleuze (2011, p. 88) “é o devir que faz do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir.” Assim, o devir para Deleuze é algo não estático ou que seja marcado por níveis sucessivos, que inicia sendo uma determinada coisa, findando outra, ao contrário, não importa a coisa inicial ou final, mas sim o movimento, a fluência.

Em outras palavras, pensar o processo enquanto devir é estar aberto para possibilidades de traçar caminhos que não estão definidos a priori ou precisam seguir direções únicas. O resultado, a evolução, o progresso ou regresso, como medida final não apresenta relevância, pois o que se torna importante, a partir desse pensamento, é o próprio ato de realizar os percursos, em outras palavras, é o que está sendo realizado no meio.

O meio, para Deleuze (2011, p. 83) “é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo, a rua e suas matérias; como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais como os cavalos atrados, seus dramas”. O meio é o que importa para essa escrita, não a tese em si, enquanto um produto final, mas o que interessa é o próprio ato de fazê-la, criá-la, a partir dos mais variados agenciamentos que vão sendo experimentados.

Nesse sentido, as minhas andanças, os meus encontros com o *body modification*, posteriormente com o *www.suicidegirls.com*; as maneiras pelas quais o erotismo foi sendo desenhado nesse espaço; os meus questionamentos por não compreender o que era erotismo nessa página; o encontro com teóricos que se propõem a falar sobre essa temática e a minha não aceitação daquelas definições que foram produzidas; a minha curiosidade em procurar em outro espaço científico

como o erotismo está sendo produzido e a escolha pela Scielo Brasil, tudo isso faz parte de um processo, de um devir processo, uma vez que reconheço que não há como capturar tudo, apenas uma parte do que vem sendo falado e produzido sobre o erotismo.

É um recorte, uma fotografia, datada e bastante localizada. As idas e vindas, as dúvidas, aquilo que ficou suspenso para ser melhor explorado em momentos posteriores, os entendimentos de que há relações de poder e saber envolvidas na produção do erotismo: tudo foi sendo experienciado e produzindo modos de compreender esse estudo.

Além disso, os estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze me auxiliaram a assumir outra atitude para essa pesquisa: desconfiando da interpretação e a representação. Os autores se dedicam a pensar acerca dos sentidos interpretativos e/ ou representativos que são dados às coisas, afirmando que o que importa, ao contrário, é àquilo que está visível e passível de ser enunciável, ou seja, está na superfície, na materialidade das coisas.

Deleuze (2010, p. 113-114) aponta que, para Foucault,

a superfície torna-se essencialmente superfície de inscrição: é todo o tema do enunciado 'ao mesmo tempo não visível e não oculto. A arqueologia é a constituição de uma superfície de inscrição. Se você não constituir uma superfície de inscrição, o não-oculto permanecerá não-visível. A superfície não se opõe a profundidade [...], mas à interpretação. O método de Foucault sempre se contrapõe aos métodos de interpretação. Jamais interprete, experimente...

Olhar, experimentar a superfície das coisas, não àquilo que está escondido, até porque, para eles, não há nada a ser ocultado. É possível considerar que olhar para a superfície é estar atento à potência das enunciações, lembradas por Foucault (2010a), para pensar a descrição dos enunciados¹⁴ e a função enunciativa que exercem no discurso.

¹⁴ Para Foucault (2010a, p. 98), o enunciado é “uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão ali presentes ou não.” Para Fischer (2012, p. 77), “o que importa é o fato dessa ‘função’ se caracterizar por quatro elementos básicos: um referente (ou seja, um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido, de ‘posição’ a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica (por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas, relações sociais”.

O que quero quando afirmo isso? É a partir da materialidade que está colocada nas enunciações que se torna possível extrair os enunciados em um discurso. Ou seja, para descrever um enunciado, Foucault (2010a) aponta que é preciso que haja um referente, um sujeito, um campo associado e as enunciações, entretanto, só se torna possível pensar nas três primeiras a partir da materialidade, que está posta nas enunciações.

Nas palavras de Foucault (2010a, p. 114),

a enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir. Essa singularidade, entretanto, deixa passar um certo número de constantes – gramaticais, semânticas e lógicas – pelas quais se pode, neutralizando o momento da enunciação e as coordenadas que o individualizam, reconhecer a forma geral de uma frase, de uma significação, de uma proposição. O tempo e o lugar da enunciação, o suporte material que ela utiliza, tornam-se, então, indiferentes, pelo menos em grande parte: o que se destaca é uma forma indefinidamente repetível e que pode dar lugar às enunciações mais dispersas. Ora, o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato da enunciação, pois ele pode ser repetido apesar de sua materialidade.

Com isso, mesmo que Foucault (2010a, p. 122) afirme que o “discurso é um conjunto de enunciados” e que esses podem ser considerados como os átomos de um discurso, ou seja, a menor porção constituinte deles, esses enunciados só podem ser acionados a partir da presença daquilo que está visível e é palpável nas superfícies, ou seja, as enunciações. Em outras palavras, é a partir daquilo que está visível nas enunciações que tornam os discursos passíveis de ser ativados e postos em funcionamento.

Além disso, o autor (2010a) pondera sobre a presença daquilo que aparece de maneira recorrente e singular nos discursos. Em outras palavras, a partir de Foucault, não é possível estabelecer uma hierarquia, considerando que a maneira com que os saberes aparecem em um discurso sejam mais importante, produzem mais verdades do que o outro. Assim, ao mesmo tempo em que aponta para pensarmos na potência daquilo que é singular ou original, ele não refuta que também seja levado em consideração o que aparece de maneira regular/ recorrente.

Assim, como um exercício de experienciar aquilo que o processo vai produzindo, procurei, para esse trabalho, experienciar as materialidades daquilo que foi construído sobre o erotismo nos 58 artigos disponibilizados pela Scielo Brasil e que tomo enquanto corpus de análise.

Entretanto, não busco adentrar, nem discutir cada uma das enunciações que emergiram dos meus contatos com esses artigos, pela densidade e o volume que isso possivelmente tomaria. Em outras palavras, considerar todas as enunciações diz respeito aos diferentes tipos que estão materializados naqueles artigos: cada frase, teórico utilizado, número de páginas, referencial, autores, imagens, enfim, cada signo apresentado nos artigos.

Com isso, o meu foco foi em descrever e discutir algumas dessas materialidades que estão presentes nos artigos e que foram aparecendo de maneira recorrente neles, pois suspeito que isso se torne potente para que o erotismo passe a funcionar.

Foucault (2010a, p. 141) propõe

que se levem em consideração os fenômenos de *recorrência*. Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele constitui seu passado, define, naquilo que o precede, sua própria filiação, redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele. Além disso, coloca o passado enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produzia, como uma forma que se pode modificar, como matéria a transformar, ou, ainda, como objeto de que se pode falar. Em relação a todas essas possibilidades de recorrência, a memória e o esquecimento, a redescoberta do sentido ou sua repressão, longe de serem leis fundamentais, não passam de figuras singulares.

Reconheço que não são somente as enunciações que aparecerem recorrentemente entre os artigos que fazem funcionar o erotismo na biblioteca eletrônica Scielo Brasil. Não ignoro as potencialidades produzidas pelas singularidades, ou seja, aquilo que está no micro também é potente e passível de ser pensado enquanto produtor de saberes sobre o erotismo.

Além disso, cabe salientar ainda que assumo as enunciações que emergiram enquanto pistas para pensar o erotismo na Scielo Brasil e essas não apareceram a partir de um olhar neutro ou puro, mas que foi atravessado e produzido por algumas condições de possibilidade de enxergá-las. Sobre isso, compartilho da ideia lançada por Goellner (2007, p. 21) quando ela coloca que

um documento, uma imagem, um artefato não são fontes históricas em si. O(a) pesquisador(a) é que lhe atribui significado a partir das questões que levanta para pesquisar, das indagações que faz sobre esse documento, da trama a partir da qual o documento é engendrado e sobre o qual ele pode falar. O documento é uma fonte porque alguém lhe conferiu voz

Nesse sentido, o que considero enquanto enunciações para esse estudo? Toda a materialidade do artigo, ou seja, o texto escrito, as imagens que vão compondo, a arquitetura em que os artigos vão sendo apresentada.

Tudo o que compõe o artigo eu reconheço como enunciações, por mais que me utilize de algumas delas somente. Os títulos, os autores, onde estão locados esses autores, aos periódicos que pertencem os artigos, os anos de publicação, os resumos, os textos em si, as imagens que por vezes foram trazidas, as referências. As enunciações compõem esses elementos nos artigos, assim sendo estudados, para que fosse possível fornecer pistas para pensar o erotismo nessa biblioteca eletrônica.

Claro, preciso considerar que, infelizmente não é possível materializar todas as enunciações que são trazidas, por conta do tempo-espço para a escrita desse trabalho, entretanto, algumas estão aqui, mostrando os encontros com os artigos, por vezes, de uma maneira maior, outras, menor.

Além disso, foi necessário, por vezes, materializar de uma maneira diferenciada as enunciações. Por vezes, tornou-se necessária a utilização de tabelas, gráficos e imagens produzidos por mim e que buscaram sintetizar as ideias pelas quais estavam sendo faladas, novamente por conta da densidade e do volume que isso poderia se tornar.

Nesse sentido, como uma forma de materializar as enunciações, me apoiei na noção de pistas. Enquanto tais, elas buscam demarcar que não se trata de um regramento correto, único, mas sim de algumas possibilidades de pensar o erotismo na biblioteca eletrônica Scielo Brasil.

PISTAS QUE PROPÕEM JOGOS DE EROTIZAR

A mola propulsora para a realização da escrita dessa tese foi a curiosidade, como já dito anteriormente. Foi ela quem me impulsionou a pensar a Scielo Brasil enquanto um espaço potente para a realização desse estudo.

Curiosidade por não aceitar meramente o que estava sendo produzido sobre o erotismo para alguns autores. Ideias que pareciam óbvias, pela forma como elas iam se reproduzindo, texto após texto. Nesse sentido, investi na ideia de olhar em outro espaço como estava sendo produzido o erotismo. Assim, foi o meu encontro com a Scielo Brasil.

À primeira vista, variações de termos: não encontrei apenas um “eros”, mas vários deles; além de uma multiplicidade de áreas que produzem saberes sobre o erotismo e ainda variados campos empíricos sendo operacionalizados. Parti da suspeita de que havia encontrado um espaço potente para ver de que maneira estava sendo produzido o erotismo.

Assim, me dediquei à leitura dos artigos, não somente aquilo que efetivamente estava sendo dito, mas todo o texto: o periódico em que ele estava inserido, quem o escreveu, em que ano, o título, o resumo, o artigo em si, os referenciais. Procurei lançar um olhar atento a toda a configuração do artigo para que ele fosse me indicando algumas pistas que me fizesse compreender de que maneira o erotismo estava sendo produzido nessa biblioteca eletrônica.

As pistas acabaram sendo importantes, pois elas não me remetem a um modo único de enxergar um campo de análise, como se fossem regras a serem aplicadas, sem questionamentos. A utilização do termo pistas sugere uma espécie de mobilidade, de não fixar uma norma, mas abre a possibilidade de sair em busca daquilo que se deseja, a partir daquilo que vai atravessando o pesquisador. É um fazer produzido de acordo com a experiência: do contato com o *corpus* de análise e do referencial teórico que está sendo proposto.

Para Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 13),

em vez de regras para serem aplicadas, propusemos a ideia de pistas. Apresentamos pistas para nos guiar no trabalho de pesquisa, sabendo que

para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas [...] são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa.

Assim, fui encontrando alguns detalhes que despertaram a minha atenção, que partiram das recorrências que os artigos iam apresentando, pois, ao contrário do meu encantamento inicial, comecei a perceber o quanto as ideias presentes nos artigos se assemelhavam.

Foi nessas semelhanças, naquilo que parecia óbvio que me apoiei para a criação dessa tese:

Primeiro, como já dito, não parti diretamente para a leitura dos artigos, mas vislumbrei toda a sua arquitetura, a maneira como determinados elementos estavam sendo posicionados e ditos. Com isso, foi possível visualizar o quanto é recorrente a publicação de artigos em periódicos que estão inseridos na área das Ciências Humanas.

A segunda pista emergiu, ao me dedicar a leitura dos artigos. Algo se destaca por entre aquelas letras, especificamente, dois nomes: Sigmund Freud e George Bataille saltavam por entre as frases. Nesse momento, parei o processo de leitura dos artigos e me voltei às últimas páginas, àquelas que geralmente são destinadas a apresentar o referencial teórico-metodológico que foi utilizado para desenvolver o estudo.

Para a minha surpresa, grande parte dos artigos estavam sendo embasados por esses dois autores, ora sendo utilizados nos mesmos artigos ora em artigos diferentes, mas ainda assim, apresentava-se uma regularidade a utilização desses dois teóricos. Esse fato fez com que emergisse o seguinte questionamento: de que maneira estudos de Sigmund Freud e George Bataille estão sendo utilizados nos artigos que tratam do erotismo na Scielo Brasil?

Após levantar essa questão, outras se formaram. Quem fala sobre o erotismo na Scielo Brasil? Além de Freud e Bataille, foi possível visualizar que as suas ideias ainda se reverberam, mas por quem? Quem são os autores? Dessa maneira, mais uma pista foi se desenhando, agora com o enfoque voltado para àqueles sujeitos que são considerados enquanto autores dos artigos. Mais uma vez,

mais do que me utilizar do que efetivamente estava sendo produzido em relação ao erotismo, quem as produzia se tornava relevante para mim.

Por fim, foi possível identificar mais uma pista, entretanto, não consigo delimitar bem em que momento ela emergiu, pois ela atravessou as demais. Mas não importa em quando isto aconteceu, o que se torna relevante é a existência dela: a associação entre o erotismo e a sexualidade. Ao ler os artigos, comecei a perceber o quanto se tornava recorrente essa vinculação entre o erotismo aos atributos que são considerados como da sexualidade, inclusive, sendo reconhecida ainda com características moralizantes, que produzem uma série de sentidos e normas nos espaços sociais.

Essas pistas fizeram com que fosse possível criar um panorama de algumas maneiras pelas quais o erotismo está sendo produzido na Scielo Brasil. Além disso, elas podem ser vistas como participantes de um jogo, um jogo de poder que possibilita a criação e efetivação de alguns saberes sobre o erotismo nessa biblioteca eletrônica.

EROS E SEUS SABERES: O QUE AS CIÊNCIAS HUMANAS TÊM A VER COM ISSO?

O que se profere a respeito da ciência e, logicamente com justa razão, é que as suas convicções não têm direito de cidadania: e para que lhes seja concedido um acesso e também um certo valor no domínio do conhecimento, é necessário que adotem modestamente formas provisórias de uma hipótese, tanto no ponto de vista experimental como provisório, e de fiação reguladora e; ainda assim, com a condição de continuarem sob uma vigilância policial, sob uma certa desconfiança.

Nietzsche, 2011

Ao manusear os artigos que estou utilizando como *corpus* de análise para a construção dessa tese, pude perceber que, em grande parte das vezes, há logo na primeira página algumas informações que localizam os artigos, ou seja, quem o escreveu, onde ele foi produzido e/ou publicado. Em outras palavras, há alguns dados informando seus(suas) leitores(as): o periódico na qual ele está publicado, o título do artigo, a autoria e o ano da publicação (FIGURA 7). Além disso, ainda existe um pequeno resumo explicando o texto que virá a seguir e algumas palavras-chave. Por vezes, há ainda uma tradução desse resumo e das palavras-chave para alguma outra língua como inglês e/ou espanhol.

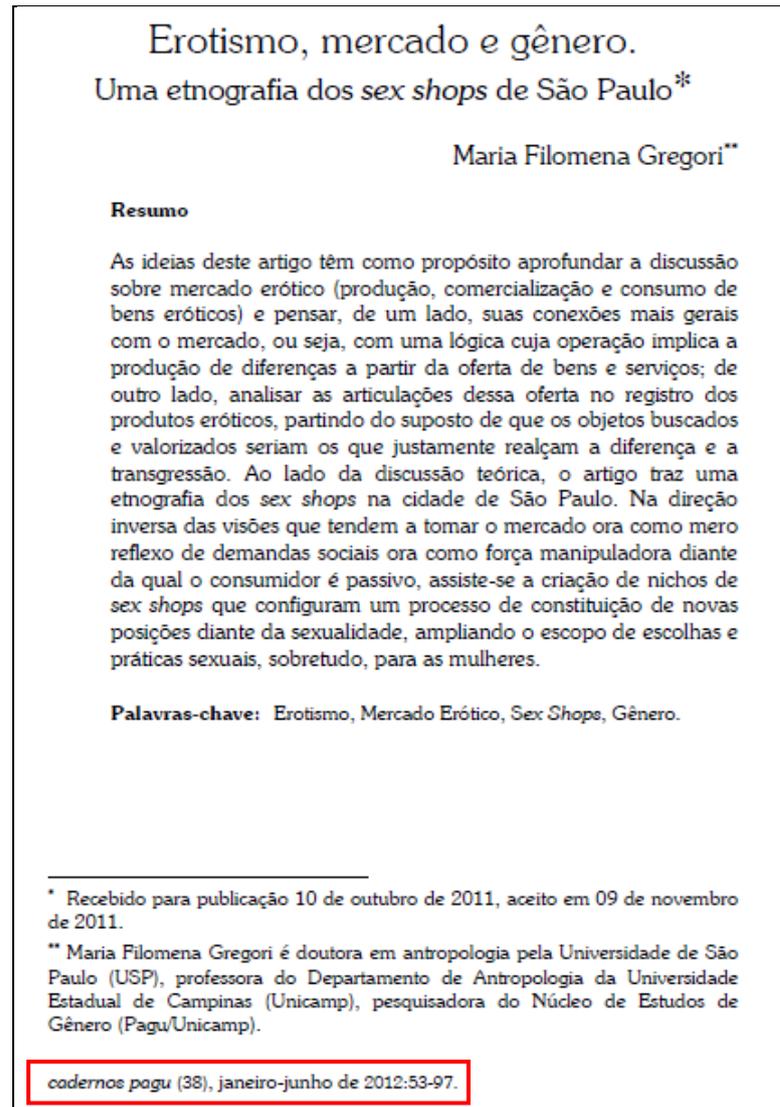


Figura 7 – Primeira página de um dos artigos publicados no Periódico Cadernos Pagu.
Fonte: GREGORI, 2012.

O que acabou saltando aos meus olhos, primeiramente, não foi o conteúdo do resumo ou a escrita do artigo em si, mas os periódicos onde eles estão publicados. Cada um deles está inserido em uma grande área, juntamente com outras revistas. Por isso, para visualizar onde estão publicados os artigos, voltei o meu olhar à biblioteca eletrônica *www.scielo.br* para que fosse possível mapear também as áreas onde elas estão colocadas (FIGURA 8).

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_subject&lng=pt&nrm=iso

CIENCIAS HUMANAS

Títulos correntes

- Afro-Ásia - 5 números
- Ambiente & Sociedade - 33 números
- Anais da Academia Brasileira de Ciências - 58 números
- Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material - 27 números
- Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) - 23 números
- Bolema: Boletim de Educação Matemática - 8 números
- Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas - 25 números
- Brazilian Political Science Review - 5 números
- Caderno CRH - 24 números
- Cadernos CEDES - 51 números
- Cadernos Nietzsche - 4 números
- Cadernos Pagu - 25 números**
- Cadernos de Pesquisa - 46 números
- Ciência & Educação (Bauru) - 45 números
- Contexto Internacional - 27 números
- Dados - Revista de Ciências Sociais - 70 números
- Educar em Revista - 30 números
- Educação & Realidade - 9 números
- Educação & Sociedade - 70 números
- Educação e Pesquisa - 46 números
- Educação em Revista - 24 números
- Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação - 39 números
- Estudos Avançados - 80 números
- Estudos Históricos (Rio de Janeiro) - 13 números
- Estudos de Psicologia (Campinas) - 54 números
- Estudos de Psicologia (Natal) - 46 números
- Fractal : Revista de Psicologia - 18 números
- História (São Paulo) - 22 números
- História da Educação - 5 números
- História, Ciências, Saúde-Manguinhos - 86 números
- Horizontes Antropológicos - 29 números
- Interações (Campo Grande) - 16 números
- Interface - Comunicação, Saúde, Educação - 50 números
- Kriterion: Revista de Filosofia - 26 números
- Lua Nova: Revista de Cultura e Política - 87 números
- Mana - Estudos de Antropologia Social - 39 números

Figura 8 – Parte da lista de periódicos presentes na área de Ciências Humanas, a qual está inserido o periódico Cadernos Pagu.

Fonte: www.scielo.br, 2014.

Somente após realizar esse mapeamento das áreas em que cada um dos periódicos está localizado é que pude obter um panorama mais amplo no que confere aos espaços que mais recebem investimento – no que diz respeito à publicação - quando a temática em questão é o erotismo. Para tanto, como uma forma de materializar, optei pela construção de um gráfico (FIGURA 9). Com ele, foi possível fazer um delineamento das áreas que cientificamente podem ser

consideradas como àquelas que são reconhecidas para tratar de determinado assunto.

A organização das enunciações trazidas nos artigos em formato de gráfico auxilia para uma melhor visualização das áreas que apresentam discussão acerca da temática erotismo. Dentro disso, as que apresentam publicações são: Ciências Humanas (46 artigos), Ciências da Saúde (8 artigos), Linguísticas, Letras e Artes (2 artigos), Ciências Sociais aplicadas (1 artigo) e periódico não classificado pela Scielo Brasil (1 artigo).

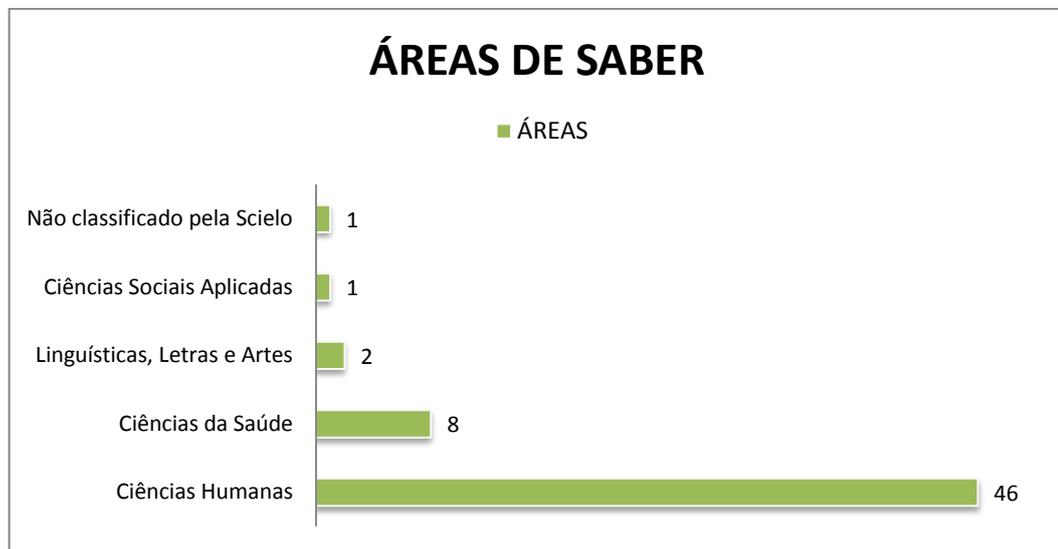


FIGURA 9 – Gráfico que mostra as áreas de saber em que os periódicos que tematizam o erotismo estão inseridos.

Fonte: www.scielo.org, 2013.

Detalhando um pouco mais esse gráfico, os periódicos que produzem saberes sobre o erotismo dentro das Ciências Humanas são: *Cadernos Pagu*; *Physis: Revista de Saúde Coletiva*; *Estudos Feministas*; *Revista Trans/form/ação*; *Revista Ágora*; *Revista Brasileira de Ciências Sociais*; *Psicologia Clínica*; *Educar*; *Revista Mana – Estudos de Antropologia Social*; *Kriterion: Revista de Filosofia*; *Revista Religião e Sociedade*; *Psicologia em Estudo*; *Sexualidad, Salud y Sociedad*; *Revista de Sociologia da USP*; *Saúde e Sociedade*; *Serviço Social e Sociedade*; *Psicologia USP*; *Revista Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*; *Psicologia: Ciência e Profissão*; *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.

Na área das Ciências da Saúde estão a *Revista Brasileira de Coloproctologia*; *Revista Saúde Pública*; *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*; *Revista Brasileira de Psiquiatria* e *Revista Ciência e Saúde Coletiva*.

Na área de Linguística, Letras e Artes, a *Revista Álea*.

Por fim, nas Ciências Sociais aplicadas a *Revista Sociedade e Estado* e a *Revista de Sociologia da USP* não está classificada em nenhuma das áreas na Scielo Brasil.

A partir do exposto, é possível observar que a área de Ciências Humanas é aquela que apresenta, disparado, um maior número de publicações em seus periódicos, com quarenta e seis artigos, seguido das Ciências da Saúde, com oito, na sequência, Linguísticas, Letras e artes com dois e, por fim, as Ciências Sociais com um.

Com a demarcação desses dados é interessante pensar nas áreas que mais produzem saberes sobre o erotismo, ou seja, aquelas que têm maior regularidade. Ao mesmo tempo em que essa regularidade é significativa, interessante não negar que as áreas que apresentam menos publicações também deixam rastros.

Que rastros são esses? O que esse levantamento de periódicos e as áreas nas quais estão sendo publicados os artigos faz pensar?

O investimento que está sendo feito nessas áreas, através de publicações em seus periódicos, pode ser uma forma de classificação e legitimação. Para levantar essa ideia, parto daquilo que Foucault apontou no ano de 1966, mas que soa bastante contemporâneo, especificamente, no momento em que ele discute a grande descrição/ classificação que os naturalistas fizeram no século XVII acerca das plantas e animais.

Foucault (2008c), especialmente sobre os teóricos da linguagem, afirma que eles buscaram construir, a partir de sua história tradicional, palavras que signifiquem/ classifiquem os animais e as plantas. Ou seja, existiam essas coisas e elas precisavam de um nome e/ou de uma definição para aquilo que poderiam ser.

Para isso, afirma ele, existe um regramento¹⁵ que é acionado a partir de uma prática discursiva¹⁶ e que se torna possível fazer aparecer determinada coisa, ou seja, faz com que ela seja vista ou não, que certo enfoque seja dado e que determinada palavra seja atribuída a algum sentido específico.

Assim, é possível pensar que as publicações dos artigos nessas áreas procuram atribuir alguns sentidos para o erotismo e elas passam a ser consideradas àquelas que são legítimas para falar sobre essa temática. Assim, esse movimento de possível delimitação da área de conhecimento lança a possibilidade de pensar que as mesmas fazem parte de uma disputa, que busca demarcar, organizar e ordenar determinados saberes, nesse caso, em relação ao erotismo.

No prefácio de *As palavras e as Coisas*, Foucault (2007c, p. XV) aponta que, quando

instauramos uma classificação refletida, quando dizemos que o gato e o cão se parecem menos que dois galgos, mesmo se ambos estão adestrados ou embalsamados, mesmo se os dois correm como loucos e mesmo se acabam de quebrar a bilha, qual é, pois, o solo a partir do qual podemos estabelecê-lo com inteira certeza? Em que “tábua”, segundo qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas? Que coerência é essa – que se vê logo não ser nem determinada por um encadeamento a priori e necessário, nem imposta por conteúdos imediatamente sensíveis? Pois não se trata de ligar conseqüências, mas sim de aproximar e isolar, de analisar, ajustar e encaixar conteúdos concretos; nada mais tateante, nada mais empírico (ao menos na aparência) que a instauração de uma ordem entre as coisas; nada que exija um olhar mais atento, uma linguagem mais fiel e mais bem modulada; nada que requeira com maior insistência que se deixe conduzir pela proliferação das qualidades e das formas.

Entre esses ajustes e encaixes, o teórico coloca que os saberes são estabelecidos a partir de um ordenamento e um enquadramento que mostrará a quem ele pertence. Pensando no erotismo, suspeito que possa haver esse

¹⁵ Foucault (2008c, p. 150) aponta para a existência de três regras: a primeira, que está nas regras de formação dos objetos, não os caracterizando como meramente regras de utilização de determinadas palavras; a segunda seriam as regras de formação dos conceitos, as quais se diferem das leis de sintaxe e, a terceira, está presente nas regras de formação das teorias, cujo objetivo não é o da dedução ou da retórica.

¹⁶ Para Foucault (2010a, p. 52), uma prática discursiva pode ser entendida enquanto “um conjunto de regras que são imanentes a uma prática e a definem em sua especificidade”. Veiga-Neto (2007, p. 93) salienta que uma prática discursiva “não é um ato de fala, não é uma ação concreta e individual de pronunciar discursos, mas é todo o conjunto de enunciados que ‘formam o substrato inteligível para as ações, graças ao seu duplo caráter de judicativo e veridicativo’. Isso equivale a dizer que as práticas discursivas moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele”.

enquadramento, o qual acaba legitimando cada uma das áreas. Em outras palavras, cada uma delas apresenta uma especificidade para falar e produzir saberes sobre o erotismo.

Entretanto, como dito anteriormente, esse enquadramento que procura legitimar determinadas áreas a partir dos saberes criados, não pode ser considerado decorrente de uma essencialidade, mas, ao contrário, parte da vontade de determinados sujeitos em produzir verdades, ou seja, está carregando consigo “vontades de verdade” (FOUCAULT, 2009a, p. 14). Em outras palavras, um saber não parte do nada, mas de algumas vontades que acabam sendo legitimadas e funcionam nos espaços sociais enquanto verdades inquestionáveis.

Foucault (2009a, p. 20) supõe que

a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder?

Em outras palavras, para o teórico, não é mais sobre as verdades – neutras, puras, originais - que se fala, ao contrário, essas verdades são criadas e partem de intencionalidades que nada mais são do que desejos e vontades de poder de determinados sujeitos. Nesse sentido, ao olhar as enunciações que foram sistematizadas naquele gráfico trazido anteriormente, especialmente, o número de publicações realizadas nos periódicos dessas diferentes áreas, não estão ali por acaso, pois são consideradas legítimas para falar sobre essa temática.

Dito de outra maneira, as classificações das áreas realizadas e materializadas naquele gráfico podem ser reconhecidas como espaços de disputa, pois eles buscam, a partir de seus saberes, sustentar algumas verdades que orientam os seus modos de funcionamento.

Com isso, a minha meta aqui é apresentar algumas dessas “vontades de verdade” a partir da série de regularidades que possibilitam pensar as Ciências Humanas enquanto “a” área que está sendo legitimada para falar sobre o erotismo.

Essa suspeita decorre porque as Ciências Humanas é aquela que apresenta um número maior de periódicos e de artigos publicados, em comparação

as outras áreas, quando se refere à temática do erotismo. Reitero que mesmo me dedicando especificamente às Ciências Humanas, não nego as potencialidades das demais áreas, ou seja, aquilo que nelas estão se produzindo sobre o erotismo.

Não tem como negar o quanto se torna regular a presença de publicações em periódicos da área das Ciências Humanas. Dos cinquenta e oito artigos analisados aqui, enquanto *corpus* de análise, quarenta e três estão locados nessa área, o que acaba sendo um número bastante importante, significativo e produtivo em relação ao erotismo.

A partir de Foucault (2007c), só se torna possível falar em Ciências Humanas a partir do século XIX, quando há uma fragmentação do campo epistemológico, ou seja, uma explosão de saberes que se estilhaçam nas mais diferentes direções, produzindo diferentes caminhos para a produção dos saberes.

Ao mesmo tempo, o teórico (2007c) aponta o quanto se torna difícil tecer uma definição a priori para tal, por ela ter como foco de estudo, o ser humano e a ciência, sendo pensada como uma fragmentação taxionômica, uma finitude, um ordenamento classificatório, podendo ser considerada como uma espécie de matematização das ideias. Nesse sentido, olhar para o ser humano como um todo fragmentado, classificado, esquadrihado se tornava uma tarefa árdua, produzida a partir de uma nebulosidade.

Foucault (2007c p. 475) compreende as Ciências Humanas como sendo um “corpo de conhecimentos (mas mesmo que essa palavra é demasiado forte: digamos para sermos mais neutros ainda, a esse conjunto de discursos) que toma por objeto o homem¹⁷ no que ele tem de empírico.”

Nas palavras do teórico (2007c, p. 485, 486)

As ciências humanas, com efeito, endereçam-se ao homem, na medida em que ele vive, em que fala, em que produz. É como ser vivo que ele cresce, que tem funções e necessidades, que vê abrir-se um espaço cujas coordenadas móveis ele articula em si mesmo; de um modo geral, sua existência corporal fá-lo entrecruzar-se, de parte a parte com o ser vivo; produzindo objetos e utensílios, trocando aquilo de que tem necessidade, organizando toda uma rede de circulação ao longo da qual perpassa o que ele pode consumir e em que ele próprio se acha definido como elemento de troca, aparece ele em sua existência imediatamente imbricado com os

¹⁷ O homem na qual Foucault se refere não diz respeito a uma fragmentação de gênero, ou seja, não se trata apenas do gênero masculino. Para ele, ao nomear enquanto homem, ele demarca os seres humanos como um todo: homens e mulheres.

outros; enfim, porque tem uma linguagem, pode constituir para si todo um universo simbólico, em cujo interior se relaciona com seu passado, com coisas, com outrem, a partir do qual pode imediatamente construir alguma coisa com um saber (particularmente esse saber que tem de si mesmo e do qual as ciências humanas desenham uma das formas possíveis). Pode-se, portanto, fixar o lugar das ciências do homem nas vizinhanças, nas fronteiras imediatas e em toda a extensão dessas ciências em que se trata da vida, do trabalho e da linguagem.

Nesse sentido, pensar em Ciências Humanas é associá-las a um terreno que é movente, ou seja, não é limitado a um determinado espaço específico, com suas arestas bem contornadas. Ao contrário, é a partir da relação com o que é produzido entre o passado e o presente, com os diferentes saberes produzidos por outras ciências é que as Ciências Humanas se mantêm viva e produtiva.

Com isso, pensar nos artigos que tematizam o erotismo na Scielo Brasil que estão inseridos naquilo que é classificado, por ela, como Ciências Humanas é levar em consideração a multiplicidade de periódicos que nela se encontra e as maneiras pelas quais os seres humanos estão sendo produzidos. Cada um dos artigos apresenta um enfoque diferente, mas, ainda assim, tematizam o erotismo a partir daquilo que consideram como sendo próprio das Ciências Humanas: estudar para conhecer o ser humano. Em outras palavras, nos artigos presentes na Scielo Brasil, há discussões sobre alguns grupos sociais e culturais, homens e mulheres que produzem erotismo de uma maneira bastante singular.

Como mais uma forma de sistematizar o que está sendo produzido em relação às Ciências Humanas e o erotismo, apresento a materialização de outro gráfico (FIGURA 10), contendo os periódicos que produzem saberes sobre o erotismo. Apresento nele a quantidade de publicações que foram realizadas em cada um dos periódicos.

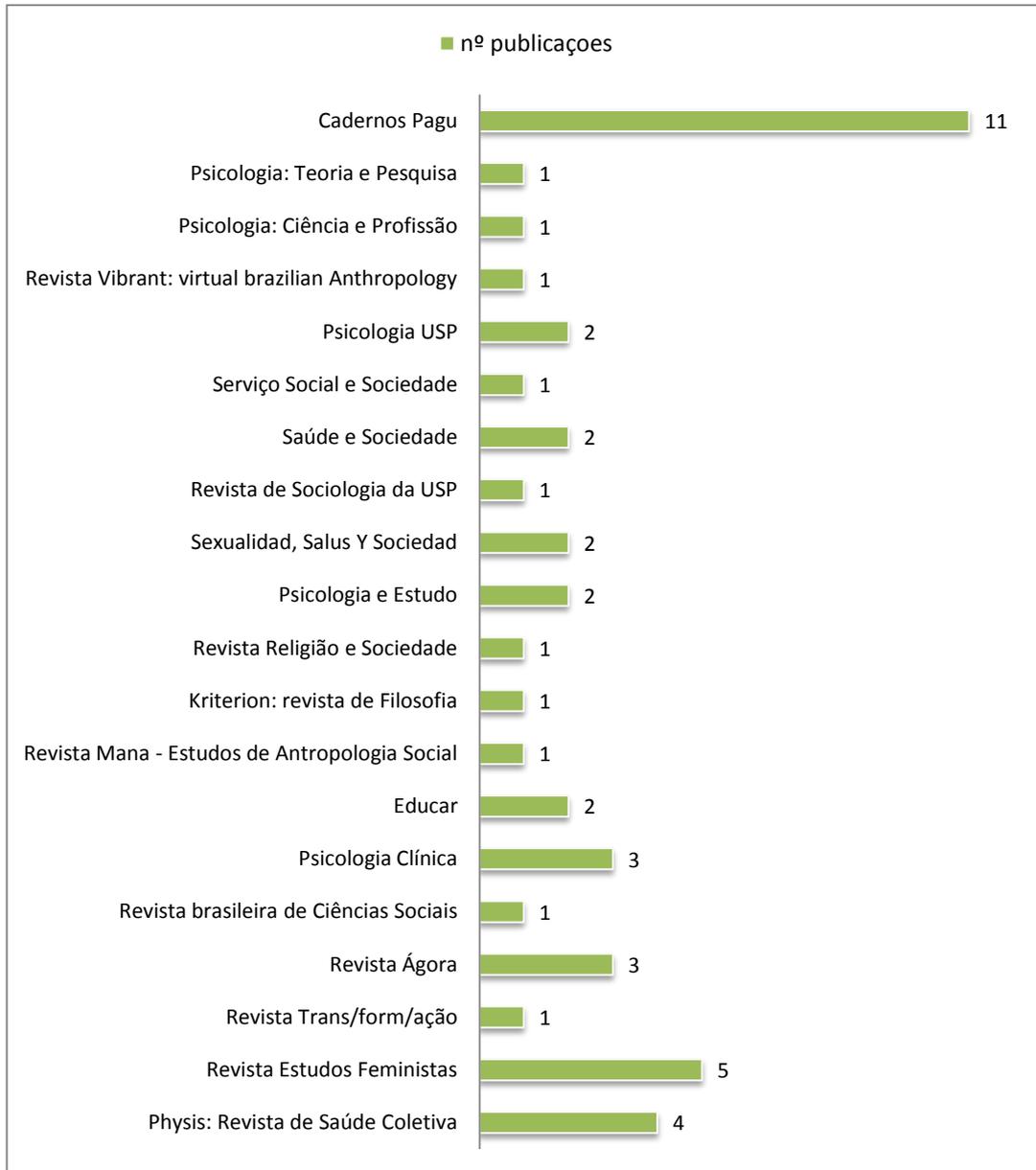


FIGURA 10 – Gráfico que mostra os periódicos relativos a área das Ciências Humanas.

Fonte: www.scielo.org, 2013.

A partir do gráfico acima materializado, é possível considerar, em um primeiro momento, que há uma grande concentração de periódicos que apresentam como foco discutir questões que são associadas aos gêneros e às sexualidades dos

sujeitos, como é possível visualizar nos seguintes periódicos: *Cadernos Pagu*¹⁸, *Revista Estudos Feministas*¹⁹ e *Revista Sexualidad, Salud y Sociedad*²⁰.

Para tanto, busco descrever algumas enunciações que estão sendo trazidas nesses periódicos, que possibilitam materializar maneiras pelas quais o erotismo está sendo discutido, cujas temáticas estão associadas aos gêneros e às sexualidades de homens e mulheres.

Nesse caso específico, os excertos se propõem a fazer algumas atribuições ligando o erotismo a elementos da sexualidade, a partir de variados enfoques. Para isso, recortam diversos contextos socioculturais e procuram demarcar alguns espaços onde o erotismo é passível de ser produzido, como em diferentes contextos sócio-histórico-culturais.

A primeira enunciação diz respeito ao artigo “*Cavalgada ao centro da Terra: rotas para uma erótica árabe e indiana*”, cuja pretensão está em tecer “narrativas das tradições árabe-islâmica, indiana e persa sobre sagrado e sexualidade, discutindo a pertinência da inserção de tal objeto teórico e empírico em concepções ocidentais de erotismo nos interstícios entre gênero, religião e poder.” (VENCHI, 2012, p. 281). Para tanto, a autora, ao longo do artigo, vai destacando alguns dados, a partir de referenciais teóricos e documentais, para que seja possível contar uma história das maneiras pelas quais o erotismo foi sendo produzindo na Arábia Saudita, na Índia e na Pérsia, reconhecendo as diferenças em relação à sexualidade no ocidente e no oriente.

¹⁸ “A revista *Cadernos Pagu* foi lançada em 1993 e desde então vem contribuindo para a constituição do campo de estudos de gênero no Brasil.” (<http://www.pagu.unicamp.br/en/cadernos-pagu>, acessado em agosto de 2015).

¹⁹ A *Revista Estudos Feministas* “objetiva divulgar cientificamente textos originais em português e em espanhol, sob a forma de artigos, ensaios e resenhas sobre gênero e feminismos, que podem ser tanto relativos a uma determinada disciplina quanto interdisciplinares em sua metodologia, teorização e bibliografia.” (<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/about/editorialPolicies#focusAndScope>, acessado em agosto de 2015).

²⁰ “A *Revista* tem por objetivo publicar artigos inéditos que, com foco no contexto latino-americano, explorem as dimensões culturais e políticas das sexualidades, sendo seus principais temas de interesse: a) As práticas e representações sociais sobre sexualidades/erotismo e suas conexões com diversos marcadores sociais de diferença (gênero, classe social, cor/raça, etnia/nacionalidade, etapas da vida/geração etc.); b) As políticas públicas, os ordenamentos jurídicos e a ação de diferentes atores da sociedade civil (movimentos sociais, grupos religiosos, ONGs, agências de financiamento etc.) no processo de instituição dos direitos sexuais e reprodutivos; c) As ciências e os saberes sobre a sexualidade, com ênfase no papel da saúde pública ou coletiva para o desenvolvimento das investigações e de políticas públicas sobre o tema.” (<http://www.sexualidadsaludysociedad.org/>, acessado em agosto de 2015).

De acordo com Margoliouth, a sensualidade e a permissividade eram comuns em muitos clãs, já que cada tribo tinha suas próprias regras de aliança e códigos de decoro, nos quais o sentimento erótico adquiria uma roupagem especial, atingindo as formas mais sublimes do cavalheirismo refinado. Outro legado erótico além das poesias está na música e na dança. Nos acampamentos, as mulheres dançavam para seduzir os homens, aprimorando os estilos musicais que desembocariam na raqsa, ou “dança do ventre”, composições de música e corpo empregados pelas beduínas como estratégia de sedução na disputa para “capturar” noivos disponíveis e estabelecer alianças, adquirindo aliados ou fazendo inimigos com as chefes rivais (Mussa, *ibid*).¹⁷ Os movimentos típicos concebidos seriam os meneios de cabeça, do tórax, a sofisticação do gestual das mãos e braços, bem como movimentos de quadris e ventre. O tema da sexualidade parecia assunto cotidiano, pois era discutido no tocante ao aprimoramento das raças de cavalos; por isso os exemplares árabes são os mais perfeitos em termos de cruzamento, algo que os beduínos estudam há muito tempo. Em “Arvhastan” – em sânscrito, “terra dos cavalos”, que originou o termo “Arábia” – a importância da disseminação do cavalo como meio de transporte e de conquista territorial foi crucial, juntamente com a invenção da espada, usada para golpear enquanto se cavalgava. Entre as inúmeras acepções atribuídas pelo homem, o cavalo está associado à lua, água, sexualidade, morte, renovação, sonho e divinação; em povos do mediterrâneo e na Ásia, eram parte de sacrifícios rituais (Ronecker, 1997). As canções de letras românticas e heróicas dos nômades árabes também enfatizam as qualidades de camelos e cavalos e os ritmos musicais acham-se até hoje associados aos movimentos e às características de tais animais.¹⁸ São considerados animais tão nobres que sua presença dentro de uma tenda afasta os espíritos ruins. (VENCHI, 2012, p. 297- 298)

As próximas enunciações que aponto fazem parte do artigo “*Praticamos SM, repudiamos agressão*”: *classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM*²¹ no contexto brasileiro, o qual visa “contribuir para a reflexão acerca das relações entre medicalização da sexualidade, produção de subjetividades e de comunidades com base em sexualidades tidas como periféricas no contexto brasileiro”. (FACHINNI e MACHADO, 2013, p. 197). As autoras, nesse artigo, a partir de uma pesquisa etnográfica, buscam trazer relatos de sujeitos que participam de uma comunidade do *Orkut* e que são adeptos de práticas sadomasoquistas e de BDSM em um contexto brasileiro. O texto apresenta um grande nível de detalhamento das práticas sadomasoquistas.

Além disso, especificamente na segunda parte do texto, as autoras trazem apontamentos sobre um grupo que pratica sadomasoquismo e o BDSM,

²¹ A partir de Facchini e Machado (2013), BDSM é uma sigla que apresenta como significado diferentes práticas sexuais como *bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo.

apresentando dados que foram obtidos a partir de um fórum de discussão *online* em uma comunidade do *Orkut*. Esse debate girava em torno de uma possível relação entre as práticas sadomasoquistas e de BDSM à violência.

*Ao finalizar um período de pesquisa junto a grupos de praticantes, Facchini (2008) optou pelo uso da categoria BDSM, ou de sua variante na ideia de **BDSM erótico**, para falar das redes de praticantes que conheceu a partir das atividades do SoMos, do Dominna e de listas de discussão, sites e redes sociais na internet. Nesse contexto, a autora afirmava que o **BDSM com que teve contato em São Paulo de fato toma por base a experiência de grupos BDSM norte-americanos e europeus, e invoca o confronto político em relação à patologização, à estigmatização social e a possíveis constrangimentos legais à fruição erótica ligada ao BDSM**. O vocabulário, as práticas e os instrumentos usados no meio e nas cenas também são bastante influenciados não só pela literatura erótica, como pelos manuais de BDSM (muitos deles traduzidos) em sites de internet. Assim como no movimento LGBT, as viagens e os contatos internacionais dos primeiros integrantes da comunidade parecem ter sido cruciais para o desenvolvimento do meio BDSM no Brasil. Aqui, no entanto, a organização em comunidade e a divulgação do SSC (são, seguro e consensual), como base para o exercício de práticas, não se dão num contexto de embates políticos, tais como os descritos por Gayle Rubin (Rubin, 1984; Rubin & Butler, 2003), tomando o contexto norte-americano das sex wars, entre a segunda metade dos anos 1970 e os 80. (FACHINNI e MACHADO, 2013, p. 208)*

[...]

*Nesse momento mais catártico do debate emerge uma série de oposições que revelam os elementos em jogo: racionalidade x emoção; legitimidade x crime; sanidade x doença; consensualidade x violência; compromisso com a comunidade x priorização de opiniões e interesses particulares. **No cerne do debate estavam em cena não apenas categorias de acusação, como doentes e criminosos, tradicionalmente usadas contra o sadomasoquismo, seja pelo discurso científico ou pelo senso comum, como as categorias centrais à própria constituição do BDSM enquanto comunidade política imaginada em torno de preferências eróticas, associada ao reforço da distinção entre patologia e erotismo: as noções de indivíduo, vontade individual e consentimento** (Zilli, 2007). (FACHINNI e MACHADO, 2013, p. 219)*

A próxima enunciação diz respeito ao artigo “*De Gabriela a Juma: imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras*”. Para tanto, o objetivo proposto é tratar, “sob o ponto de vista histórico, de algumas imagens que foram constituídas como eróticas pela televisão brasileira (especialmente por telenovelas) e que foram difundidas também por meios de comunicação, como a revista *Veja*” (KLANOVICZ, 2010, p. 141).

Nesse artigo, a autora aponta que a mídia escrita da Revista Veja acabou enaltecendo atributos em relação aos corpos de algumas atrizes, apontando-as como figuras eróticas. Para tanto, estão sendo utilizadas para análise as atrizes Sônia Braga, da personagem Gabriela, na novela de mesmo nome (1975), e Cristiana Oliveira, que interpretou a personagem Juma, na novela Pantanal (1990).

*Essa construção imagética de uma identidade da mulher brasileira encarnada pela materialidade de seus corpos ajuda a entender o papel que Gabriela teve na cultura televisiva. **O erotismo, alvo em grande parte do investimento sobre a manutenção da censura, não foi sempre visto de forma negativa. O caso de Gabriela mostra a posituação de uma imagem da mulher brasileira de gestos sensuais, de pouca fala, em que o erotismo é aplaudido.** (KLANOVICZ, 2010, p. 150)*

A próxima enunciação diz respeito ao artigo nomeado como “*Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher?*”, cujo objetivo é analisar “a idéia de que a inteligência é um atributo erótico do homem, enquanto a beleza é o que torna uma mulher atraente” (BORGES, 2005, p. 667).

Nele, a autora vai construindo, a partir das ideias produzidas por alguns(as) teóricos(as) como filósofos(as) e antropólogos(as), as diferenças que são produzidas entre homens e mulheres, com um sentido valorativo, colocando a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem. Enquanto ao homem cabe a força física e inteligência, à mulher cabe a sensibilidade e a beleza.

Recentemente, a antropóloga americana Helen Fisher apresentou uma razão neurológica que poderia justificar tal fato. No homem, o amor começa pelo erótico, pois no seu cérebro o centro da excitação sexual está muito ligado ao centro do amor; na mulher, o quadrante do prazer no cérebro está ligado ao centro acústico, da audição. Assim, o amor no homem, por estar ligado ao erótico, começaria pelo visual; na mulher, pela conversa interessante e inteligente. Uma mulher bonita levaria vantagem na competição por um parceiro; um homem inteligente levaria vantagem na disputa pela parceira. (BORGES, 2005, p. 671)

Da mesma forma, ainda pensando na área de Ciências Humanas, em segundo lugar, é possível visualizar que há um intenso investimento em periódicos que se propõem a discutir questões vinculadas à Psicologia, como os periódicos:

*Revista Ágora (Rio J.)*²²; *Psicologia Clínica*²³; *Psicologia em Estudo*²⁴; *Psicologia USP*²⁵; *Psicologia: Ciência e Profissão*²⁶ e *Psicologia: Teoria e Pesquisa*²⁷.

Entretanto, há uma sutil diferença na maneira como esses artigos estão sendo apresentados. Em outras palavras, diferentemente daqueles que estão locados nos periódicos cuja pretensão está em discutir o erotismo a partir de temáticas atreladas aos gêneros e sexualidades dos sujeitos, àqueles que se destinam a discutir temáticas associada à psicologia partem de outras maneiras de trabalhar com o erotismo, buscando explicar as suas práticas, por meio de alguns conceitos específicos da área da Psicologia em determinados grupos sociais. A seguir, procuro, através da descrição de algumas enunciações presentes nos artigos, materializar possibilidades de visualizar essa maneira pela qual o erotismo está sendo produzido nos periódicos, com a utilização de conceitos da área da psicologia.

A primeira enunciação diz respeito a um artigo “*Auto-erotismo: um vazio ativo na clínica contemporânea*”, o qual tem como objetivo tratar do conceito de auto-erotismo na clínica contemporânea. Para tanto, a autora busca descrever a

²² A Revista Ágora (Rio J.) configura-se “como um fórum de discussão de pesquisas sobre os temas e problemas mais relevantes da Psicanálise contemporânea [...] Além disso, possibilitou a interação efetiva da psicanálise com vários campos, dando privilégio àqueles ligados a outras subáreas da Psicologia e a áreas afins do conhecimento tais como Sociologia, Antropologia, Epistemologia, Ética e Lingüística.” (<http://www.scielo.br/revistas/agora/paboutj.htm>, acessado em agosto de 2015).

²³ A revista Psicologia Clínica “destina-se a publicação semestral de trabalhos científicos originais nas áreas de Psicanálise: clínica e cultura; Linguagem e construção da subjetividade; Família e casal: estudos psicossociais em psicoterapia; Clínica e neurociência.” (<http://www.scielo.br/revistas/pc/paboutj.htm>, acessado em agosto de 2015).

²⁴ A Revista Psicologia em Estudo “tem como objetivo publicar estudos inéditos no campo da Psicologia e áreas afins.” (<http://www.scielo.br/revistas/pe/paboutj.htm>, acessado em agosto de 2015).

²⁵ A revista Psicologia USP “divulga artigos que reflitam o amplo espectro das preocupações atuais dos pesquisadores e os debates mais significativos que se travam nas áreas de fronteira das ciências humanas e biológicas. A revista publica artigos de reflexão e ensaios com ênfase em tópicos clássicos da Psicologia.” (<http://www.scielo.br/revistas/pusp/paboutj.htm>, acessado em agosto de 2015).

²⁶ A Revista Psicologia: Ciência e Profissão “publica artigos originais referentes à atuação profissional do psicólogo, à pesquisa, ao ensino ou à reflexão crítica sobre a produção de conhecimento na área da Psicologia. Sua missão principal é contribuir para a formação profissional do psicólogo brasileiro bem como socializar o conhecimento psicológico produzido por aqueles que pesquisam e/ou atuam no campo da Psicologia.” (<http://www.scielo.br/revistas/pcp/paboutj.htm>, acessado em agosto de 2015).

²⁷ A Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa tem como objetivo “publicar trabalhos originais relacionados à psicologia.” (<http://www.scielo.br/revistas/ptp/paboutj.htm>, acessado em agosto de 2015).

maneira pela qual os sujeitos vão sendo produzidos em cada fase da vida, desde o ventre materno até a idade adulta.

É uma escrita que se movimenta através de conceitos que tentam explicar as fases que cada sujeito passa em relação ao auto-erotismo, o qual, segundo a autora, vai produzindo as subjetividades. Ao longo do texto, ela cita alguns exemplos, através da utilização de experiências de alguns(as) pacientes como mais uma forma de explicar tal conceito.

O auto-erotismo, portanto, é a base para o progresso de erogeneização, mas diferencia-se deste pelo fato de ser uma experiência origininária, fragmentária e parcial, na qual as pulsões não têm outra direção além de sua tendência à descarga pela via mais curta, e também por ser um registro sensório-mnêmico das explorações intra-uterinas. As pulsões auto-eróticas por si sós não se ligam a nada mais do que à sensação, podendo permanecer neste estado de parcialidade. O processo de erogeneização, por sua vez, advém de um outro, desejante e imaginativo, que se faz presente com toques, com palavras, com o olhar, com os afetos dirigidos ao bebê, numa relação marcada pelo sentido.”(REIS, 2003, p. 194)

A segunda enunciação está no artigo intitulado “Os cuidados com a ‘carne’ na socialização sexual de jovens”, cujo objetivo é discutir “o posicionamento de lideranças cristãs sobre a “gestão” das sexualidades dos jovens, no contexto de interpelação das políticas sexuais do Estado.” (RIOS, et al, 2008, p. 763)

Para tanto, os(as) autores(as) recorrem à pesquisa etnográfica, com análise documental, entrevista com 47 religiosos(as) e observações, em Recife. Enquanto resultados, a investigação mostrou o quanto a disciplina é potente no espaço religioso e como a mídia é uma das responsáveis por erotizar a infância. Além disso, a partir dos(as) autores(as), os pecados da carne/erótico são os culpados por deixarem os(as) jovens em situação de tentação, com a exposição à AIDS e/ou à gravidez na adolescência.

*Corpo e Espírito são temas-chaves nos discursos religiosos cristãos, articulados quase sempre numa perspectiva teleológica de “salvação”, neste ou no “outro mundo”. Assim, por meio de ações diversas sobre o corpo propõem o alcance de estados ideais de “santidade” “técnicas de si” (Foucault, 2006) que, em menor ou maior grau, constituem um corpo carregado de sensações, desejos e prazeres. **Destacamos que no manual de técnicas de si cristão – a Bíblia – em nenhum momento sexo/sexualidade e erotismo aparecem assim nomeados**, já que são noções recentemente inventadas na história do Ocidente. A categoria êmica utilizada é carne. (RIOS, et al., 2008, p. 675)*

[...]

*Sem negar a inspiração de Foucault (2006), tomemos outra via para pensar, uma vez mais, sobre o demoníaco ao qual ele se refere. Também não seria esta a condição de ser sujeito (d)à carne, entendida como concupiscência no ideário religioso, ou como o erótico no ideário científico moderno? A essência do sexual que se nega à disciplina? **Afinal, a força erótica, essencializada pela religião e pela biomedicina, se interpõe e subverte toda tentativa de disciplina e desestabiliza o cálculo.** O “vigiai e orai” é estratégia para manter adeptos e cidadãos a serviço da obra (divina e/ou do Estado), bem longe das **tentações**⁴, pois no final das contas o espírito (que é razão) não é tão forte quanto deveria e a carne (que deseja) também não se mostra tão fraca. Fomentar cálculos de risco, intervenções individualizantes que sobrecarregam o espírito, perseguir a culpa individual que deve advir depois do erro, são estratégias para lidar com as forças que os entrevistados vêem excitadas pelos apelos da mídia. (RIOS et al., 2008, p. 680-681)*

Na próxima enunciação, extraída do artigo “*Neurose traumática, neurose de transferência: um relato autobiográfico do holocausto*”, o autor propõe, como objetivo, “discutir essas características de neurose de transferência em patologias que foram explicitamente causadas por um trauma, e, sobretudo, quando esse trauma tem como especificidade uma perda parental”. (NETO, 2012, p. 414)

O artigo tem como eixo central discutir alguns traumas que os sujeitos sofrem e que são produzidos a partir de alguma perda. Como campo de análise, o autor se utiliza do relato autobiográfico de uma escritora franco-judia, a qual viveu na França durante o tempo da Segunda Guerra Mundial e teve seu pai morto em Auschwitz, tendo que viver escondida durante um longo período.

***O que há, enfim, também, é que o erótico está também em tudo isso, sobretudo nas tentativas de conquista e retenção do objeto; na sedução, no deixarse seduzir.** E o complexo de Édipo aí se inclui. Talvez o faça justamente por essa via que permite que todo o processo de elaboração do trauma e do luto se dê no palco do erotismo. O Édipo aí talvez seja a forma que o sujeito consegue dar a essa luta contra a perda. Talvez, ainda, seja mais que uma forma, mas uma resposta ao enigma do outro, que nesses casos se avultou com as perdas e ameaças. “O que quer de mim”, pergunta-se, de algum modo, Sarah em relação ao objeto, e essa pergunta é dirigida a mémé, e isso é algo que vaza para o leitor, de forma que este se pergunta desconfiado: o que quererá mesmo essa senhora com essa menina? Algo perverso? (NETO, 2012 p. 422)*

É possível pensar que o que há de comum entre todas as enunciações acima trazidas e as descrições que tece sobre cada uma delas é que todas estão

inseridas nos periódicos classificados como das Ciências Humanas, como já foi dito anteriormente, entretanto, o que merece atenção é a maneira pela qual ela está sendo produzida. Não se publicam artigos em periódicos das Ciências Humanas sem alguma intencionalidade. Cada um dos artigos tem a pretensão de falar sobre homens e/ou mulheres, bem como as Ciências Humanas delimita-os. Entretanto, não é somente produzir saberes sobre qualquer ou todos os seres humanos, mas alguns em específico.

É possível perceber, a partir das enunciações que não é qualquer ser humano que está sendo retratado nos artigos, mas sim àqueles pertencentes a grupos que diferem de um padrão considerado adequado e correto: sexo masculino, europeu, branco, alto, olhos e cabelos claros, pertencente à classe alta. Qualquer um que foge a esse modelo se torna passível de ser discutido dentro da área das Ciências Humanas, pois pode ser considerado um problema e que precisa ser, possivelmente, corrigido.

Nesse sentido, as Ciências Humanas, mais do que buscar conhecer determinados espaços sócio-culturais e os sujeitos que ali vivem, busca intervir sobre eles, especialmente naqueles procedimentos que são considerados como naturais para aqueles grupos. Se intervém, a partir daquilo que é considerado como correto, corrigindo-os. As Ciências Humanas, assim, pode ser vista a partir de sua potencialidade pedagógica, disciplinando, a partir de seus saberes, a vida humana.

Foucault já anunciava esse fato quando retratava quem era o objeto das Ciências Humanas. Para o teórico (2007c, p. 488 – 490)

Vê-se que as ciências humanas não são uma análise do que o homem é por natureza; são antes, uma análise que se estende entre o que o homem é em sua positividade (ser que vive, trabalha, fala) e o que permite a esse mesmo ser saber (ou buscar saber) o que é a vida, em que consistem a essência do trabalho e suas leis, e de que modo ele pode falar. [...] as ciências humanas não tratam a vida, o trabalho e a linguagem do homem na maior transparência em que se podem dar, mas naquela camada de condutas, de comportamentos, de atitudes, de gestos já feitos, de frases já pronunciadas ou escritas, em cujo interior eles foram dados antecipadamente, numa primeira vez, àqueles que agem, se conduzem, trocam, trabalham e falam.

Esse excerto, juntamente com as enunciações trazidas acima, faz pensar que o homem, considerado objeto das Ciências Humanas, é aquele que apresenta

uma funcionalidade, ou seja, ele só se torna visível a partir dos espaços em que está inserido e das funções que desempenha, ou seja, a partir de suas positivities.

Há “para certos indivíduos ou certas sociedades alguma coisa como um saber especulativo da vida, da produção e da linguagem – em última análise, uma biologia, uma economia e uma filologia”, nas palavras de Foucault (2007c, p. 490). Assim, como já anunciado, não é de um ser humano qualquer que está se falando nos periódicos pertencentes à área das Ciências Humanas na Scielo Brasil, mas sim daqueles(as) que apresentam uma particularidade, que fogem a uma norma padrão do que é considerado certo ou errado. Em outras palavras, se tornam objetos por serem pertencentes a culturas orientais, a grupos adeptos do BDSM, a atrizes, a mulheres, a pacientes que sofreram algum trauma ou passam por algum transtorno psicológico ou religioso.

É possível pensar que os artigos produzidos dentro das Ciências Humanas apresentam como pretensão produzir e legitimar saberes que partem de vontades de verdades de alguns sujeitos. Em outras palavras, essas vontades de verdades acabam fazendo com que as Ciências Humanas, a partir de suas discussões, se torne a área propícia e legitimada para falar e produzir cada vez mais saberes sobre o erotismo. Ou seja, por mais que se produzam saberes sobre o erotismo em outras áreas, é nela que mais se investe e que encontra solo profícuo para se propor e pedagogizar modos de vida humana.

DE QUEM SE FALA QUANDO EM EROS PENSAMOS – PARTE I.

Seria um absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa.

Michel Foucault, 2009b

Georges Bataille e Sigmund Freud?

O que nos dizem esses dois teóricos?

Quem são eles?

O que os aproximam?

De que maneira se distanciam?

A utilização desses dois teóricos só pôde ser pensada para esse trabalho a partir do momento em que adentro efetivamente o *corpus* de análise da qual me proponho investir e estudar. Esses teóricos apareceram no momento em que começo a ler e tecer fichamentos dos artigos que estão sendo utilizados enquanto *corpus* de análise²⁸. Ao invés de focar primeiramente naquilo que efetivamente estava sendo dito: conceitos, ideias, objetivos de estudos, meu olhar foi incomodado para outra coisa: os nomes que com certa regularidade apareciam. Cega diante de tantas letras parecia que Sigmund Freud e Georges Bataille saltavam por entre as outras palavras. Desse modo, na medida em que lia, fui percebendo certa recorrência na utilização dessas duas referências.

Cada vez mais incomodada com a presença desses teóricos em vários artigos, dei uma pausa no processo de leitura e voltei o meu olhar às últimas páginas dos textos, àquelas que geralmente se destinam aos referenciais utilizados para sustentar teoricamente os estudos e lá estavam, por vezes um e outro, outras

²⁸ É preciso ponderar minimamente, pois já havia me deparado com Georges Bataille um tempo antes, a partir do livro “O erotismo” (1987), no momento em que me propus a construir alguns entendimentos sobre o que poderia ser o erotismo. “O erotismo” era referenciado em vários outros textos que fui encontrando ao longo da minha busca.

vezes, um ou outro: Georges Bataille e Sigmund Freud sendo citados a partir de diferentes trabalhos e de diversas formas²⁹, mas, ainda assim, estavam lá.

Abaixo apresento alguns dos referenciais que trazem Georges Bataille e Sigmund Freud, como uma forma de materializar aquilo que me causou incômodo e de certa forma, estranheza.

Por exemplo, no trabalho intitulado “*A ausência do ciúme como um ideal cultural*”, há uma vasta literatura freudiana referendada.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996[1905].

_____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.X, Rio de Janeiro: Imago, 1996[1909].

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996[1912].

_____. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996[1922].

_____. A dissolução do complexo de Édipo” in *ESB*, V. XIX, RJ: Imago, 1995[1924].

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996[1925].

_____. O fetichismo. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1995[1927].

No trabalho “*As psicopatologias de apoio: autismo, adicção e somatização*” também há a utilização de Freud nas referências:

FREUD, S. (1986) “Lettre (à W. Fliess) n.52 de 6/12”, in *Naissance de la psychanalyse*. Paris PUF.

. (1913/1993) “Animisme, magie et toute-puissance des pensées”, in *Totem et tabou*. Paris: Gallimard.

. (1915) “Pulsions et destins des pulsions”, in *Oeuvres complètes*, t. XIII. Paris: PUF.

. (1920) “Au-delà du principe du plaisir”, in *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot.

. (1923) “Les relations de dépendance du moi”, in *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.

. (1923) “Le moi et le ça”, in *Essais de Psychanalyse*. Paris: Payot.

²⁹ O que chamo de forma diz respeito às normas pelas quais os periódicos científicos assumem para que sejam feitas as referências bibliográficas.

Nos artigos intitulados “*A antropologia da sexualidade no Brasil*”, “*Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo*”, “*Relações de erotismo e violência*” e “*De Gabriela a Juma: imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras*” os(as) autores(as) fazem referência à obra “*O erotismo*” de George Bataille, apenas com diferentes edições, editoras ou advindas de outros países, por isso, com traduções diferentes.

BATAILLE, G.L' *Erotisme*. Paris: Minuit, 1957.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre, L&PM, 1987.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre, L&PM, 1987, p.17.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

No artigo intitulado “*O rap, o hip hop e o funk: a “eróptica” da arte juvenil invade a Cena das escolas públicas nas metrópolis brasileiras*”, as referências feitas a Bataille são:

Bataille, G. (1995). *Les larmes d'Éros*. Paris: Jean-Jacques Pauvert.

Bataille, G. (2003). *História do olho*. São Paulo: Cosac & Naif.

Entretanto, Georges Bataille e Sigmund Freud não estão sendo utilizados somente de forma isolada, ou seja, quando se fala em um teórico, não se deixa de lado o outro. Especialmente nos artigos “*À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo*” e “*O grotesco em Machado de Assis: uma leitura de ‘a causa secreta’*” estão sendo aplicados trabalhos realizados pelos dois teóricos.

BATAILLE, George. *The Accursed Share*. New York: Zone Books. 1993. v. II & II.

[...]

FREUD, Sigmund. *Outline of Psychoanalysis*. London: The Hogarth Press and the Institute os Psychoanalysis, 1940.

BATAILLE, G. – *O erotismo. O proibido e a transgressão*. Trad. João Bernard da Costa. 2 ed. Lisboa, Moraes Ed., 1980.

[...]

FREUD, S. – O estranho. In: *Obras psicológicas completas*. Direção e revisão técnica de Jaime Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1977. V. 27, p. 275-318.

Essas foram apenas algumas enunciações que busquei para descrever uma regularidade que foi emergindo a partir da leitura dos referenciais. Essa me causou certa curiosidade, no sentido de tentar compreender o que dizem esses teóricos para que estivessem sendo utilizados de maneira recorrente quando é evocado o conceito de erotismo em artigos publicados presentes na Scielo Brasil.

Voltando à leitura dos artigos, vislumbrei que tanto um teórico quanto o outro acabam sendo utilizados a partir de diferentes maneiras ao longo dos artigos, ou seja, a eles estão sendo dados diferentes enfoques. Enquanto alguns artigos os trazem como um suporte, uma base que sustenta a escrita dos mesmos, outros somente os mencionam como mais um teórico que trabalha com o erotismo, colocando-os a conversar com outros que também se dedicam a pensar esse conceito.

Assumo a ideia de conceito, a partir de Deleuze e Guatarri (2010, p. 18).

Para os teóricos, conceito

não é dado, é criado, está por criar; não é formado, ele próprio se põe em si mesmo, autopoisição. As duas coisas se implicam, já que o que é verdadeiramente criado, do ser vivo à obra de arte, desfruta por isso mesmo de uma autopoisição de si, ou de um caráter autopoietico pelo qual ele é reconhecido. Tanto mais o conceito é criado, tanto mais ele se põe.

Juntos, os teóricos apontam uma série de condições para que se torne possível construir um conceito.

1. É ato de uma criação, de uma criação filosófica. Em outras palavras, somente a filosofia se encarrega da criação de conceitos. Não que a ciência e a arte³⁰ não criem coisas também, mas o conceito é objeto de criação da filosofia.

³⁰ Em parceria com Felix Guatarri, Gilles Deleuze (2010), coloca a filosofia na mesma esteira da ciência e da arte. Não que elas assumam um patamar de sinônimos, pois cada uma apresenta as suas singularidades. O que os autores buscam se referir é que essas “três potências criadoras” (GALLO, 2008, p. 42), mesmo apresentando as suas particularidades, são complementares e partem

2. Não existem conceitos que sejam simples ou composto por um único componente, mas também não existe conceito que integre todos os componentes. Eles são duplos, triplos, sendo definidos pelos componentes que os integram. O conceito é uma multiplicidade.

3. O conceito não apresenta um formato definido, regular. Ele “é questão de articulação, corte e superposição” (DELEUZE E GUATARRI, 2010, p. 23) e parte de um problema.

4. O conceito apresenta uma história, que não é produzida linearmente, mas em ziguezague. Sendo criação, ele não emerge do nada, não apresenta uma origem, não é algo natural, orgânico, puro, que sempre esteve e estará localizado da mesma forma e no mesmo lugar, mas é produzido a partir de problematizações que são feitas.

5. Ao mesmo tempo que um conceito é histórico, ele possui um devir, pela impossibilidade de se conseguir capturar todas as informações sobre o que se deseja criar.

Aqui, os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compoem seus respectivos problemas, pertencem à mesma filosofia, mesmo se tem historias diferentes. Com efeito, todo conceito, tendo um numero finito de componentes, bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões do mesmo plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação. Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes. (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 26)

6. O conceito é incorporeal, acaba materializando alguns corpos, mas não são efetivamente “OS” corpos, ele apenas fala sobre eles. Assim, o conceito fala o acontecimento, não a coisa/ o corpo em si.

7. O conceito é absoluto e relativo ao mesmo tempo: “relativo a seus próprios componentes [...] mas absoluto pela condensação que opera, [...]. É infinito por seu sobrevoou ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes.” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p. 29)

8. Por fim, os teóricos colocam que o conceito não é proposição, proposicional, nem intencional, assim o conceito não pode ser pensado enquanto discurso, pois para a filosofia, o conceito não tem a pretensão de encadear proposições ou intenções.

A partir da exposição do que foi produzido por Deleuze e Guatarri sobre o conceito, dispara em mim o seguinte questionamento: de que maneira Georges Bataille³¹ e Sigmund Freud³² podem estar sendo pensados e utilizados nos artigos que compõem a Scielo Brasil quando o conceito de erotismo é evocado?

Nesse momento, tento responder a esse questionamento, sem ter a pretensão de fazer do que está escrito, aqui, uma verdade ou até mesmo tecer interpretações daquilo que está posto nos artigos. Pelo contrário, trata-se de experimentar algumas possibilidades pelas quais as ideias estão sendo vistas e engendradas ao longo dessa tese: experienciando modos de olhar e tecer apontamentos.

Em um primeiro momento, me remeto somente às referências de Georges Bataille. A partir da utilização desse teórico é possível pensar que alguns dos artigos acabam trazendo-o como uma inspiração, ou seja, assumem seus estudos para se apoiarem, como uma forma de realizar algumas análises, a fim de tecer uma forma de pensar similar a dele. Para tanto, por vezes, são postas definições que o teórico traz em seus estudos, para que, no correr do artigo, sejam tecidas algumas ligações/relações com o que foi encontrado no campo empírico e as ideias produzidas pelo teórico.

³¹ Georges Bataille nasceu em 1897 e morreu em 1982. “Nasceu em Billom, França. Ex-seminarista, arquivista-paleógrafo no Gabinete das Medalhas da Biblioteca Nacional, este bibliotecário foi também colaborador de várias revistas. Autor de uma ficção erótica que o coloca entre os ‘malditos’, de seus estudos mais ‘teóricos’ – A parte Maldita, A Literatura e o Mal e A Experiência Interior, entre eles – O Erotismo é certamente o mais apaixonado e impetuoso.” Para mais, ver BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

³² Sigmund Freud nasceu em 1856 e morreu em 1939 na Austria. Médico, se especializou em psiquiatria. Trabalho no Laboratório de Fisiologia de Ernest Bruke e no Hospital Geral de Viena. Dedicou-se a estudar a sexualidade infantil enquanto uma descoberta. “Em suas investigações na prática clínica sobre as causas e o funcionamento das neuroses, descobriu que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos se referiam-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, que na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas”. Para mais, ver: BOCK, Ana Mercês Bahia et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.

As partes que procuro demarcar nas enunciações trazidas a seguir são trechos/ definições que foram produzidas por Bataille em alguns de seus textos para a compreensão do que seria o conceito de erotismo para esse teórico.

Com esses trechos, estão sendo traçadas algumas afirmativas em concordância com aquilo que o teórico produziu. Em outras palavras, os(as) autores(as) dos artigos delimitam um campo empírico e buscam associá-lo às ideias produzidas por Bataille.

Além disso, é possível vislumbrar que essas definições pouco estão sendo questionadas, sendo aceitas da maneira como o teórico as produziu. Suspeito que as ideias produzidas por esse teórico servem, cabem como uma reprodução “do que seria o erotismo”, apenas fazendo esse conceito encaixar nos *corpus* analíticos, como peças em um quebra-cabeça. Os artigos trazem as definições como uma forma única, simples e a-histórica daquilo que foi produzido por Bataille para pensar o erotismo.

Para isso, trago algumas enunciações que foram extraídas, respectivamente, aos artigos intitulados: “*Cuidados consigo mesma: sexualidade e erotismo na província do Tete, Moçambique*” e “*De Gabriela a Juma – imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras*”. Nesses artigos, os(as) autores(as) procuram tecer associações entre o *corpus* analítico da qual se dedicam a estudar com definições sobre o conceito de erotismo que estão nos textos produzidos por Bataille.

O presente artigo inspirou-se no trabalho de Bataille, *L'erotisme*, no qual define o erotismo como uma forma particular da atividade sexual de reprodução. **“A reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas mete em jogo a sua continuidade, isso é que é intimamente ligada à morte. É falando da reprodução dos seres e da morte que esforçáreis-me de mostrar a identidade da continuidade dos seres e da morte que são uma e outra igualmente fascinante e cujo fascínio domina o erotismo. Assim, o artigo analisa como o contexto social molda a maneira como os indivíduos imaginam sua sexualidade, a realizam e com quem. (BATAILLE, 1957, p. 17-19).”** (BAGNOL; MARIANO, 2009, p. 388)

[...]

A associação dos pequenos lábios com a vida, vida sexual, vida reprodutiva, saúde individual, psicológica e sexual da mulher é extremamente importante, e expressa o quão central eles são para ser e sentir-se mulher. Assim, quando se

diz que a mulher “tem vida” ou é “rica”, faz-se alusão às potencialidades do processo sexual tendo em conta a reprodução. A “vida” e a “riqueza” apontam para uma numerosa descendência, garantia da força de trabalho para as atividades agrícolas. Vida e riqueza são sinônimos, no contexto cultural em estudo, da garantia de sustento na velhice e da continuação da vida depois da morte porque os pais serão recordados como antepassado(a) nos rituais familiares pelos(as) filhos(as) e os(as) netos(as) e terão seus nomes atribuídos aos indivíduos das novas gerações, num processo de reencarnação. A morte e o tornar-se espírito é a última fase do processo de transformação da pessoa que começou no nascimento. Do nascimento à passagem para o espírito ocorre um ciclo completo. Este aspecto mostra como a sexualidade está fortemente ligada a uma visão do mundo holística, onde a morte e a reprodução são elementos fundamentais, que se liga fortemente com a reflexão de Bataille sobre o erotismo (1957, p. 17-19). (BAGNOL; MARIANO, 2009, p. 396)

Claro que os inúmeros banhos de rios das personagens Juma, Guta e Muda, interpretadas por Cristiana Oliveira, Luciane Adami e Andréa Rixa, ajudaram a ativar a audiência. Cristiana conheceu o sucesso como a protagonista da trama e garante que na época não se importou em aparecer inclusive em nu frontal na novela. “A Juma tinha uma sensualidade de bicho, sem maldade. Por isso, a nudez estava inserida na trama”. Segundo Georges Bataille, **“o que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. [...] Mas, no erotismo, [...] a vida descontínua não está condenada a desaparecer: ela é somente colocada em questão”**. E é exatamente essa descontinuidade, essas “coisas fora do lugar”, que escapa de algum tipo de “controle” social e age no reverso, no contrário da dita “norma pudica”. Ocorre, dessa forma, a erotização de personagens que representam mulheres específicas, algumas com maior ou menor incidência, que vivem algum tipo de liberdade, sexual ou social, mas que são, de certa forma, contraditórias, pois, ao expressar sua livre sexualidade, são aprisionadas pelo olhar masculino em estereótipos que as marginalizam, cristalizando-as como se fossem (no sentido do ser, de identidade) apenas corpos. (KLANOVICZ, 2010, p. 154)

Especialmente no artigo intitulado “À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo” é possível perceber que há uma forma de explorar o conceito de erotismo produzido por Bataille de duas maneiras: ao mesmo tempo em que existe a presença de definições criadas pelo teórico, há também uma escrita diferente das definições/ trechos que são trazidos nos textos de Bataille, mas ainda assim contendo todas as ideias que foram produzidas pelo teórico, sem problematizá-lo, sem fazer questionamentos.

O que vejo na escrita de Georges Bataille sobre a atividade erótica em seu *A parte maldita (The Accursed Share)* é tanto uma crítica e uma re-articulação da construção do sujeito quanto um efeito da regulação social (jurídica e moral). Para Bataille – assim como para Locke e Hobbes, os estruturadores da regulação jurídica – a emergência do humano ocorre no ato radical da separação

do animal. É um efeito de uma aversão à natureza como aquela que é dada aos seres humanos – que é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de regras e o início da história. Dessa ruptura, Bataille argumenta, emergem os dois qualificadores exclusivamente humanos – o racional, que ele associa à lógica da aquisição da produção material, e o erótico, que ele coloca como o oposto, a saber, a lógica excessiva do consumo sexual. Para ele, no entanto, não tanto as regras, mas o estabelecimento de regras mais sua transgressão distinguem a sexualidade humana. **A “formação do erotismo”, discute, “implica uma alternância de repulsão e atração, de negação e de afirmação, uma alternância imediata em que é humano (erótico) e não simplesmente sexual animal”.** Pois o erótico institui o humano através da oposição entre as regras produtivas (da história e da economia) e a transgressão, o retorno à animalidade rejeitada que deriva seu poder precisamente do fato de que é um rompimento com a regulação produtiva. Na atividade erótica, o consumo não está submetido à produção regulada – que é levada tanto pela infinita abundância de vida quanto pelo vazio anunciado pela morte. Isto é, ele critica a produtividade econômica, a lógica utilitária da regulação na qual a produção é ajustada em direção à maximização do resultado com a menor despesa possível de recursos disponíveis. (SILVA, 2006, p. 71 - 72).

Ao discutir a crítica de Bataille da regulação, em minha leitura da democracia racial, focalizo como, na versão de Freyre do contexto colonial brasileiro (jurídico, econômico e moral), uma instância particular de regulação – a significação científica – permite uma apropriação do erótico como a expressão do desejo que segue a lógica da produção em que o excesso não é um significante da efusão que caracteriza a produção não-regulada (apenas por ser transgressora). Isto é, minha tarefa é mostrar como, na narrativa do sujeito brasileiro, o retorno ao rejeitado/ abjeto, a transgressão das regras – do intercuro sexual, do consumo produtivo, do casamento – da humanidade, a articulação simultânea do racial e do sexual produzem tanto um sujeito nacional que é um sujeito histórico de poesis quanto um sujeito de abjeção, isto é, aquele cuja única trajetória é o gasto, cujo destino é o apagamento. O que discuto é o efeito do excesso, a articulação de Freyre dos lugares eróticos no âmago da narrativa do sujeito brasileiro. (SILVA, 2006, p. 73)

Seguindo na mesma esteira, foi possível perceber e tornou-se interessante apresentar que existem recorrentes temáticas que estão sendo reportadas à psicanálise, especialmente, a conceitos que foram propostos por Sigmund Freud.

Entretanto, um fato interessante que merece destaque é que, diferentemente dos artigos que utilizam os trabalhos realizados por Bataille, os quais apontam definições criadas por ele para tecer relações com o que vem sendo compreendido como erotismo, os artigos que referenciam estudos da psicanálise não têm a pretensão de apresentar definições, a partir de Freud, para o que poderia ser o erotismo. Dito de outra maneira, não se busca explicar ou definir o que é o erotismo. Não que isso se torne problemático, o que destaco é a presença de uma

certa naturalização do que seja o erotismo. Em outras palavras, suspeito que para esses artigos a noção de erotismo esteja dada, é natural, portanto não existindo a necessidade de explicá-la.

A naturalização do que poderia vir a ser erotismo nesses artigos foi pensada pelo fato de pouco ou não haver discussão acerca desse conceito. Ao invés disso, os artigos trazem dados daquilo que é considerado enquanto elementos da sexualidade. Em outras palavras, a partir da leitura desses artigos, parece que há uma forte vinculação entre o que seria o erotismo com questões ditas da sexualidade.

Lejarrara (2002) se ocupou de explicar a vinculação entre o erotismo e sexualidade em Freud. A autora realizou uma análise da primeira tópica freudiana³³ sobre sexualidade e amor, afirmando que, nesses estudos, ora existe uma vinculação entre amor, sexualidade e erotismo ora a autora coloca que a noção de amor passaria a corresponder diretamente a uma “supervalorização sexual”. Para a autora (2002, p. 142), “cl clinicamente, Freud se refere à vida amorosa, mas quando constrói o edifício teórico, os sentimentos amorosos são traduzidos automaticamente por representações eróticas ou moções sexuais”.

Com isso, parece óbvia a vinculação entre erotismo e sexualidade nos artigos. Somente há a necessidade de explicar as relações que estão sendo feitas entre o que é considerado erotismo e alguns conceitos freudianos. Não ou pouco se explica o erotismo, discute-se sexualidade, a partir de conceitos freudianos, mesmo que, por vezes, se evoque o erotismo.

Além disso, ainda é possível afirmar que muitos desses artigos buscam apresentar outra lógica na sua apresentação, ou seja, parecem demarcar outro espaço, produzir uma identidade, a qual busca uniformizar uma maneira de escrita. Em outras palavras, é possível entendê-los a partir de um caráter mais explicativo

³³ Para Garcia-Roza (2009, p. 77) “o que ficou conhecido como constituindo a 1ª tópica freudiana, isto é, a concepção do aparelho psíquico formado por instâncias ou sistemas: o sistema inconsciente, o pré-consciente e o consciente.” Continua o teórico (2009, p. 78) “os lugares de que ela trata não são lugares físicos, não podem ser localizados anatomicamente e não possuem nenhuma realidade ontológica. Podemos mesmo dizer que a tópica freudiana importa menos pelos lugares que ela estabelece do que pela direção do funcionamento do aparelho. O que em primeiro lugar essa tópica pretende expressar é o sentido progressivo-regressivo do funcionamento do aparelho psíquico, e é nessa medida que o conceito de *regressão* se impõe como conceito fundamental nesse momento da teoria psicanalítica.”

sobre determinados problemas pessoais/ traumas que homens e mulheres passam ao longo da vida ou até mesmo a explicação de algum conceito a partir desse teórico.

Dito de outra maneira, os artigos que estão sendo publicados em periódicos vinculados à área da psicologia parecem trazer indícios de que seus objetivos são apresentar algumas respostas e por vezes até soluções para determinados traumas pelos quais os sujeitos passam e, para isso, trazem alguns conceitos cunhados por Freud como explicação³⁴.

Nas enunciações que descrevo abaixo e que foram retiradas respectivamente dos artigos “*A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade*” e “*Auto-erotismo: um vazio ativo na clínica contemporânea*”, procuro mostrar a maneira como conceitos freudianos estão sendo utilizados para explicar associações que são realizadas entre o erotismo e a sexualidade. Em outras palavras, nessas enunciações, é possível visualizar a utilização do erotismo colado a atributos considerados da sexualidade.

*Freire-Costa (1998, p. 23-27) criticou Reich e Marcuse por criarem uma utopia sexual calcada num **erotismo colado ao sexo**. Isso levaria a um empobrecimento da experiência amorosa, na medida em que reatualizaria a antiga cisão entre ternura e sensualidade (FREUD, 1912). Contudo, um erotismo livre de ciúme e de fidelidade está cada vez mais em voga em nossos dias. Se por um lado, a expressão exagerada do ciúme esteve colada à psicopatologia desde as primeiras formulações freudianas, por outro, a expressão do “ciúme normal” (FREUD, 1922, p. 237), signo corriqueiro da ameaça de rompimento da exclusividade afetiva do(a) parceiro(a), é ainda bastante presente na cultura e está longe de ser abandonada. Porém, o ciúme não é mais um sentimento que representa a prova cabal do amor, como foi outrora, quando era fundado na crença romântica hegemônica. Ora, em certos nichos sociais o ciúme sequer tem lugar. Quanto menos reprimidas, mais livres e eroticamente intensas as relações, mais o ciúme romântico deve desaparecer. (ARREGUY; GARCIA, 2012, p.764)*

*A esse registro protomnêmico, podemos associar aquilo que foi definido por **Freud como a existência primordial e inicial das pulsões auto-eróticas, às***

³⁴ De acordo com Lejarrara (2002, p. 143), o foco da atenção de Freud, na época, estava voltado para “a noção de trauma, de defesa, de mecanismos de formação de sintomas, e para a origem sexual e infantil dos sintomas neuróticos”.

quais seria preciso agregar uma “nova ação psíquica” para dar origem ao narcisismo e ao eu como instância psíquica organizada e organizadora das trocas erógenas com o mundo (FREUD, 1914/1975). Dessa forma, o autoerotismo se configura, segundo a direção que desejamos tomar nesta argumentação, como uma virtualidade problemática, que, ao manter um estado de excitação clama pela emergência de uma forma — o corpo erogeneizado, libidinal e carregado de sentidos. (REIS, 2003, p. 190)

Além disso, outros artigos apresentam enquanto objetivo revisar conceitos freudianos, como o de “corpo” e de “transferência”. É o caso dos artigos intitulados “O Corpo em Psicanálise” e “Transferência erótica: uma breve revisão”, que trago em seguida.

Nesses artigos, suspeito que o erotismo esteja aparecendo como um complemento a outro conceito, não enquanto um elemento central para a discussão. Em outras palavras, o erotismo aparece dando uma especificidade a um determinado conceito que é o foco da discussão, no caso desses artigos, ao corpo e à transferência.

Além disso, outro fato que se torna interessante e que pode ser pensado a partir dessas enunciações é que o erotismo ainda aparece como sendo algo essencializado. Não se discute erotismo, mesmo que esse não seja o propósito do artigo, mas ainda assim ele está sendo assumido enquanto algo que é considerado como pertencente à sexualidade.

*A psicanálise seria ainda definida pelo sexual, não no sentido biológico, mas sim pelo sentido erótico. Já em 1893-1895/1987, nos Estudos sobre a histeria, Freud afirmava que o corpo da histérica (ou a própria histeria) só poderia ser definido se fosse considerada não somente a anatomia (as paralisias, as afasias), mas a condição da representação corporal presente no imaginário social. [...] O corpo da psicanálise, que evidencia a sexualidade, **traz à tona, posteriormente, uma lógica dada pelo erotismo e regulada pelo desejo.** (LAZZARINI e VIANA, 2006, p. 243)*

Em 1915, Freud se referiu ao “amor de transferência” como uma complicação do processo psicanalítico, que acontece com frequência e no qual o paciente se diz “apaixonado” pelo seu terapeuta. Uma recomendação desse trabalho é que o analista deve reconhecer que o apaixonamento do paciente não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa. Freud tem o intuito de demonstrar o quanto as forças da natureza estão presentes através da transferência e que também o analista deve estar atento para saber exatamente com o que está lidando, utilizando a transferência erótica para uma maior compreensão do

paciente. Nesse mesmo trabalho, o autor classificou a transferência em positiva e negativa. A transferência positiva se refere, então, a todas as pulsões e derivados relativos à libido, especialmente os sentimentos de afeto e carinho, incluindo os desejos eróticos, desde que tenham sido sublimados sob a forma de amor não-sexual e não persistam como um vínculo erotizado. Por outro lado, a transferência negativa se refere à existência de pulsões agressivas com seus inúmeros derivados, como inveja, ciúmes, voracidade, destrutividade e sentimentos eróticos intensos. (ISOLAN, 2005, p. 189)

Além dessas, outra especificidade acabou emergindo nas leituras dos artigos da Scielo Brasil e que se utilizam de Freud enquanto um teórico que lhe dá sustentação. Ainda que de uma maneira menor, alguns deles acabam demarcando uma particularidade que pode ser vista como da psicanálise: a contação de casos clínicos como forma de abordagem analítica científica. Casos esses particulares ou que o próprio Freud e outros psicanalistas descreveram em seus estudos.

Para Castro (2009, p. 345)

pode-se dizer que a psicanálise é uma psicoterapia abstrata na medida em que ela constitui, entre o paciente e o médico, um meio artificial, intencionalmente separado das formas normais e socialmente integradas das relações inter-humanas; na medida também em que ela busca dar aos conflitos reais do paciente o sentido de conflitos psicológicos; às formas atuais da doença, a significação de traumatismos anteriores; na medida, finalmente, em que ela dispensa as soluções reais, propondo, como substitutos, a liberação dos instintos que sua mitologia imagina ou a tomada de consciência de pulsões onde seu idealismo crê reconhecer a origem dos conflitos objetivos.

Os casos clínicos podem ser pensados como confissões, em que pacientes relatam as suas vidas ou partes dela aos psicanalistas ou psiquiatras para que seja possivelmente identificado algum conflito psicológico. Interessante salientar que nos artigos, essas confissões são feitas nos maiores níveis de detalhamento, sendo explicados a partir de conceitos da psicanálise, dentre eles, os freudianos. Em outras palavras, parece haver nesses artigos indícios de respostas ou projeções de cura para que alguns acontecimentos tenham sido produzidos em determinados sujeitos.

Foucault (2007b, p. 77) afirma que

A confissão ganhará sentido e se tornará necessária entre as intervenções médicas: exigida pelo médico, indispensável ao diagnóstico e eficaz, por si mesma, na cura. A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por que é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável.

Um fato interessante de ser apontado é que na descrição dos casos clínicos, o erotismo está sendo tratado enquanto um conceito central. Em outras palavras, há o relato dos pacientes e, diante de alguns dados, é possível demarcar a produção de um conflito psicológico, no caso desses artigos, a Síndrome de Clèrambaut ou erotomania³⁵. A lógica apresentada nos artigos é essa: os pacientes acabam contando exaustivamente o caso, os quais são relatados nos artigos com o maior detalhamento possível e após identifica-se a provável enfermidade, apontando em que momentos dos relatos foi possível fazer determinadas afirmações.

Nas enunciações que seguem, apresento partes das confissões dos(as) pacientes que estão sendo trazidos nos artigos e trechos das análises que foram desenvolvidas para os casos. Elas dizem respeito, respectivamente, aos seguintes artigos: *“Síndrome de De Clèrambault: segundo relato de caso em português”*; *“A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania”* e *“Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico.”*

Mulher de 46 anos, em seguimento psiquiátrico com um dos autores desde os 40. Seus delírios erotomaníacos surgiram aos 14 anos, quando, com intercorrência clínica, o pai a levou para consultar um proeminente médico da cidade. Casou-se grávida aos 16 anos. Teve dois filhos e uma filha e divorciou-se aos 23 anos porque o marido a agredia fisicamente. Trabalhou com confecções durante 14 anos e atualmente está aposentada por incapacidade devido ao transtorno mental. Tratou-se anteriormente com outros três psiquiatras. Usou fenotiazinas, que, devido ao efeito sedativo, ocasionaram seus primeiros afastamentos do trabalho; ganhou 28 quilos, e seu Índice de Massa Corporal (IMC) atingiu 37,3 kg/m², fato que dificultou a adesão à terapêutica subsequente. No tratamento presente, algumas vezes apresentou-se depressiva, ocasionalmente com ideação suicida, outras vezes em elação. Afirmava ter a vagina diferente, cuja fotografia o antigo médico havia vendido por muito dinheiro, para ser publicada em livros científicos. Falava sobre casos amorosos que mantinha com homens importantes que a cortejavam. Mencionava, sobretudo, o médico, núcleo de suas idéias delirantes, que estaria permanentemente em seu encalço, sobrevoando sua casa com aviões ou helicópteros, contratando pessoas influentes para vigiá-la. Dizia também que a

³⁵ Segundo Rios (2013, p. 460) “a definição de erotomania mais comumente encontrada na atualidade é a utilizada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, o DSM-IV. É descrita como uma forma de delírio, denominado Transtorno Delirante do tipo Erotomaniaco, cujo tema central gira em torno de ser amado por outra pessoa, geralmente com uma posição social superior, como, por exemplo, no trabalho ou alguma personalidade pública. Tem a característica de ser um tipo de amor mais romântico do que sexual. A erotomania também é conhecida por Síndrome de Clèrambaut quando compreendida como algo mais amplo que um delírio.”

esposa do médico enviava pessoas para estuprá-la e matá-la. (CALIL; TERRA, 2005, p. 83)

[...]

No caso relatado, quando o quadro delirante teve início, a paciente pode ter idealizado o médico com fantasias onipotentes. Progressivamente, estruturou-se o delírio, reforçado pelas agruras da vida. A hostilidade manifestada nas consultas iniciais tem sido substituída pela aceitação do tratamento. A paciente vem ao consultório espontaneamente, pagando por seu tratamento. A despeito das consultas não serem freqüentes – visto como um fator limitante a interpretações transferenciais –, o vínculo com o atual psiquiatra e a adesão à risperidona, ainda abaixo da dose desejada, pode possibilitar, a longo prazo, que a paciente tome contato com a realidade de uma forma não- delirante. (CALIL; TERRA, 2005, p. 83)

Anos após uma crise de hipocondria durante a qual conheceu Dr. Flechsig, Schreber volta a procurá-lo com a sensação de ser objeto de manobras maléficas. Quando se achava entre o sono e a vigília, veio-lhe à mente o pensamento de que deveria “ser belo ser uma mulher e submeter-se ao ato da cópula”, ideia germinal do delírio. Sua condição piora e, dessa vez, ele permanece internado por nove anos, ao longo dos quais constrói seu sistema delirante e redige suas Memórias. Na ideia germinal do delírio, Freud ([1911] 1996) localiza a emergência de um impulso homossexual e a causa do desencadeamento da paranoia. A explicação gira em torno desta “fantasia de desejo homossexual” (Freud, [1911] 1996: 67). Contudo, ele enfatiza que, na tentativa de repelir o desejo homossexual, o paciente responde precisamente com “delírios de perseguição desta espécie” (Freud, [1911] 1996: 67). (GAMA; BASTOS, 2010, p. 147)

[...]

Para Freud a causa do desencadeamento da psicose de Schreber “foi a irrupção de um impulso homossexual” (Freud, [1911] 1996: 54). Articulando desejo homossexual e desencadeamento, ele afirma que, ao menos em sujeitos do sexo masculino, “as principais formas de paranoia conhecidas podem ser todas representadas como negação da proposição única eu (um homem) o amo (um homem)” (Freud, [1911] 1996: 71). Nas três formas de negar a proposição fica bastante evidente que a iniciativa parte do outro e que o sujeito está em posição de objeto. **No caso do delírio erotomaniaco: “Eu não o amo – eu a amo, porque ela me ama” (Freud, [1911] 1996: 71), embora o sujeito possa declarar o seu amor, foi o outro que amou o sujeito primeiro.** (GAMA; BASTOS, 2010, p. 150)

Em sua loquacidade inesgotável e difícil de ser interrompida, Dado era perseguido (ou seria o perseguidor?) por ideias amorosas fixas e dominantes, pelas quais se comportava de maneira a flertar, nas ruas por onde passava, no metrô, ou descendo do ônibus e a se perguntar: “Será que é este o cara?”. No caso da menor possibilidade de acontecer um encontro amoroso passava bastante tempo imaginando como teria sido todo o resto. Imaginar era algo de que se ocupava bastante e não era incomum que privilegiasse ficar em casa fantasiando a ir ao colégio, ao trabalho ou as reuniões de amigos. Ele chegou a perder dois empregos e o último ano escolar por faltas. A forma com que perguntava na saída do consultório se estava bonito, não deixava muitas alternativas quanto a possíveis respostas, a não ser a resposta esperada. (RIOS, 2013, p. 461-462)

[...]

Na erotomania, a contribuição passional oferecida ao objeto de seu amor tem a característica de ser inversamente proporcional a importância da contribuição imaginativa, ou seja, ama-se muito mais em pensamentos, fantasias e demandas, do que na oferta, conquista e manutenção do amor.

De alguma forma, esses pacientes se esquecem de si mesmos, ficam inquietos, sonhadores e coléricos. Imaginam que são olhados e que são amados (du Saulle, 1884). As interpretações aparecem mesmo longe do ser amado (Serieux, 1909). Possuem geralmente loquacidade inesgotável, sempre falando sobre seu amor (Moreau, 1887). É frequente o erotômano se tornar o verdadeiro perseguidor em relação ao objeto amado que não lhe retribui na mesma moeda e, sob o pretexto de ser perseguido, se tornar o pior dos perseguidores (Cullere, 1888). (RIOS, 2013, p. 461)

As confissões que são feitas pelos(as) pacientes e que estão materializadas nos artigos são uma prática que se torna recorrente na área da psicologia e da psiquiatria. É possível identificar, a partir dos relatos trazidos pelos(as) pacientes, a existência de conflitos psicológicos que acontecem nesses sujeitos. Reconhecendo-se os possíveis problemas, intervém-se sobre eles.

Foucault (2007b) coloca que a confissão ainda hoje é utilizada como uma forma de produzir um discurso verdadeiro. Entretanto, diferentemente do objetivo que tinha quando essa técnica foi criada, que era a da penitência, atualmente, ela é utilizada como arquivo, mantendo sempre como uma forma de registro. Com essa técnica, afirma o teórico (2007b, p. 72), “não se trata apenas de dizer o que foi feito [...] e como; mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contem.”

Com a formação desse arquivo de confissões, criou-se uma ciência, dirá Foucault (2007b, p. 73): “uma ciência-confissão, ciência que se apoiava nos rituais de confissão e em seus conteúdos”³⁶. Assim, pensando nas ideias apontadas por Foucault, a confissão ou a produção de dados a partir do relato da vida dos pacientes pode ser pensada enquanto uma estratégia metodológica específica da

³⁶ Foucault (2007b, p. 74- 77) sinaliza para algumas maneiras pelas quais se constituiu a confissão como uma forma científica para produzir saberes: “1. Através de uma codificação clínica do ‘fazer falar’”; “2. Através do postulado de uma causalidade geral e difusa”; “3. Através do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade”; “4. Através do método da interpretação”; “5. Através da medicalização dos efeitos da confissão”.

área da psicologia e psiquiatria. É um modo bastante particular de produzir conhecimento nessa área, funcionando como verdades.

O incômodo que me foi gerado a partir da utilização de Freud e Bataille nos artigos que abordam o erotismo na Scielo Brasil e a forma pelas quais esses teóricos estão sendo aplicados só foi possível de ser pensada a partir dos referenciais que venho me permitindo usar para pensar essa tese. Eles ensinam, a partir de seus textos, aulas, conferências e entrevistas a desconfiar daquilo que há de mais óbvio, que passa despercebido pelos nossos olhos. Estar sempre a espreita e suspeitar das ideias que estão cristalizadas, solidificadas e vistas como verdades inquestionáveis, compreendendo que as continuidades são formas prévias que foram construídas a partir de um tempo e um espaço, tendo que pô-las sob suspeita.

Além disso, como nos diz Foucault em entrevista a Dreyfus e Rabinow (2010, p. 278), o que interessa é tentar compreender “como o saber circula e funciona, suas relações com o poder”. Nesse sentido, os saberes não se relacionam somente entre si nesses artigos, mas eles também estão engendrados com o poder, mantendo relações com ele.

O poder “funciona como um conceito que tenta compreender como as práticas sociais operam, sem cair em uma teoria tradicional de história” (DREYFUS e RABINOW, 2010, p. 272), a qual o considera como uma centralidade, uma força única e unilateral. Mas, ao contrário, o poder funciona a partir da interação, de forma multifacetada e agindo em todos os lados.

Machado, na apresentação de *Microfísica do poder* (2008, p. X) coloca que as análises de Foucault

não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

A utilização de ideias que foram sendo produzidas por Sigmund Freud e Georges Bataille nos artigos que abordam o erotismo não estão sendo empregadas de maneira pura, ingênua ou neutra. Não é uma escolha qualquer, desinteressada. A preferência por esses teóricos e não outros carrega consigo inúmeros sentidos e é atravessada por diferentes relações de saber e poder.

Nessa esteira, desconfiar do referencial teórico – e até mesmo da necessidade de se ter um que funcione enquanto uma base para pensar os trabalhos científicos - que está sendo utilizado nos artigos que tratam do erotismo na Scielo Brasil me faz pensar que há um forte jogo de estratégias de poder e saber que estão sendo engendradas e sendo investidas ali.

Em outras palavras, os teóricos Freud e Bataille e seus usos não estão por acaso nos artigos, pois a Ciência Moderna delimitou uma maneira de pensar/ um modelo que passa por uma necessidade de definir e respeitar um suporte/ embasamento teórico. É preciso manter uma linha de pensamento pautada em um referencial teórico, assim ela se torna validada e possivelmente ingresse em uma ordem discursiva – científica, nesse caso. Com isso, a utilização desses teóricos - Bataille e Freud - pode ser pensada enquanto estratégias para adentrar no discurso e ter validação enquanto um saber científico.

Os usos que estão sendo feitos a partir dos estudos desses dois teóricos e/ou de algumas maneiras deles pensarem e a não utilização de outros aponta para algumas potencialidades, ou seja, são ideias que foram produzidas em um determinado tempo e espaço localizados, mas que acabam circulando, funcionando e sendo aceitas nos espaços sociais, sem um mínimo de estranhamento. São ideias que estão sendo evocadas e procuram produzir sentidos, buscando dar significados cristalizados ao erotismo, reverberando-se: mais um objetivo do discurso científico.

Além disso, as ideias produzidas por esses teóricos podem ser pensadas enquanto formas de legitimar algumas áreas de saber no discurso científico, ou seja, aquilo que está sendo produzido em relação ao erotismo tem a pretensão de se tornar um saber verdadeiro dentro do discurso. No caso desse trabalho é possível pensar que Freud e Bataille estão sendo utilizados por aqueles sujeitos que escrevem os artigos para pensar o conceito de erotismo como uma possível forma de garantir legitimidade dentro de uma área de saber, assim, estando inserido em uma lógica discursiva.

Em outras palavras, para produzirmos saber científico em determinadas áreas, precisamos nos ocupar de alguns(as) teóricos(as) e conceitos como forma de legitimar o nosso estudo. No caso dos artigos da Scielo Brasil não é diferente,

entretanto, a maneira como Bataille e Freud são acionados não pode ser pensada da mesma forma.

Bataille produziu o livro “O erotismo”, em 1957, e, nele, o teórico apresenta uma série de características e definições para o que poderia ser o conceito de erotismo, a partir de suas vivências, do tempo e do espaço em que ele estava localizado. O erotismo não foi pensado por esse teórico a partir do nada, do vazio, nem pode ser considerado enquanto um saber neutro, mas intencional. Bataille apresentava determinadas intenções ao escrever esse e outros livros e ao criar o conceito de erotismo. Esse conceito foi acionado por ele, a partir das relações e agenciamentos com as quais ele estava estabelecendo.

Nas enunciações que descrevi acima que procuram materializar algumas ideias, evocando o erotismo de Bataille, é possível verificar que pouco ou em nenhum momento as definições que são feitas estão sendo questionadas. Parecem estar ali para atender às normas do discurso científico, que precisa teorizar a temática na qual se está falando. O conceito de erotismo, nesses artigos, parece estar sendo naturalizado, sem levar em consideração que Bataille, na época em que escreveu seus textos, estava imerso em um determinado contexto histórico, político e em um devir.

Além disso, o erotismo parece se tornar algo puro, simples e homogêneo, desconsiderando toda uma multiplicidade que o envolve. Em outras palavras, parece que são aparadas as arestas, as linhas de fuga que demarcam as irregularidades de um conceito. As definições que Bataille produziu sobre o erotismo cabe/ serve, encaixa como a peça de um quebra-cabeça nos artigos da Scielo Brasil, ao contrário do que propôs Deleuze e Guatarri (2010, p. 31) para o que seria um conceito filosófico.

Os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder. Não há nenhuma razão para que os conceitos se sigam. Os conceitos, como totalidades fragmentárias, não são sequer os pedaços de um quebra-cabeça, pois seus contornos irregulares não se correspondem. Eles formam um muro, mas é um muro de pedras secas e, se tudo é tomado conjuntamente, é por caminhos divergentes. Mesmo as pontes, de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas, ou desvios que não circunscrevem nenhum conjunto discursivo. São pontes moventes.

Por outro lado, as teorizações que foram feitas nos artigos da Scielo Brasil, que tratam o erotismo a partir de uma perspectiva freudiana, apresentam outra lógica na sua forma de produção. Ao contrário dos artigos que buscam fixar um conceito de erotismo a partir das ideias de Bataille, àqueles que se dirige a Freud não me parecem ter essa pretensão.

Parece que não existe uma preocupação, por parte daqueles(as) autores(as) que se utilizaram de teorizações freudianas, em buscar e/ou produzir significados para o que seja o erotismo. Não se aparam as arestas como nos artigos que trazem Bataille enquanto uma base teórica as estendem, geralmente, para o mesmo caminho: o da sexualidade.

Parece tranquilo que se crie um elo entre aquilo que seria erotismo e a sexualidade, mas será que é tão óbvio assim esse elo?

Novamente suspeito que o erotismo esteja sendo visto enquanto um conceito simples, homogêneo, fechado, sem uma história e que apresenta algumas características que são vinculadas diretamente àquilo que é considerado sexualidade. Em suma, nos artigos que reportam a Freud, falar em erotismo é falar em sexualidade, sim.

Além disso, é possível afirmar que a Ciência funciona a partir de uma objetivação do conceito, ou seja, faz com que o conceito se torne útil, funcional, proposicional, afinal ele, para Deleuze e Guatarri (2010, p. 439), é o responsável por criar “funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos”.

“As funções e proposições bastam para a Ciência”, dirão os autores (2010, p. 42-43), entretanto, ainda acabamos atribuindo o “poder do conceito à ciência, medimo-lo pela ciência”. Neste caso, os conceitos são acionados enquanto máquinas, que o operacionalizam, procurando produzir, legitimar e cristalizar verdades para determinados espaços sociais.

Ainda há a possibilidade de pensar que Bataille e Freud, independente da maneira como estão sendo utilizados, acabam ocupando um *status* e ganhando legitimidade para falar sobre determinadas temáticas, nesse caso em específico, em relação ao erotismo. Em outras palavras, eles não estão ali como mais um nome próprio de uma lista de referenciais teórico-metodológicos ou ainda como uma

obrigação de ter embasamento teórico para a discussão científica. Esses teóricos estão ali executando funcionalidades, ou seja, podem ser vistos enquanto estratégias utilizadas pelo discurso científico, especialmente, por àqueles sujeitos que escrevem os artigos, ou seja, seus autores.

DE QUEM SE FALA QUANDO EM EROS PENSAMOS – PARTE II.

A Lagarta e Alice olharam-se uma para outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?” perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou a Lagarta severamente. “Explique-se!”

“Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora”, respondeu Alice, “porque eu não sou eu mesma, vê?”

“Eu não vejo”, retomou a Lagarta.

“Eu receio que não posso colocar isso mais claramente”, Alice replicou bem polidamente, “Porque eu mesma não consigo entender, para começo de conversa, e ter tantos tamanhos diferentes em um só dia é muito confuso.”

“Não é”, discordou a Lagarta.

“Bem, talvez não ache isso ainda”, Alice afirmou, “mas quando você transformar-se em uma crisálida – você irá algum dia, sabe – e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?”

“Nem um pouco”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez seus sentimentos possam ser diferentes”, finalizou Alice, “tudo o que eu sei é: é muito estranho para mim.”

“Você”, disse a Lagarta desdenhosamente. “Quem é você?”

Lewis Carrol, 2015.

O que é um autor³⁷?

Foucault lança possibilidades para compreender essa questão em, pelo menos, três momentos ao longo de sua obra, segundo Castro (2009): no texto “o que é um autor”, publicado em 1969, no *Bulletin de la Société Française de*

³⁷ Ao acionar o termo autor, não apenas se remete ao gênero masculino, mas a homens e mulheres que podem assumir essa posição de sujeito dentro de um discurso.

Philosophie; no livro *Arqueologia do Saber*, em 1969, e na sua aula inaugural do *Collège de France*, “A ordem do discurso”, em 1970. Nesses três trabalhos, Foucault coloca a maneira pela qual o autor aparece como sendo um dos mecanismos potentes para a produção, circulação e manutenção de um discurso.

Um autor, segundo Muchail (2002) pode ser considerado enquanto um sujeito, especificamente, uma posição que ele ocupa nos discursos. Em outras palavras, é tido como uma particularidade do sujeito em um determinado espaço.

O sujeito, para Foucault, está imerso nas relações de poder e saber. Está sendo produzido a partir dos mais variados agenciamentos, com as diferentes relações as quais é submetido constantemente.

Os sujeitos para Foucault, segundo Dreyfus e Rabinow (2010), são objetivados e subjetivados dentro de uma cultura, de uma história, de uma biologia e podem ser considerados enquanto efeitos de diferentes investimentos; foram sendo produzidos a partir de agenciamentos, com tudo àquilo que foi sendo construído a sua volta e são frutos de uma interação com o mundo: com saberes e poderes que circundam nos espaços sociais. Assim, podem ser reconhecidos a partir das posições nas quais vão ocupando nos espaços sócio-culturais.

Nesse sentido, pensar o autor é assumi-lo enquanto um sujeito, considerar que não é puramente um nome próprio que cria alguma coisa, mas que ocupa uma posição dentro de um discurso, não sendo neutro, mas fruto de relações/interações e que exerce funcionalidades intencionais.

Enquanto uma particularidade do sujeito, Foucault (2009b) afirma que a noção de autor surgiu em um momento decisivo para pensar a história das ideias, das ciências, das literaturas e das artes, garantindo-lhe um *status*, uma legitimidade, uma ética: um projeto que foi pautado pela Ciência Moderna, na qual investe em suas verdades, nas especializações, na racionalização de um pensamento e na legitimidade daqueles que estão produzindo/ daqueles que falam.

Para Irati (1998), a noção de autoria foi uma das heranças deixadas pelo projeto da Ciência Moderna, em meados dos séculos XVIII e XIX. Para ele, nesse período, há um forte investimento nas especializações, produzindo um caráter

valorativo e de legitimidade para determinados discursos, seja no campo religioso, científico e/ou no das artes.

Nas palavras de Irati (1998, p. 189):

o autor, assim, representa a realização do projeto da modernidade por meio da unicidade do sujeito e da sua obra, da sua unidade estilística, da sua coerência conceitual e até mesmo por sua originalidade. Esses aspectos servem para comprovar a autenticidade do discurso, e foram tão solidamente estabelecidos na cultura que ainda hoje são aplicados em grande medida tanto pela crítica literária, como, sobretudo, pelas instâncias de avaliação científica. É possível identificar nesses aspectos os ideais da modernidade, como universalidade, harmonia, a idéia da existência de idéias únicas, a verdade e a razão.

Ao contrário do que coloca Irati (1998), um autor, para Foucault (2009b), não exerce um papel representativo, mas de funcionalidade. Ele não é meramente um nome para quem se está sendo atribuído um texto, uma tela, um filme, por exemplo, mas ele exerce uma função, seja ela política ou social. Nesse sentido, existe, para ele, uma “função autor” (2009b, p.274), o qual propõe, fala, exerce alguma coisa, ocupa uma posição dentro de um campo discursivo.

Além disso, enquanto uma função, ela não pode ser conhecida como apenas mais um elemento/ parte de um discurso, mas sim enquanto uma estratégia, ou seja, alguém que se torna potente e reconhecido porque fala sobre alguma temática.

Nesse sentido, importa sim quem fala³⁸ em uma sociedade contemporânea, pois um autor, por sua funcionalidade, acaba produzindo e legitimando determinados discursos e também outros autores. É produzido dentro de um jogo: o discursivo. Nisso, ainda há resquícios de um ideal moderno, pensado e construído em meados do século XVIII e XIX, que nos agarram e nos fazem estar inseridos em uma lógica discursiva.

Há em Foucault (2009b) ainda a colocação do autor como um nome próprio. É aquele quem diz alguma coisa: George Bataille e Sigmund Freud dizem algumas coisas em relação ao erotismo, apresentam suas teses, dissertam sobre elas. Entretanto, o autor não é àquele ou àqueles sujeitos aos quais recorreremos em

³⁸ Foucault, nessa mesma conferência, inicia sua fala perguntando (2009b, p. 264), com um tom de indiferença: “que importa quem fala?”

um momento de estudo. Não se trata de um sentido meramente representativo ou formativo de uma escrita.

Nas palavras de Foucault (2009b, p. 272)

O nome próprio (e da mesma forma, o nome do autor) tem outras funções além das indicativas. Ele é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém; em uma certa medida, é o equivalente a uma descrição.

Quando, por exemplo, são utilizados textos de Sigmund Freud para sustentar algumas ideias que estão sendo produzidas sobre o erotismo nos artigos disponibilizados na Scielo Brasil, esse nome, “Freud”, mais do que a escrita de suas ideias, de alguns saberes, imprime-se uma marca: uma trajetória, uma história, uma vida dirigida à psicanálise e sua vinculação à sexualidade dos sujeitos, usada até os dias contemporâneos. A grosso modo, procura associar-se ao teórico, que ainda é uma referência na nossa sociedade, ou seja, pouco se precisa dizer sobre ele para reconhecê-lo enquanto potente para a produção de uma forma de pensar.

O mesmo acontece com Georges Bataille, pouco se precisa dizer sobre ele: um bibliotecário, considerado, por muitos, um literário maldito, um teórico da transgressão, das margens, do despudor, do sexo, tendo “O erotismo”, “A parte maldita” e a “História do olho”, como seus maiores investimentos.

Afirmo isso, pois suspeito que exista uma associação entre determinadas temáticas a alguns(as) autores(as). Em outras palavras, é possível perceber que, ao falar em Bataille, se torna necessário utilizar alguma explicação e/ou definição para o que seria o erotismo, a partir desse teórico, especialmente porque ele se dedicou a produzir um estudo intitulado “O erotismo”. Como um a priori, parece que falar em erotismo, necessariamente precisa-se remeter-se a tal livro.

Do mesmo modo, ao falar em Freud, em relação ao erotismo, é remeter as seus estudos sobre a psicanálise, especialmente, àqueles que se referem diretamente à sexualidade. Assim, parece que há um entrelaçamento entre aquilo que foi produzido sobre a sexualidade ao erotismo, a partir de Freud. Torna-se um fato comum/ normal/ naturalizado assumir tal postura e ir produzindo saberes a partir dessas compreensões, estabelecendo tais associações.

Entretanto, para Foucault (2009b), não se trata apenas de dizer que pouco se precisa falar para reconhecer determinados autores, que têm uma significação própria. Esses teóricos possuem ligação com aquilo que nomeiam e produzem, porém, não é puramente uma “descrição” ou uma “designação” (2009b, p. 272). A noção de autoria está localizada no “entre”, na fissura, na brecha que existe entre esses dois pólos – da designação e o da descrição: não está puramente no nível da descrição daquilo que é dito por eles(as), nem naquilo que é designado, está localizado entre um e outro.

Um nome do autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.); ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns; opô-los a outros. Por outro lado, ele relaciona os textos entre si. [...] Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, mas que se trata de uma palavra que deva ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo *status*. (FOUCAULT, 2009b, p. 273- 274).

O fato de Bataille e Freud serem sistematicamente evocados pelos(as) autores(as) dos artigos pode ser uma pista para pensar o erotismo, pelo fato de não os considerar enquanto teóricos despreziosos e essenciais para tratar dessa temática, mas sim, entender que eles exercem uma funcionalidade e legitimidade dentro de um texto.

Dito de outra maneira, aqueles sujeitos que são considerados autores(as) dos artigos, os(as) quais apresentam e/ou utilizam tais teóricos e/ou seus conceitos em seus estudos, não os apresentam somente por um desejo próprio, mas sim, por uma obrigação científica. Há uma necessidade de embasamento teórico para que seus estudos possam ganhar certa legitimidade e possivelmente ingressar em uma ordem discursiva, científica nesse caso.

Somente assim existe uma possibilidade de conseguir legitimidade dentro de uma determinada área. Com isso, Bataille, Freud e tantos outros teóricos estão presentes nos artigos com pretensões, ocupando um status nos artigos, o de auferir uma legitimidade dentro de uma determinada área do saber, buscando funcionar como uma verdade.

Além disso, a partir de Motta (2009), é possível pensar que a utilização dos teóricos Bataille e Freud ou de suas ideias podem ser pensadas enquanto regras para a formação de um discurso heterogêneo, ou seja, permite pensar em um prolongamento dos discursos: tanto mais esses teóricos estão sendo evocados, mais os seus ditos estão sendo ampliados e modificados. É essa ampliação do discurso, movida por regras de formação, que se torna possível pensar em uma transformação dentro de um campo discursivo.

Motta (2009, p. XXI), na apresentação de Ditos e Escritos III, coloca que

Foucault situa então os “fundadores da discursividade”, que produziram bem mais do que uma só obra: criaram a possibilidade e a regra de formação de outros textos [...] instauram uma discursividade heterogênea a suas transformações ulteriores. Sua posição, no entanto, é diversa daqueles que impõem “um retorno a”, que vai sempre modificando a discursividade que fundaram, “o retorno a Freud modifica a própria psicanálise.

Pensando nessa ampliação e modificação do discurso, mais uma seleção de questionamentos acaba emergindo:

Quem são, por exemplo Vera Paiva, Camilo Braz, Mirian Goldenberg, Isabel Fortes, Danilo Antônio Baltieri?

Quais são os seus distanciamentos e aproximações?

De que maneira se articulam com Georges Bataille e Sigmund Freud?

Esses nomes, que foram mencionados, juntamente com outros sessenta e nove, são considerados como sendo os(as) autores(as) dos artigos que estão sendo utilizados aqui enquanto *corpus* de análise. Em outras palavras, são aqueles sujeitos que escreveram tais artigos.

Entretanto, é possível afirmar que esses nomes não são meramente aqueles(as) que escreveram os artigos, isso porque, como já dito, um(a) autor(a) está para além da presença de um nome próprio em algum texto. Cada um daqueles nomes está repleto de funções, as quais são produzidas pela cultura, história, política, biologia que os afetam. Nesses sujeitos há intencionalidades, não são desinteressados.

Em cada página daqueles artigos está materializada uma rede de ideias, teorias, métodos que foram produzidos e elas apresentam sentido na nossa

sociedade se estiverem de acordo/ forem atravessadas por ideias, teorias já existentes, como, por exemplo, os estudos realizados por Freud, Bataille e tantos outros. Não se escreve a partir do nada, pois, como já dito, estamos inseridos em uma rede discursiva, que nos acompanha, apontando os modos de pensar e de agir. É dessa maneira que a escolha de um referencial teórico-metodológico torna-se potente, mostra quem e o espaço de onde está sendo falado.

Nesse sentido, é possível colocar que as ideias de Sigmund Freud e Georges Bataille estão de mãos dadas com muitos(as) autores(as) dos artigos, pois suas ideias estão materializadas ali, naquelas páginas, tentando ocupar um espaço de legitimidade para falar sobre o erotismo e tendo a pretensão de ampliar o discurso científico. Não é uma escolha neutra, demarca um espaço, procura produzir uma marca e/ou uma identidade.

Entretanto, não é meramente a partir da utilização de determinados referenciais teórico-metodológicos que se ocupa um espaço no discurso, nem mesmo define a função de um(a) autor(a). Penso que essa função, atravessada pelas ideias que Michel Foucault desenvolveu, busca demarcar não apenas um nome, mas os espaços que esse nome está ocupando, ou seja, os cursos de graduação e pós-graduação que realizou, os grupos de pesquisa das quais faz parte e os periódicos nas quais procura publicar, por exemplo.

Esses espaços direcionam os sujeitos para determinadas posições, nesse caso, para uma função, a de autor(a). Em outras palavras, esses(as) autores(as) só podem ser assumidos enquanto tais, devido as posições que ocupam, as funções que procuram desempenhar.

Assim, uma das formas de compreender a função-autor é pensando nas áreas de formação dos sujeitos que elaboraram os artigos, pois aquilo que está sendo produzido e é falado sobre o erotismo pode estar sendo atribuído as áreas que esses(as) autores(as) escolheram seguir profissionalmente. Em outras palavras, eles(as) não carregam apenas os seus nomes, mas os investimentos em nível de formação acadêmica e também da instituição na qual pertencem.

Ao mesmo tempo, há a possibilidade de pensar que esses sujeitos/ autores(as) também acabam contribuindo para determinadas áreas, pois eles(as) estão, a partir de suas formações acadêmicas e publicações em determinados

periódicos, produzindo saberes nessas áreas. É um jogo de troca, de produção de sentidos, na qual acaba determinando algumas posições a esses sujeitos: estudantes, professores(as), médicos(as), antropólogos(as), letristas, psiquiatras e, especialmente, pesquisadores(as), ao mesmo tempo em que esses(as) autores(as) produzem saberes nas respectivas áreas em que atuam.

São sujeitos que ocupam diferentes espaços acadêmicos: graduandos(as), graduados(as), estudantes de pós-graduação, especialistas, mestres(as), doutores(as). Não são quaisquer sujeitos, pois apresentam uma voz específica, estando autorizados a falar sobre determinadas temáticas, nesse caso, em específico, sobre o erotismo.

Na tentativa de materializar o que estou falando, apresento na sequência três tabelas, com uma síntese dos cursos que foram realizados academicamente pelos(as) autores(as) dos artigos. Compreendo que a sua leitura pode se tornar cansativa, entretanto, foi a maneira pela qual consegui sistematizar as minhas ideias.

A figura 11 refere-se à formação inicial, em outras palavras, são os cursos de graduação que os(as) autores(as) dos artigos realizaram.

Formação inicial (Graduação)	Autores(as)
Psicologia	21
Ciências Sociais	12
Direito	1
Sociologia e política	1
Serviço social	1
Fonoaudiologia	1
Letras	3
Jornalismo e artes cênicas	1
Sociologia	1
Física	1
Economia	1
Medicina	13
Antropologia	2
Pedagogia	2

Economia doméstica	1
História	1
Teoria musical hab. Clarinete	1
Filosofia	1

Figura 11 – Tabela com dados referentes à Formação Inicial dos(as) autores(as) dos artigos
Fonte: www.lattes.cnpq.br, 2015.

Na figura 12, apresento a segunda tabela. Com ela procurei trazer informações sobre o investimento *Lato sensu*, ou seja, as especializações que alguns(as) desses(as) autores(as).

Formação <i>Lato Sensu</i>	Autores(as)
Psicanálise	1
Ciências Sociais	3
Saúde pública	2
Saúde coletiva	1
Psicodrama clínico	1
Saúde mental	1
DEA philosophie	1
Formação terapêutica em psicodrama e sociodrama	1
Metodologia em pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde	1
Psicopedagogia institucional	1
Epistemologia da psicanálise	1
Terapia familiar	1
Língua francesa	1
Metodologia do ensino superior	1
Residência médica	6
Neotologia	1
Cirurgia geral	1
Coloproctologia	1
Endoscopia digestiva	1
Antropologia social e cultural	1
Psiquiatria	4
Psicologia clínica em instituição	1
Tratamento de dependência química	1
Psicoterapia cognitiva	1

Psiquiatria da infância e adolescência	1
Psicoterapia de orientação analítica	1

FIGURA 12 – Tabela com dados referentes à formação Lato Sensu dos(as) autores(as).
Fonte: www.lattes.cnpq.br, 2015.

Por fim, na figura 13, trago a terceira tabela. Nela apresento os investimentos em nível *Stricto sensu* desses(as) autores(as). Ou seja, são os cursos de mestrado e doutorado que alguns(as) autores(as) realizaram.

Formação <i>Stricto sensu</i> (Mestrado)	Nº Autores (as)	Formação <i>Stricto sensu</i> (Doutorado)	Nº Autores (as)
Antropologia social	5	Ciências sociais	3
Sociologia	3	Sociologia	6
Ciências sociais	2	Antropologia social	6
Educação	3	Psicologia social	3
Psicologia social	3	Filosofia	3
Sociologia e antropologia	3	Antropologia cultural	2
Filosofia	3	Psicologia clínica	2
Antropologia	4	Psicologia escolar e do desenvolvimento humano	2
Psicologia clínica	1	Saúde coletiva	3
Saúde coletiva	2	Educação	2
Psicologia	8	Saúde da mulher e da criança	2
Saúde da mulher e da criança	2	Letras	3
Economia política	1	História	1
Economia doméstica	1	Cirurgia	1
Letras	2	Teoria psicanalítica	1
Teoria psicanalítica	2	Psiquiatria	5
História	1	Psicologia	4
Multimeios	1	Ciências médicas - psiquiatria	1
Psiquiatria	2	Psychanalyze	1
Saúde mental	1		
Ciências médicas - psiquiatria	1		

FIGURA 13 – Tabela com dados referentes à formação *Stricto sensu* dos autores(as)
Fonte: www.lattes.cnpq.br, 2015.

O que procurei demonstrar a partir dos ditos contidos nessas três tabelas são as posições de sujeito que os(as) autores(as) dos artigos ocupam. Em outras palavras, são os cursos mais realizados pelos(as) autores(as).

Com tarjas cinzas, procurei demarcar aqueles cursos nos quais estão sendo – ou foram – recorrentes. Em relação aos cursos de graduação, há um forte investimento pelos(as) autores(as) dos artigos em cursos de psicologia (21), seguido de medicina (13) e de ciências sociais (12).

Entretanto, quando apresento as tabelas referentes aos cursos de pós-graduação – seja *strictu* ou *lato sensu* – não consegui vislumbrar um curso que apresente uma predominância. Esse fato se torna interessante, pois é possível pensar que não há uma identidade, uma marca que fixa determinada área enquanto produtora de saberes do erotismo. Há, ao contrário, um investimento, por parte desses(as) autores(as) em uma multiplicidade de áreas do saber, não sendo possível demarcar ou identificar uma única enquanto tida como legítima e/ou dominante.

Cabe salientar que a formação acadêmica/ profissional desses sujeitos foi retirada do Currículo Lattes, junto à Plataforma Lattes, uma vez que muitos artigos não apontam esses dados, ou seja, fazem uma apresentação dos(as) autores(as), com dados mais abrangentes.

O currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área da ciência e tecnologia. (www.lattes.cnpq.br, acessado em 23 de junho de 2015.)

Além disso, como a Plataforma Lattes tem a pretensão de manter um registro dos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as), não obtive dados de alguns(as) autores(as) dos artigos, por não serem brasileiros(as) e não possuírem Currículo Lattes ou, ainda, por não ter o seu currículo registrado pela plataforma. Desses(as) autores(as), me centrei apenas nas informações que estavam sendo apresentadas nos artigos.

Ainda pensando na formação desses sujeitos, considerando-as enquanto função-autor dedico-me a olhar para esses sujeitos enquanto pesquisadores(as). São professores(as), estudantes, psicólogos(as), doutores(as), mestres em uma área de saber em específico, mas, por vezes, atravessado a essas posições, participam de Centros/ Grupos de pesquisa e se constituem em possíveis pesquisadores(as). Esses sujeitos buscam produzir saberes, fazem pesquisa e, por isso, são passíveis de exercer a função-autor!

O que indico também pode ser vislumbrado na Plataforma Lattes, pois ela registra os Grupos de Pesquisa³⁹ em funcionamento no Brasil e esse também é mencionado nos próprios artigos, uma vez que grande parte dos periódicos exige que se insira a formação dos(as) autores(as), para mostrar qual espaço e a partir de que lugar está se falando.

A seguir, apresento mais algumas enunciações (FIGURAS 14, 15 e 16) que foram recortadas diretamente dos artigos, mostrando a maneira como são descritos alguns(as) autores(as). Nessas enunciações, ora os(as) autores(as) apresentam as suas formações acadêmicas e/ou pessoais ora como pertencentes a Grupos/ Centros de pesquisa.

³⁹ “O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil é um inventário dos grupos em atividade no país. Os recursos humanos constituintes dos grupos, as linhas de pesquisa e os setores de atividade envolvidos, as especialidades do conhecimento, a produção científica, tecnológica e artística e os padrões de interação com o setor produtivo são algumas das informações contidas no Diretório. Os grupos estão localizados em instituições de ensino superior, institutos de pesquisa, etc. As informações individuais dos participantes dos grupos são extraídas dos seus Currículos Lattes.” Para maiores informações sobre o funcionamento do Diretório dos Grupos de Pesquisa e do Currículo Lattes, acessar www.lattes.cnpq.br.

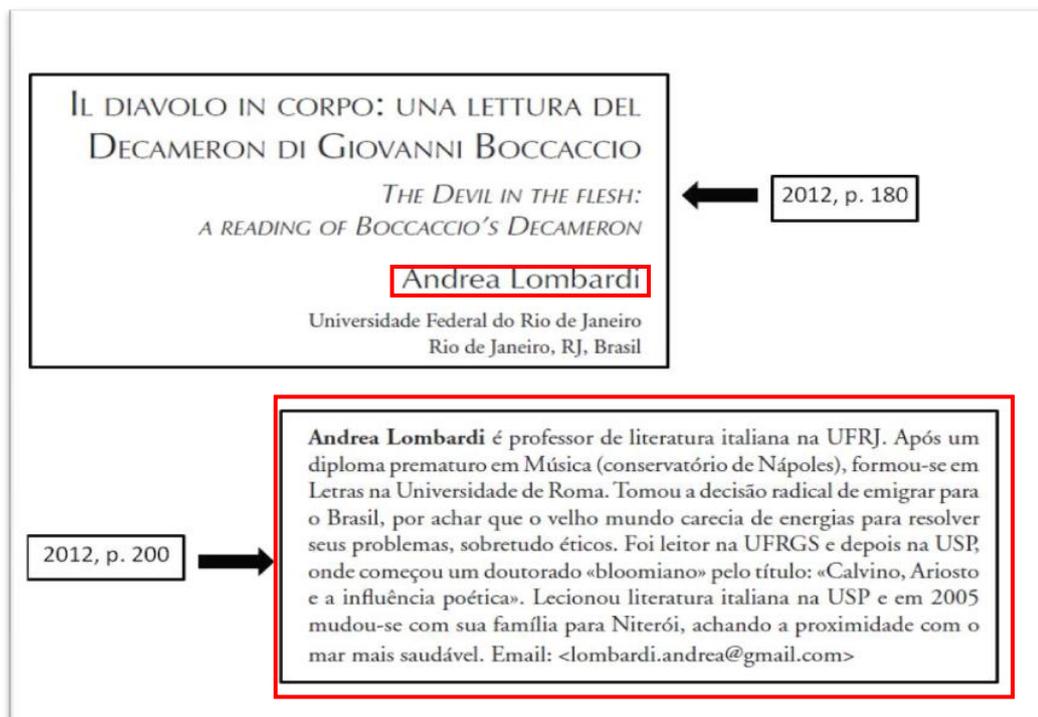


Figura 14 – Descrição da autoria trazida em um dos artigos I
Fonte: LOMBARDI, 2012.

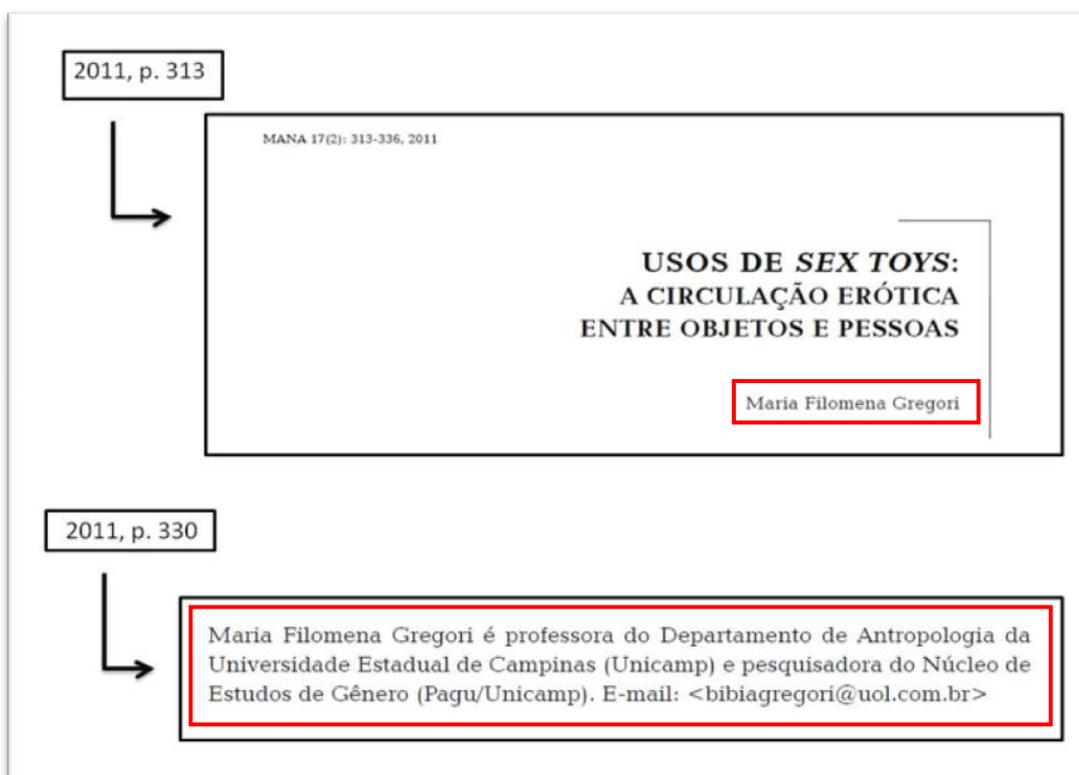


Figura 15 - Descrição da autoria trazida em um dos artigos II
Fonte: GREGORI, 2011.

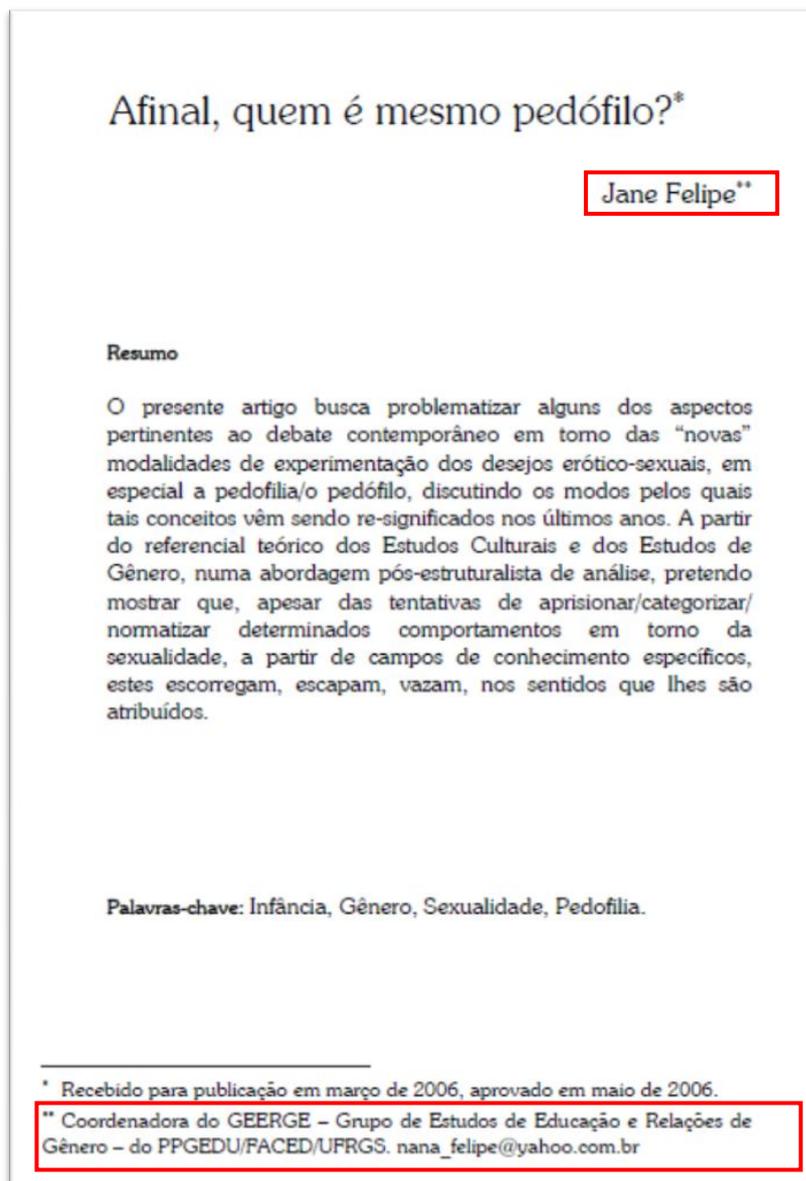


Figura 16 - Descrição da autoria trazida em um dos artigos III

Fonte: FELIPE, 2006.

Pensar na função-autor, a partir das enunciações que foram postas e de tantas outras que estão materializadas nos artigos, é rememorar aquilo que Foucault, em sua aula inaugural no *Collège de France* (2009a, p. 9), afirma: para que um discurso se efetive nos espaços sociais, existem diferentes procedimentos de exclusão⁴⁰, internos e externos ao discurso: dentre os procedimentos de

⁴⁰ Foucault (2009a, p. 09) afirma que para que haja a manutenção dos discurso nos espaços sociais existem os procedimentos de exclusão, sendo internos e externos. Esses procedimentos apresentam enquanto função “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” O autor lança uma classificação da maneira como esses

exclusão, a interdição é aquela na qual, para ele, se torna a mais evidente e reconhecida, sendo que é nessa que me centro nesse momento. Para Foucault (2009a, p. 09): “Não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” Na interdição existe um “tabu do objeto”, um “ritual da circunstância e um direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” e esses três em articulação estão diretamente vinculados na busca da produção de saberes, bem como estão envolvidos por uma rede de poder.

Assim, os(as) autores(as) dos artigos podem ser considerados vozes autorizadas a falar sobre o erotismo. Porém, não estão ocupando um espaço qualquer, demarcam quem são e o lugar de onde falam como uma forma de manter esse direito de falar sobre a temática em questão.

Dirá Machado (2008, p. XXI e XXII)

A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria uma origem, mas a relações de poder que lhes constituem. Não há saber neutro. Todo o saber é político. E isso não porque cai nas malhas do Estado, é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder.

[...] saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação do saber. [...] é o saber enquanto tal que se encontra dotado estatutariamente, institucionalmente, de determinado poder. O saber funciona na sociedade dotado de poder. É enquanto saber que tem poder.

Nesse sentido, é possível afirmar que onde há um(a) autor(a) autorizado(a) a falar, há uma rede de poderes em articulação, que busca a manutenção do discurso. Os sujeitos que estão sendo autorizados a falar sobre o erotismo, nesses artigos analisados também ocupam um lugar em um discurso, fazem parte dos procedimentos de exclusão. Esses sujeitos são autorizados a falar sobre o erotismo, pois ocupam uma posição dentro desse discurso: são filósofos(as), médicos(as), antropólogos(as), sociólogos(as), educadores(as),

procedimentos funcionam nos discursos. São procedimentos de exclusão externos ao discurso: a interdição – tabu do objeto, ritual de circunstância e o direito a fala – separação e rejeição e a vontade de verdade. Enquanto procedimentos de exclusão internos ao discurso, Foucault aponta o comentário, o autor e as disciplinas.

doutores(as) em psiquiatria, cirurgia, história, letras, mestres(as) e participantes de determinados grupos de pesquisa.

Cada um dos cursos que os(as) autores(as) realizaram acaba legitimando e produzindo alguns saberes que são próprios e procuram demarcar um enfoque ao erotismo, buscando certa credibilidade para aqueles sujeitos que falam a partir dessas áreas.

Por fim, mesmo considerando, a partir de Foucault, que os discursos não estão estagnados em um tempo e um espaço, ou seja, eles não cessam de serem modificados, ampliados, discutidos, esses(as) autores(as) ainda assim estarão lá, farão parte do discurso - científico, atravessando o tempo e as palavras. Esses(as) autores(as), assim como Freud e Bataille, estão inseridos em um espaço, contam suas experiências, produzem suas ideias e ocupam determinadas posições de sujeitos.

PALAVRAS QUE PRODUZEM SENTIDO: EROS E A SEXUALIDADE

*Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
Do além do muro da estrada*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por que à Princesa vem.*

*A Princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe do Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encosta hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*

Fernando Pessoa, 2015

Como já afirmei nesse trabalho, compreendendo, a partir de Deleuze e Guatarri (2010), que existem três formas de produzir conhecimento no mundo – a partir da arte, da ciência e da filosofia – e que a criação se torna o eixo comum entre elas. Essas três formas são consideradas potências, pois investem em conceitos, funções, afectos e perceptos que disparam e põem em funcionamento a vida em sociedade. Dessa forma, não consigo e nem quero vislumbrar definições únicas para a associação entre os conceitos de erotismo e sexualidade, uma vez que os percebo a partir da criação.

Em uma de suas últimas entrevistas, Foucault (2004, p. 260), falando especificamente sobre a homossexualidade, afirma que

A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.

Erotismo e sexualidade são invenções, investimentos, efeitos de discursos aceitos e que funcionam nos espaços sociais enquanto estatutos de verdade. Discursos que ainda hoje – por vezes - carregam consigo moralidades, não estando acima, mas atravessada por concepções históricas daquilo que é considerado o bem e o mal, o certo e o errado, ou seja, dependendo do tempo e espaço onde e quando foram produzidos são consideradas como práticas desejáveis/ positivas ou indesejáveis/ negativas.

O meu papel aqui não foi o de reiterar ou julgar essa moralidade, mas considerar que ela também é um resultado de criações, de tempos, de espaços, de discursos que também disparam e fazem funcionar o erotismo e a sexualidade.

O que pretendo é tentar vislumbrar e tecer alguns apontamentos, a partir de uma rede de enunciações analisadas e destacar algumas articulações que estão sendo realizadas entre erotismo e sexualidade. Em outras palavras, com as minhas andanças, vislumbrei o quanto a noção de sexualidade se torna potente para pensar e atribuir sentidos ao erotismo nesses artigos.

Essa potência já vinha se configurando no momento em que visualizei o quanto é intenso o investimento feito em publicações que estão em periódicos que

se destinam a estudar os gêneros e as sexualidades dos sujeitos e também a partir do momento em que Freud é um dos teóricos que recorrentemente é evocado para falar sobre erotismo, como discuti no capítulo anterior.

Em outras palavras, em muitos dos artigos, quando está sendo acionado o termo erotismo, muitos não apresentam definições acerca do que estejam tomando enquanto tal. Não que esse fato possa se tornar um problema, pelo contrário, ele se torna potente justamente por isso, pelo fato de que torne possível pensar que, ao ativar o termo erotismo, emerge um campo que é associado a ele.

Um campo associado é constituído, a partir de Foucault (2010a, p. 111) como

de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento [...]É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas. [...] É constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência, sua sequência natural, ou sua réplica [...]. É constituído, finalmente, pelo conjunto das formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, entre as quais toma lugar sem consideração de ordem linear, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro.

O erotismo, a partir dos artigos, não pode ser pensado de maneira isolada. Ele acaba acionando/ disparando, junto com ele, o conceito de sexualidade. É uma relação linear, que suspeito que esteja funcionando de maneira quase direta. Em outras palavras, falar em erotismo é remeter a atributos que são considerados da sexualidade.

Entretanto, o que importa para esse trabalho não é apenas assumir a sexualidade enquanto um campo que é associado ao erotismo, mas pensar em algumas das formas que estão sendo materializadas essa vinculação que circula facilmente nos espaços sociais.

A sexualidade auxilia a pensar o conceito de erotismo, naquilo que está sendo dito sobre ele, nos seus modos de funcionamento e isso se torna algo recorrente, normal, naturalizado. Pouco está sendo pensada e questionada essa associação entre ambas. É nessa esteira que aponto para algumas enunciações que

estão dispostas nos artigos da Scielo Brasil, em que identifico um campo associado entre erotismo e sexualidade.

Para isso, destaquei três maneiras pelas quais o erotismo e a sexualidade estão sendo vinculados nesses artigos: na primeira, assumindo-o enquanto uma prática sexual; na segunda, materializando o erotismo em um corpo e tornando-o sensual e objeto de desejo; e, na terceira, andando ao lado da pornografia, ora no mesmo sentido ora em sentido oposto.

Assim, no primeiro bloco de enunciações, que trago na sequência, foi possível visualizar uma aproximação entre o erotismo e diferentes práticas sexuais. Para isso, as enunciações que se seguem dizem respeito, respectivamente, aos seguintes artigos: *“Instrumentação anal erótica: um problema médico cirurgião”*; *“corpos e prazeres nos circuitos de homossexualidade masculina do centro do Rio de Janeiro”* e *“praticamos SM, repudiamos agressão’: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro”*.

O auto erotismo não é comportamento peculiar apenas dos seres humanos e entre esses a inclusão do ânus na esfera da atividade sexual é fato tão antigo quanto a civilização e parte exibida da relação homossexual, principalmente entre as pessoas do sexo masculino.

A maioria das publicações que trata do uso de instrumentos na prática anal erótica e das complicações inerentes evidencia a preocupação dos autores em mostrar mais o lado curioso do problema com ênfase na classificação do tipo de lesão e nos artifícios utilizados para retirada de objeto perdido no reto, do que em realçar o significado grave daquela prática quando acompanhada de ferimento anorectal. Assim, a prática do auto erotismo anal é, também, problema médico-cirúrgico, nem sempre pela perda do corpo estranho para dentro do reto, mas por causar lesões graves que, além de exigir terapêutica agressiva, frequentemente acompanhadas de complicações, põem em risco a vida daqueles pacientes. (SANTOS JR, 2007, p. 99)

O “povo”, ao seu modo, se utiliza desta categorização, ainda que sem que se dê conta de que classificar diferenças enquanto “desvios da natureza” é uma forma de controlar e forjar uma “normalidade” que esteja a favor das exigências sociopolíticas (leia-se reprodutivas e produtivas) da hegemonia. O certo é que o **erotismo/‘tesão’**, inscrito no discurso de sexualidade, vai servir de elemento diacrítico, no momento mesmo em que desigualdade socialmente e hierarquiza os homens.

Assim, ainda no seio das classes populares, e no outro lado da moeda, surge o que denominam de ‘homens mesmo’. Estes são valorizados positivamente pelos seus **comportamentos sexuais (supostamente insertivos), são**

considerados como portadores da sexualidade da norma, ainda que, vez por outra, façam sexo com homens. (RIOS, 2008, p. 468)

A apropriação com sentido erótico da categoria sadomasoquismo e/ou a adesão ao acrônimo BDSM têm se feito presentes no Brasil desde pelo menos o início da década de 1980. Num primeiro momento, essa presença pode ser notada por meio da produção de literatura erótica e pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. Com o desenvolvimento da internet e de ferramentas de interação mediadas por computadores, têm se multiplicado sites, blogs, salas de bate papo, listas de discussão, comunidades em redes sociais e espaços de interação presencial, como grupos, festas ou clubes, revelando os contornos do que os adeptos chamam de meio, comunidade ou, eventualmente, de movimento. **Tais contornos são delineados pela articulação entre práticas eróticas – que estiveram situadas entre as antigas “perversões” delimitadas na constituição da psiquiatria e seguem classificadas como “parafilias” – e a adesão a um rígido conjunto de regras relacionadas à sanidade, à segurança e à consensualidade.** (FACCHINI; MACHADO, 2013, p. 199)

[...]

De modo mais geral, o acrônimo BDSM refere-se a um conjunto de **práticas de conteúdo erótico, sendo também definido por oposição ao termo baunilha (usado para indicar o sexo convencional, pessoas que não estão envolvidas em BDSM, ou a vida dos adeptos para além do contexto das práticas).** Outra distinção relevante, no entanto, é a que se constitui em relação a categorias como perverso ou parafilico, oriundas do campo científico, em especial da psiquiatria, da psicologia, da psicanálise e da sexologia. (FACCHINI; MACHADO, 2013, p. 209)

A partir das enunciações trazidas acima e também de tantas outras que estão materializadas nos artigos, é possível afirmar o quanto acaba tornando-se normal tecer relações a atributos considerados da sexualidade, especificamente, aqui, entendendo o fazer erótico enquanto uma prática sexual. Entretanto, com essas enunciações é possível afirmar que não se trata de qualquer prática sexual, mas sim àquelas que acabam andando na contramão de uma norma, ou seja, daquelas práticas sexuais vistas ainda hoje como corretas e legitimadas pela sociedade: a algumas práticas heretossexuais.

Louro (2007, p. 26) afirma que

A sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual. [...] Um homem ou uma mulher “de verdade” deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso. [...] Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de

redobrada vigilância, ficam “marcados” como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos não condizentes.

É preciso ponderar a existência de uma norma que delimita as práticas sexuais aceitáveis, funcionando de maneira normal e àquelas que são desviantes, sendo consideradas como anormais. Com isso, têm-se algumas práticas heterossexuais enquanto aceitas socialmente, funcionando como uma norma. Qualquer relação sexual ou manifestação de prazeres e desejos que fuja dessa norma, ou seja, aquelas experiências sexuais tidas como atípicas são consideradas como desvios, não aceitáveis.

A norma, em Ewald (1993, p.86), funciona enquanto “um princípio de comparação, de comparabilidade, de medida comum, que se institui na pura referência de um grupo a si próprio, a partir do momento em que só se relaciona consigo mesmo”.

Já em Castro (2009, p. 310), a norma pode ser pensada como

atos e as condutas dos indivíduos a um domínio que é, ao mesmo tempo, um campo de comparação, de diferenciação e de regra a seguir (a média das condutas dos comportamentos). [...] A norma mede em termos quantitativos e hierarquiza em termos de valor a capacidade dos indivíduos. [...] A norma, a partir da valorização das condutas, impõe uma conformidade que se deve alcançar; busca homogeneizar. [...] A norma, finalmente, traça a fronteira do que lhe é exterior (a diferença com respeito a todas as diferenças), a anormalidade.

A partir das enunciações acima descritas e daquilo que é considerado como uma norma, pude perceber que as práticas sexuais, tais como a anal, a homossexual, as que fazem parte do BDSM estão sendo associadas ao erotismo, mais do que isso, consigo vislumbrar ainda que, enquanto tais, elas não são vistas como pertencentes à norma, pois não se remetem a nenhum momento a práticas, como heterossexuais, ou seja, àquelas aceitas na sociedade enquanto verdadeiras.

O erotismo, a partir das enunciações, pode ser percebido enquanto algo que também transgride a norma. Com isso, é possível pensar que há uma moralidade envolvida nessas práticas, pois o erotismo está sendo relacionado a práticas que não são consideradas corretas, que transgridem as normas sexuais, funcionando nos espaços sociais de uma maneira negativa.

Essas formas de pensar o erotismo, enquanto práticas sexuais consideradas anormais, tornou-se um fato recorrente, comum nas páginas dos artigos. Neles, está se assumindo a relação erotismo-prática sexual enquanto uma verdade, como algo que não se questiona, não se discute, mas se aceita e caso alguma prática sexual desviante seja detectada, é diagnosticada como um desvio comportamental e passível de ser corrigida.

Além disso, é possível perceber que, na maioria das vezes, não estão sendo tratadas, diretamente, questões relativas a moralidade ou a uma dicotomização entre práticas sexuais certas ou erradas, entretanto, práticas heterossexuais tidas como normais pouco aparecem como problema.

O erotismo geralmente é vinculado a uma prática sexual considerada como desviante/ anormal em nossa sociedade. Com isso, vão criando-se vínculos, tecendo algumas associações que se tornam naturais/ lógicas. Esses sentidos vão se repetindo por entre as páginas dos artigos e formando uma imagem em nosso pensamento, significada, fixada, unificada.

Trago, na sequência, o segundo bloco de enunciações. Com elas também é possível tecer uma associação entre erotismo à sexualidade, entretanto, o modo de vinculação é diferente. Nessas enunciações não se fala em práticas sexuais, mas sim em um investimento no corpo de determinados sujeitos, para que ele se torne erótico: um corpo sensual e que se torne desejável para algum(a) parceiro(a).

As enunciações que se seguem foram retirados, respectivamente, dos seguintes artigos: *“Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher”*; *“As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma?”* e *“Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira”*.

A revista eletrônica *The Girl*, por sua vez, conta com diversos ensaios fotográficos de modelos profissionais brasileiras. Cada ensaio tenta retratar situações eróticas diferentes, divididas em temáticas, e a figura feminina pode aparecer como: *Natural, Sedutora, Dominadora, etc.* Em **todos os ensaios, as modelos nunca aparecem nuas, afinal são ensaios apoiados pelas grandes marcas de roupas. No entanto, a diferença entre as fotografias da *The Girl* e de outras revistas de moda tradicionais, está em colocar a moda como assumidamente erótica. Digo assumidamente, pois esta revista eletrônica tem como público-alvo os espectadores masculinos que**

desejam ver garotas bonitas em poses sexualmente evocativas, e não roupas. (BOTTI, 2003, p. 123)

O uso das marcas corporais como estratégia de sedução foi destacado pelos entrevistados. Os adornos serviriam para realçar zonas erógenas do corpo. Dependendo da localização da marca, esse objetivo fica mais evidente. No umbigo já passa a ser uma tatuagem sexy. E também na parte do cóccix... (E4).

Embora considerem que homens e mulheres se utilizam das marcas para chamar a atenção para seus corpos, em várias entrevistas seu uso como apelo erótico foi associado a estratégias femininas de conquista. Eu acho que as meninas quando jogam um piercing no umbigo, ela ta usando aquilo pra charme! (E5). As mulheres, ao demarcar regiões que são alvo da cobiça sexual masculina, potencializariam suas armas de sedução¹⁸, como descreve E7: ...na região próxima a região genital, a mulher costuma fazer uma tatuagem e deixar uma pontinha só aparecendo, pra que? Pra de fato despertar uma curiosidade! (CARONI; GROSSMAN, 2012, p. 1065)

As roupas brincam com as partes escondidas/expostas sem que o corpo se cubra muito mais ao passar da praia para a rua. Aqui, as formas femininas não são escondidas pelo efeito de camuflagem dos tailleurs, dos sobretudos ou dos cortes amplos, pelo contrário, são realçadas: as mulheres vestem saias e calças de cintura baixa, valorizando assim quadris e nádegas, colocando-os em relevo, em cena.... No Rio, as roupas são usadas, sobretudo, para valorizar as formas do corpo feminino, para exibi-las: a cintura e o busto são marcados, realçados... Esses corpos femininos trabalhados, moldados nas academias, só suportam roupas que deixem o corpo valorizado à mostra sob o tecido (Malysse, 2002, p. 112-113). No Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (Goldenberg e Ramos, 2002). (GOLDBERG, 2011, p. 547)

A partir desse bloco de enunciações há a possibilidade de pensar em um processo de pedagogização do corpo para uma possível erotização do mesmo. Em outras palavras, parece que, ao investir, seja na aplicação de tatuagens e outras marcas em lugares considerados estratégicos do corpo, seja ornando-os com determinadas roupas e acessórios, ou, por fim, ensaiando determinadas posições, pretende-se tornar esse corpo erótico.

Não é possível considerar a existência de um corpo naturalmente erótico, mas, como visto nas enunciações, é possível torná-lo erótico, a partir de um processo que é pedagógico. Louro (2007, p. 11) coloca que “a sexualidade não é

apenas uma questão pessoal”, ou seja, não pode ser considerada inata, mas ela é social e política”, por isso, ela se torna também “‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. Assim, considerada enquanto uma construção para Louro ou uma criação para Deleuze, é possível vislumbrar o erotismo, sendo produzido a partir da sexualidade enquanto uma prática pedagógica. Há um processo de ensino-aprendizagem para vivermos os nossos desejos e prazeres cotidianamente nos espaços em que estamos inseridos.

Cabe salientar que pedagógico aqui não está sendo limitado à escola, mas estendido a todos os espaços nas quais os sujeitos estão inseridos. De acordo com Silva (2005, p. 139), “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa. [...] Estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade”. Em outras palavras, existe uma pedagogia que investe nos corpos, agenciando-os todos os dias, em todos os lugares, a partir dos mais variados encontros.

Em uma entrevista Poder-corpo, Foucault (2008a, p. 146) ao falar sobre o investimento nos corpos, afirma que

o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de si próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.

Assim, é possível pensar que há uma pedagogização sobre os corpos. Educa-se esses corpos, esquadrinham-se os seus gestos e suas posturas, ornamenta-os com determinadas roupas e acessórios, tudo para que ele possa vir a se tornar erótico em uma determinada cultura e em um determinado tempo. Em outras palavras, o erotismo está sendo produzido, a partir das enunciações, com a inserção de tatuagens e *piercings* em determinadas partes dos corpos, bem como a utilização de determinadas roupas que valorizem determinados atributos, principalmente, os femininos.

Entretanto, pode se falar em um erotismo velado dos corpos. Esses investimentos realizados sobre eles demarcam uma forma de produzir o erotismo de

uma maneira não explícita. Em outras palavras, não se mostra os corpos explicitamente, mas sim a partir de uma insinuação, se insere uma tatuagem ou um *piercing* próximo a zonas erógenas, se colocam roupas que demarcam as formas corporais, mas o corpo em si não está sendo evidenciado explicitamente, somente sugerido/ insinuado.

Além disso, outra ideia que pode ser levantada a partir dessas mesmas enunciações é o fato de que me parece que o erotismo está associado a um investimento a ser realizado, especialmente, pelo gênero feminino⁴¹. Em outras palavras, as enunciações não falam em uma pedagogização dos corpos masculinos, para torná-los eróticos, mas se remete aos femininos.

Essa ideia pode ser reiterada a partir do que Weeks (2007, p. 42) coloca em relação às posições de homens e mulheres diante da sexualidade

Nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações de poder. A mais óbvia dessas relações já foi assinalada na cidade de Krafft-Ebing: as relações entre homens e mulheres, nas quais a sexualidade feminina tem sido historicamente definida em relação à masculina.

É do gênero feminino em relação ao masculino que se fala quando a temática em questão é o erotismo. São esses corpos que precisam de investimentos, a fim de torná-los eróticos para o gênero masculino.

Com as enunciações trazidas, parece que esse fato se torna natural, pois há uma recorrência na maneira como estão sendo expostas as ideias, entretanto, a partir do que nos apresenta Weeks, torna-se possível pensar que tais ideias são vistas como um a priori, pois essa forma de vislumbrar os corpos femininos em relação aos masculinos é fruto de uma história, de crenças, de disputas e que nos artigos não estão sendo mostradas, questionadas, apenas reiteradas.

⁴¹ Assumo a noção de gênero a partir dos estudos realizados por Meyer e Louro. Para Meyer (2003, p. 16) "gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado". Reiterando essa ideia, Louro (2007) salienta que é importante pensar que as noções de corpo, assim como as de gênero, ganham sentido culturalmente. Com isso, as inscrições dos gêneros são produzidas através das inúmeras interpelações entre a cultura e os sujeitos. Para a autora (2007, p. 11), as "identidades de gênero [...] são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade".

Por fim, aponto o terceiro bloco de enunciações. Com ele é possível compreender um campo associando o erotismo à sexualidade a partir do reconhecimento da pornografia. Em alguns dos artigos foi possível visualizar que erotismo e pornografia andam lado a lado, ora sendo considerados complementares ora pensadas como de pólos opostos.

Aponto, a seguir, algumas enunciações que apresentam uma relação entre erotismo e pornografia. Para isso, estão sendo utilizados os seguintes artigos: *Conjugalidade e profissão de modelo: projetos conflitantes ou complementares?*”; *“Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online”* e *“Sexo com animais como prática extrema do pornô bizarro”*.

*Na visão da autora, a propaganda orienta modos de ser e de viver, em que persuadir é sinônimo de seduzir e **“a erotização passa pelo corpo da mulher e pelo desejo do homem”** o que contribui para reificar noções de gênero, sexualidade e desejo (Beleli, 2007:211).*

*Naomi Wolf defende que a publicidade não apresenta homens nus para que eles não venham a se examinar e se comparar com outros homens, mantendo sua auto-estima elevada. A preservação da imagem masculina é uma forma de proteger os homens e tornar as mulheres vulneráveis, tornando mais eficazes as pedagogias culturais. Wolf ressalta que essa **associação imagética entre pornografia e prostituição é uma forma de abalar a confiança das mulheres em si próprias e deixá-las inseguras, enfraquecendo-as na luta em busca de seus direitos.***

*Devido à maneira como o corpo feminino é abordado na mídia, ao mesmo tempo em que a profissão de modelo é vista como bonita, glamourosa, prestigiosa, razões pelas quais é apreciada, **as expressões “andar com o diretor”, “mexer com prostituição” e “usar roupas indecentes” revelam uma rejeição por parte das famílias em estudo.** Embora haja modelos que sejam tão empenhadas quanto elas na valorização da família, existem modelos e artistas que se deixam fotografar nuas e têm suas vidas frequentemente envolvidas em “escândalos”. (FARIAS, p. 184-185)*

*No Brasil, há alguns anos vem se estabelecendo **um campo de estudos sobre mercado erótico, sendo a pornografia um de seus eixos.** Destacam-se como referências importantes investigações sobre: pornografia bizarra (Leite Jr, 2006); as novas faces do erotismo (Gregori, 2010); relações eróticas entre homens em clubes de sexo (Braz, 2010); mulheres e práticas BDSM (Facchini, 2009) e sobre os bastidores da indústria pornográfica mainstream nacional (Díaz-Benítez, 2010). (PARREIRAS, p. 205)*

Dentro do segmento do mercado pornô conhecido como bizarro, a prática considerada extrema por excelência é alocada ao sexo com animais. O Brasil possui uma indústria de produção desses filmes reconhecida mundialmente.

Este artigo discute o estigma dessas produções no interior da indústria pornô, traz dados etnográficos sobre a produção desse mercado, introduz uma discussão sobre legalidade, consentimento e direitos, e finalmente, trata essa temática do ponto de vista do erotismo e dos prazeres pensando o lugar do gênero e da sexualidade nessas práticas. (DIAZ-BENÍTEZ, 2012, p. 241)

A partir dos estudos realizados por Abreu (1996, p. 11) há uma impossibilidade de pensar definições acerca do que seria o erotismo e a pornografia. Ele caracteriza esse empreendimento como um “fascinante labirinto”, pelo fato de não conseguir reconhecer um território determinado, bem delimitado, fixo. O teórico compreende apenas que existem polaridades entre o erotismo e a pornografia, entretanto, esses estão em constante tensionamento e suas fronteiras estão borradas, não são precisas, por estarem, em alguns momentos, andando lado a lado enquanto, em outros, em lados opostos.

Estão lado a lado por se referir a questões relacionadas à sexualidade, às suas interdições sociais, por se manifestarem a partir de transgressões e desejos e pela possibilidade de serem pensadas como um fazer artístico. Ao mesmo tempo, elas podem ser reconhecidas como sendo de lados opostos, pois enquanto o erotismo abre espaço para a fantasia, a imaginação e para um sentimento amoroso, a pornografia é produzida a partir da obscenidade, do mostrar-se, do despudor, da ausência de sentimentos reconhecidos como positivos e, até certo ponto, aceitos na sociedade.

Além disso, ele reconhece que mesmo ambas podendo ser produzidas pela arte, ao mesmo tempo ele aponta para uma distinção quando se envolve o fazer artístico. Especificamente, no que diz respeito à produção artística, Abreu (1996, p. 40-41) coloca que

a distinção entre obras eróticas e obras pornográficas, hoje, pode também atravessar a problemática questão de distinguir cultura de massa e cultura erudita. Sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor “nobre”, “humano”, “artístico”, problematizando-os com “dignidade”, “estética”, e de pornográfico, as de caráter “grosseiro e vulgar”, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos. [...] os produtos caracterizados pelo excesso de exposição de ações sexuais explícitas foram nomeados de hard core (pornográficos), e aqueles marcados pelo sexo implícito, encoberto, sugerido, de soft core (eróticos).

Mais do que tentar definir o que seja erotismo e pornografia, o que se torna interessante é pensar que essas práticas acabam desenhando um cenário que ainda hoje está situado no campo da moralidade. Em outras palavras, é possível afirmar que, tanto as enunciações acima descritas quanto o estudo produzido por Abreu, nos direcionam a pensar que as relações traçadas para essas práticas são imbuidas por um sentido valorativo.

Assim, o erotismo colado à pornografia, seja do mesmo lado seja de lados opostos, funcionam com a atribuição de valores: esses considerados negativos ou positivos, dependendo da situação que se apresente.

A partir das ideias de Foucault, Castro (2009, p. 155-156) afirma que a moral

pode-se entender, por um lado, um conjunto de valores e regras que são propostos aos indivíduos e aos grupos por diferentes aparatos prescritivos (a família, as instituições educativas, as igrejas, etc.), de maneira mais ou menos explícita. Por outro lado, pode-se entender por “moral” os comportamentos morais dos indivíduos à medida que se adaptam ou não às regras e aos valores que lhes são propostos. [...] uma ação para ser chamada ‘moral’ não deve reduzir-se a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, uma lei ou um valor. Toda ação moral, na verdade, comporta uma relação com o real onde ela se realiza e uma relação ao código ao qual se refere. Porém, ela implica também certa relação a si mesmo. Essa relação não é simplesmente ‘conhecimento de si’, mas constituição de si como ‘sujeito moral’, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que segue, fixa certo modo de ser que quererá como realização moral de si mesmo. E, para fazê-lo, atua sobre si mesmo. Empreende o conhecimento de si, se controla, se põe a prova, aperfeiçoa-se, se transforma.

Mesmo considerando que o meu papel aqui não está sendo o de avaliar se esses modos de pensar erotismo e pornografia são aceitáveis ou não, é inegável a presença de uma moral sendo produzida pelo discurso científico presente nos artigos em relação a essas práticas. O que se torna relevante, nesse sentido, é a maneira pela qual essas práticas estão funcionando quando acionadas pelos artigos na Scielo Brasil. Nesse sentido, não interessa se erotismo e pornografia estão sendo colocados do mesmo lado ou de lados opostos, mas sim, a produtividade disso, seus funcionamentos.

As enunciações acima descrevem minimamente uma valoração sobre a pornografia e erotismo. Elas tecem apontamentos sobre relações sexuais explícitas,

sobre a pornografia ser vista como uma forma de prostituição, qualificando determinadas práticas sexuais e até mesmo se utilizam do campo jurídico para pensar determinadas práticas. Nessas enunciações que associam erotismo pornografia suas práticas são vistas como negativas e não desejáveis socialmente.

Importante salientar ainda que os sentidos moralizantes atribuídos ao erotismo e à pornografia - estando esses no campo da sexualidade - não são pensados por acaso. Ao contrário, é possível afirmar que existe uma série de relações de poder e saber envolvidos nessas práticas, ou seja, há um interesse em jogo: o de controlar a sexualidade dos sujeitos e os próprios sujeitos.

Pensar a moral para “além dos bons costumes” é um potente investimento: é uma forma de controlar e reprimir os desejos e os impulsos sexuais dos sujeitos. Como coloca Abreu (1996), ela – moral - varia, de acordo com os tempos e os espaços culturais, entretanto, as regras que dizem o que é aceito ou não no campo da sexualidade continuam existindo e ainda atribuindo um poder valorativo a determinadas práticas, com o propósito de ser uma forma de controlar os desejos sexuais da população.

Enfim, a partir dessas três maneiras que identifiquei, com a utilização das enunciações que atrelam o erotismo à sexualidade, busquei materializar algumas maneiras pelas quais o erotismo está sendo pensado enquanto um atributo da sexualidade. Entretanto, é possível que um questionamento seja aguçado, afinal, não é lógico pensar que o erotismo faz parte da sexualidade? Por que atrelar erotismo à sexualidade tornou-se um problema?

Vincular erotismo à sexualidade tornou-se um problema para mim por desconfiar que essa associação se torna direta. É lógico pensar dessa forma. Entretanto, há de se pensar que esses vínculos produzem efeitos nos espaços sociais. Essa vinculação fácil entre erotismo e sexualidade incomoda o meu pensar, pois não se questiona sobre isso, nem se pensa nesses possíveis efeitos gerados.

Em outras palavras, ao classificar determinada prática sexual como erótica ou associar pornografia a erotismo esses fatos estão carregados por valores moralizantes que não se discute e essas ideias ainda se proliferam por entre os espaços.

Deleuze (1988, p. 216), com um tom de crítica, anuncia que

procuremos melhor o que é um pressuposto subjetivo ou implícito: ele tem a forma de “todo mundo sabe...”. Todo mundo sabe, antes do conceito e de um modo pré-filosófico... todo mundo sabe o que significa pensar e ser... de modo que, quando o filósofo diz “Eu penso, logo sou”, ele pode supor que esteja implicitamente compreendido o universal de suas premissas, o que ser e pensar querem dizer... e ninguém pode negar que duvidar seja pensar e, pensar, ser... Todo mundo sabe, ninguém pode negar, é uma forma de representação e o discurso do representante.

As vinculações que estão sendo feitas entre erotismo e sexualidade pode estar sendo associado àquilo que Deleuze (1988, p. 216) chama de “pressuposto subjetivo ou implícito”: trata-se daquilo que não se questiona, não se levanta suspeita, é repleto de apriorismos, com uma espécie de comum acordo, ou seja, todo mundo sabe sobre o que se trata quando se menciona determinada coisa. Atrelar erotismo à sexualidade, nos artigos da Scielo Brasil pode ser pensado dessa forma: parece ser uma associação lógica, uma proposição vista como verdadeira, é de comum acordo, funciona em todo e qualquer espaço.

Sobre a pretensão de verdade, Deleuze (1988, p. 225), coloca, a partir das palavras de Nietzsche, que

a Verdade parece ser “uma criatura bondosa que ama suas comodidades, que dá, sem cessar, a todos os poderes estabelecidos a certeza de que jamais causará o menor embaraço a alguém, pois ela, definitivamente, é apenas a ciência pura...”

Porém, o mesmo teórico (2012) recomenda um pouco de prudência no pensamento: não se trata apenas de negar que existam verdades circulando pelos espaços, o que se torna necessário é estabelecer outras relações com essas verdades, não apenas acatando-as e acomodando-as meramente (HEUSER, 2010). Nesse sentido, é preciso não aceitar as verdades enquanto dogmas, mas criar outras formas de pensar, nesse caso, em específico, colocando-as em evidência e questionando sobre as maneiras pelas quais estão sendo vinculados da sexualidade e o erotismo.

No primeiro postulado que Deleuze aponta em *Diferença e repetição*, ele busca combater, a partir da exposição de suas ideias, justamente essa imagem que foi calcada em nosso pensamento e que “está em afinidade com o verdadeiro,

possui formalmente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro [...] imagem dogmática, ortodoxa, imagem moral.” (DELEUZE, 1988, p. 219)

Ao falar sobre o erotismo parece haver uma imagem pronta/ desenhada no nosso pensamento, que é formada a partir de atributos considerados como os da sexualidade. Pude identificar três maneiras pelas quais essa imagem está sendo desenhada em relação à sexualidade:

Primeiro, entendo o erotismo atrelado a práticas sexuais, especificamente, nesses artigos, aquelas que transgridem a norma heterossexual. Práticas sexuais como a masturbação, o BDSM, a homossexual e tantas outras que foram emergindo a partir da leitura dos artigos podem ser pensadas enquanto desviantes/ anormais. O erotismo, nesse sentido aparece enquanto um sentido negativado.

Segundo, identifiquei a materialização do erotismo em artefatos que vão pedagogizando os corpos – muitas vezes, femininos - através de vestimentas, adornos como *piercings* e tatuagens, determinadas posições, com o objetivo de torná-los sensuais e objetos de desejo – para o gênero masculino.

Terceiro, há a possibilidade de pensar na ligação entre erotismo e pornografia e o quanto essas práticas ainda causam tensão, pois ainda hoje são atribuídos sentidos valorativos a elas, colocando-as no campo da moral, apontando que determinadas práticas são aceitáveis, enquanto outras não.

Essas formas de pensar o erotismo atrelado à sexualidade pode ser consideradas enquanto imagens do nosso pensamento. São formas de representação⁴², estáticas, que levam a identificação do erotismo nas páginas da Scielo Brasil. Deleuze (1988, p. 220) tece duras críticas a essas formas representativas que são impostas ao nosso pensamento, apontando que o mesmo deve estar livre das imagens – “deformantes” - e de postulados que vão prendendo-o.

Entretanto, há de se considerar que essas imagens cristalizadas em nosso pensamento são frutos de relações de saber e poder, que foram produzidas

⁴² Para Deleuze (1988, p. 228), a representação é formada a partir de quatro elementos: “a identidade no conceito, a oposição na determinação do conceito, a analogia no juízo, a semelhança no objeto”.

em um determinado tempo e espaço, com diferentes intenções políticas, religiosas, ideológicas e sociais. São investimentos histórico-culturais que no correr do tempo, tornaram-se naturalizadas, recorrentes, calcificando determinadas ideias, formando, assim, essa imagem que, sem nenhuma tensão, atrela erotismo à sexualidade.

A ESPERA DE UM FECHAMENTO: EROS E OUTRAS MIL FACES

*Procuro uma palavra que me salve
Pode ser uma palavra verbo
Uma palavra vespa, uma palavra casta.
Pode ser uma palavra dura.
Sem carinho.
Ou palavra muda,
molhada de suor no esforço da terra não lavrada.
Não ligo se ela vem suja, mal lavada.
Procuro uma coisa qualquer que saia soada do nada.
Eu imploro pelos verbos que tanto humilhei
e reconsidero minha posição em relação aos adjetivos.
Penso em quanta fadiga me dava
o excesso de frases desalinhadas em meu ouvido.
Hoje imploro uma fala escrita,
não pode ser cantada.
Preciso de uma palavra letra
grifada grafia no papel.
Uma palavra como um porto
um mar um prado um campo minado um contorno
carrossel cavalo pente quebrado véu
mariscos muralhas manivelas navalhas.
Eu preciso do escarcéu soletrado
Preciso daquilo que havia negado
E mesmo tendo medo de algumas palavras
preciso da palavra medo como preciso da palavra morte
que é uma palavra triste.
Toda palavra deve ser anunciada e ouvida.
Nunca mais o desprezo por coisas mal ditas.
Toda palavra é bem dita e bem vinda.*

Viviane Mosé, 2015

E novamente o tempo passou, o despertador já vai soar, mas o cursor ainda pulsa na tela do computador e eu continuo escrevendo e apagando: uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Assim como Viviane traz em seu poema, fico procurando as palavras certas para dizer, especialmente, quando se trata de

encerrar alguma coisa. Sempre foi assim: o ponto final remete a alguma despedida. A finalização de um trabalho é dolorida, mas é colorida também, pois há possibilidades de novos voos, novos sonhos, novas linhas sendo traçadas, emaranhadas e novas palavras a serem ditas. Ao invés de pontos finais, prefiro por vírgulas, por vezes, até me inclino aos pontos e vírgulas, para que seja possível prolongar um pouco mais o final. Assim, continuo esperando um fechamento para esse trabalho inacabado. Não, não considero ele mal feito ou feito de qualquer maneira. De forma alguma! Emprego o inacabado no sentido de que o que fiz foi como uma fotografia que recorta um segundo de um tempo e 0,1mm de um espaço. É o devir que age nessa escrita, por isso, o inacabamento, é um instante, um inspirar, um tempo, um espaço.

Assumi uma escrita em processo, sem a preocupação em ter uma metodologia e um objetivo definidos a priori, como uma prescrição do que olhar e como fazer. O que eu tinha era o erotismo, era ele e por ele que me movimentei durante esses quatro anos. Com os agenciamentos realizados é que a pesquisa começou a se desenhar e por fim possibilitou a criação do objetivo: discutir algumas relações de saber e poder que estão sendo produzidas sobre o erotismo a partir do discurso científico acionado pela base de dados Scielo Brasil.

Para tanto, a Scielo Brasil se mostrou como um potente espaço para pensar a pesquisa, por ela ser, senão a única, uma daquelas que apresenta uma maneira facilitada de pesquisar alguma temática que tenha a pretensão de ser científica, ou seja, qualquer sujeito que tenha interesse em realizar uma pesquisa científica consegue realizá-la nesse espaço, sem maiores intercorrências. Além disso, a Scielo Brasil é considerada enquanto uma biblioteca que têm a pretensão de fazer circular parte de um discurso científico, o qual ainda hoje é considerado enquanto o verdadeiro.

A necessidade de assumir essa biblioteca eletrônica como corpus de análise emergiu a partir de uma curiosidade, por algumas interrogações que realizei das ideias que estavam sendo produzidas por alguns teóricos os quais me dediquei a estudar, quando o erotismo apareceu para mim. Um “franzir de testa” quando as frases eram ditas e se tornavam repetidas entre um teórico outro: uma regularidade, uma recorrência. Olhar para a Scielo Brasil seria uma maneira de vislumbrar se

aquilo que Bataille, Abreu, Sibília, Giddens, Bauman, Felipe e Guizzo diziam em seus estudos, se repetia ou era produzido de outra maneira nessa biblioteca eletrônica.

Vislumbrei, a partir de um olhar minucioso que lancei sobre os artigos, que existiam linhas que os conduziam, que os aproximavam bastante: a utilização de um referencial teórico bastante semelhante/ próximo; o pertencimento a uma área de saber em específico; os atributos que vão produzindo esse eros. Essas mil faces, para mim, acabaram fornecendo algumas pistas e produzindo um único rosto. Esse acaba sendo pensado enquanto um produtor de verdades sobre o erotismo.

Assim, o que se trata aqui é de considerar que existe nessa biblioteca eletrônica um jogo de poder e saber que faz com que determinados saberes, acerca do erotismo, estejam sendo produzidos e recebam um “estatuto da verdade” (FOUCAULT, 2008d, p. 13), em detrimento de outros que são deixados de lado, não sendo legitimados. Mesmo considerando que existam singularidades, eles acabam sendo produzidos por um sentido que é recorrente, os quais funcionam como verdades.

A rede de enunciações que contém nesses artigos, e que algumas foram materializadas nesse trabalho, possibilitou perceber que as regularidades poderiam ser pensadas enquanto um jogo de estratégias: estratégias que produzem o erotismo no discurso científico. Em outras palavras, parece que se torna algo normal falar em erotismo e assumir, pelo menos, uma dessas três pistas que identifiquei. Falar em erotismo e não assumi-las é aquilo que destoa, que se torna estranho, que faz “franzir a testa”.

Difícil pensar em erotismo fora das Ciências Humanas, ou desvinculá-lo da sexualidade, ou ainda utilizar outros teóricos que não Freud, Bataille ou seus interlocutores. Por vezes, isso até é realizado, como alguns artigos trazem, mas o que se tornou potente para mim, foi a maneira como essa regularidade foi sendo entrelaçada e continuamente produzida dentro desses artigos. Mesmo considerando as singularidades, como Foucault (2010a) já anunciava em seus estudos, àqueles saberes que são apresentados de forma recorrente também apresenta algumas estratégias de validação, buscando as verdades.

Há relações de poder e saber que constroem o erotismo. Mais do que isso, é possível pensar as três pistas encontradas ao longo desse estudo, enquanto estratégias de poder que acabam legitimando determinados saberes como verdadeiros dentro do discurso científico. Em outras palavras, para produzir saberes dentro do discurso científico, pouco se pode destoar. Há regras de formação que fazem com que determinados saberes adentrem na ordem discursiva ou não.

Nessas pistas, suspeito que a utilização de determinados referenciais teórico-metodológicos, como Bataille e Freud, pensados dentro da área das Ciências Humanas e atrelando o erotismo à sexualidade, é aquilo que se torna passível de ser atribuído ao erotismo.

O encontro com as três pistas possibilita ainda pensar na demarcação de alguns espaços, estabelecer um ordenamento e classificar os saberes que ali estão locados. A Scielo Brasil, a partir do investimento que está sendo feito nas diferentes áreas e nos periódicos que dela fazem parte, acaba demarcando alguns espaços, apontando os lugares em que determinados saberes devem estar sendo produzidos.

Esse investimento pode ser visualizado a partir da grande concentração de artigos que estão inseridos na área das Ciências Humanas. Além disso, o investimento também pode ser pensando como da utilização de determinados referenciais teóricos para produzir sentidos ao erotismo, como Bataille e Freud. Ainda, é possível demarcar o quanto se torna potente as relações que são traçadas entre o erotismo e alguns atributos da sexualidade.

Enfim, a Scielo Brasil pode ser pensada enquanto uma potente ferramenta na qual aciona parte de um discurso, o discurso científico. Enquanto tal, ela acaba selecionando, demarcando e hierarquizando alguns saberes sobre o erotismo. Esses saberes estão sendo produzidos nas mais diferentes áreas e buscam se sustentar nos espaços sociais e investir nos sujeitos, a partir de suas verdades criadas.

REFERENCIAL

ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado das Letras: 1996.

AGORA (Rio J). Informações básicas.

<<http://www.scielo.br/revistas/agora/paboutj.htm>>, acessado em agosto de 2015.

ALLY, Mandy. Eyebrow Piercing; In: *Body piercing magazine*, maio de 2015.

Disponível em <<http://bodypiercingmag.com/eyebrow-piercing.html>>, acessado em 02 de agosto de 2015.

ALLOUCH, Eliane. As psicopatologias do apoio: autismo, adicção, somatização.; In: *Ágora (Rio J.)*, Jun 2003, vol.6, no.1, p.79-98. ISSN 1516-1498. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a05.pdf>, acesso em agosto de 2013

ALMEIDA Prado, Rafael Auler de, CALDAS, Marcus Tulio e QUEIROZ, Edilene Freire de. O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e Merleau-Ponty. In: *Psicologia: ciência e profissão*, 2012, vol.32, no.4, p.776-791. ISSN 1414-9893 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32n4/v32n4a02.pdf>, acesso em agosto de 2013

ALVARENGA, Nízia Maria. *Orlando*, ou a tendência social da androginia; In: *Tempo soc.*, Out 1997, vol.9, no.2, p.155-164. ISSN 0103-2070. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n2/v09n2a08.pdf>, acesso em agosto de 2013.

AMARAL, Mônica do. O rap, o hip-hop e o funk: a "eróptica" da arte juvenil invade a cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras. In: *Psicologia da USP*, Set 2011, vol.22, no.3, p.593-620. ISSN 0103-6564 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642011000300009, acesso em agosto de 2013.

ANTUNES, Arnaldo. *Discografia Arnaldo Antunes*. Disponível em

<<http://achedownloads.com/albuns/arnaldo-antunes-discografia-2> , [Discografia Arnaldo Antunes-site](#)>, acessado em agosto de 2015

ANTUNES, Maria Cristina et al. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP; In: *Rev. Saúde Pública*, Ago 2002, vol.36, no.4, p.88-95. ISSN 0034-8910. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11168.pdf>, acesso em agosto de 2013.

ARREGUY, Marília Etienne e GARCIA, Claudia Amorim. A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. *Physis*, Jun 2012, vol.22, no.2, p.755-778. ISSN 0103-7331. Disponível

em <http://submission.scielo.br/index.php/physis/article/view/70591> acesso em agosto de 2013.

AZEVEDO, Sílvia Maria. O grotesco em Machado de Assis: uma leitura de *a causa secreta*. *Trans/Form/Ação*, Dez 1988, vol.11, p.77-88. ISSN 0101-3173. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/trans/v11/v11a10.pdf> acesso em agosto de 2013.

BAGNOL, Brigitte and Mariano, Esmeralda. Cuidados consigo mesma, sexualidade e erotismo na Província de Tete, Moçambique. *Physis*, 2009, vol.19, no.2, p.387-404. ISSN 0103-7331. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200008 acesso em agosto de 2013.

BASTOS, Rogério Lustosa. Psicanálise e a escrita de emancipação: discussão entre Deleuze e Joel Birman. In: *Psicologia da USP*, Abr 2013, vol.24, no.1, p.77-98. ISSN 0103-6564 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642013000100005 acesso em agosto de 2013.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAM, Zigmund. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

BIRMAN, Joel. Imaginação, a fantasia e o sublime em psicanálise: uma leitura de *Eros e civilização*, de H. Marcuse. *Physis*, Jun 1998, vol.8, no.1, p.75-99. ISSN 0103-7331. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311998000100005&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

BRASIL. www.lattes.cnpq.br, acessado em 23 de junho de 2015.

BRAZ, Camilo. "Like a porn movie": Notes on boundaries and bodies that matter in male sex clubs; In: *Vibrant, Virtual Brazilian. Anthropology*, June 2012, vol.9, no.1, p.131-153. ISSN 1809-4341. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412012000100005 acesso em agosto de 2013.

BRESSANELLI, Juliana e TEIXEIRA, Antônio M. Ribeiro. Erotomania: os impasses do amor e uma resposta psicótica. *Ágora (Rio J.)*, Dez 2012, vol.15, no.spe, p.437-451. ISSN 1516-1498. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982012000300006&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

BRITZMAN, Deborah P. Professor@s e Eros. *Educ. rev.*, 2009, no.35, p.53-62. ISSN 0104-4060. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004-40602009000300005 acesso em agosto de 2013.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002.

BORGES, Maria de Lourdes. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? In: *Revista Estudos Feministas*, Dez 2005, vol.13, no.3, p.667-676. ISSN 0104-026X. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300012 acesso em agosto de 2013.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. *Cad. Pagu*, 2003, no.21, p.103-131. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a06.pdf> acesso em agosto de 2013.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário etmológico de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

CADERNOS PAGU. Cadernos Pagu; In: <<http://www.pagu.unicamp.br/en/cadernos-pagu>>, acessado em agosto de 2015.

CALIL, Luís Carlos and Terra, João Ricardo Síndrome de. De Clèrambault: segundo relato de caso em português. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Abr 2005, vol.27, no.1, p.82-84. ISSN 0101-8108. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082005000100010 acesso em agosto de 2013.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

CARONI, Mariana Malheiros and Grossman, Eloisa. As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma?. *Ciênc. saúde coletiva*, Abr 2012, vol.17, no.4, p.1061-1070. ISSN 1413-8123. Disponível em <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v17n4/v17n4a27.pdf> acesso em agosto de 2013.

CARROL, Lewis. Alice no país das maravilhas, In: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alicep.pdf>, acessando em julho de 2015.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *Conversações*. 2ª ed. São Paulo: 34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. 2ª ed. São Paulo: 34, 2011.

_____. *A ilha deserta e outros textos*. In: http://minhateca.com.br/JanainaNeto/2+-LIVROS/Livros/filosofia*2c+Sociologia*2c+Psicologia*2c+Economia+e+Ci*c3*aancia+Pol*c3*adtica/DELEUZE*2c+Gilles.+A+Ilha+Deserta+e+outros+textos,63152228.pdf, acessado em junho de 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *O que é filosofia*. 3ª ed. São Paulo: 34, 2010.

_____. 28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos. In: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs 3: capitalismo e esquizofrenia*. 2ª ed. São Paulo: 34, 2012.

DEVIAN ART. Scarification & branding. Disponível em <<http://www.deviantart.com/browse/all/traditional/bodyart/bodymods/scarbrand/?order=9>>, acessado em 02 de agosto de 2015.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro*. *Cad. Pagu*, Jun 2012, no.38, p.241-279. ISSN 0104-8333. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100009&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em agosto de 2013.

DINIZ, Marcelo. A poesia entrevista: uma bio-grafia de Armando Freitas Filho. *Alea*, Dez 2003, vol.5, no.2, p.283-291. ISSN 1517-106X Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2003000200010&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

DREYFUS, HUBERT L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ELLIOT, Griffin. Missy Suicide and her suicidegirls. In: *The Scene*, 2014. Disponível em: <<http://www.thescenemagazine.ca/missy-suicide-interview/>>, acessado em 10 de junho de 2014.

EWALD, François. *Foucault: a norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.

FACCHINI, Regina e MACHADO, Sarah Rossetti. "Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileira; In: *Sexualidad, Salud i Sociedad (Rio J.)*, Ago 2013, no.14, p.195-228. ISSN 1984-6487. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000200014 acesso em agosto de 2013.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Conjugalidade e profissão de modelo: projetos conflitantes ou complementares. *Cad. Pagu*, Dez 2009, no.33, p.167-197. ISSN 0104-8333. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000200007&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na Sociedade do Consumo; In: *Pro-Posições*. v. 14, n. 3 (42) -set./dez. 2003

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo?. *Cad. Pagu*, Jun 2006, no.26, p.201-223. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf> acesso em agosto de 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FONSECA, Márcio Alves. Do incômodo das imagens à inquietação do pensamento; In: *Verve*, 6: p. 47-58, 2004.

FORTES, Isabel. Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. *Psicol. clin.*, Dez 2007, vol.19, no.2, p.35-44. ISSN 0103-5665 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103.56652007000200003&script=sci_arttext, acesso em agosto de 2013.

FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: uma entrevista*; In: *verve*, 5: 260-277, 2004.

_____. *História da Sexualidade II: os usos dos prazeres*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.

_____. *As palavras e as coisas*. Uma antropologia das ciências humanas. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007c.

_____. Poder-corpo; In: *Microfísica do poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

_____. O filósofo mascarado; In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008b.

_____. Michel Foucault explica seu último livro; In FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008c.

_____. Verdade e poder; In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008d.

_____. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2009a.

_____. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009b.

_____. *Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010a.

_____. Poder e saber; In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FRANÇA, Isadora Lins. "Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sex., Salud Soc. (Rio*

J.), Ago 2013, no.14, p.13-39. ISSN 1984-6487. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200002&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo *queer*; In: *Revista Estudos Feministas*, Abr 2011, vol.19, no.1, p.197-223. ISSN 0104-026X Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100015&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013

GAMA, Vanessa Campbell da and BASTOS, Angélica. A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania; In: *Psicologia. clínica.*, Jun 2010, vol.22, no.1, p.141-156. ISSN 0103-5665. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000100009&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GUIJARRO, Ester Massó. La sexualidad femenina, el holismo epistemológico y la complejidad: reflexiones para la vida contemporánea; In: *Revista Estudos*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200009 acesso em agosto de 2013.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, G.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico; In: GOELLNER, Silvana; JARGER, Angelita. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero, "o Corpo" e "Imitação Prestigiosa" na Cultura Brasileira; In: *Saúde e sociedade*, Set 2011, vol.20, no.3, p.543-553. ISSN 0104-1290. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300002 acesso em agosto de 2013.

_____. Afinal, o que quer a mulher brasileira? In: *Psicologia. clínica.*, 2011, vol.23, no.1, p.47-64. ISSN 0103-5665. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100004 acesso em agosto de 2013.

GOOGLE. www.google.com.br, acessado em agosto de 2015.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cad. Pagu*, 2003, no.20, p.87-120. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf> acesso em agosto de 2013.

_____. Usos de sex toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. *Mana*, Ago 2011, vol.17, no.2, p.313-336. ISSN 0104-9313. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100003&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

_____. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos *sex shops* de São Paulo. *Cad. Pagu*, Jun 2012, no.38, p.53-97. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf> acesso em agosto de 2013.

HEUSER, Ester Maria Dreher. *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino da filosofia*. Ijuí: Unijuí, 2010.

IRATI, Antonio. Autoria e cultura na pós-modernidade; In: *Ci. Inf., Brasília*, v. 27, n. 2, p. 189-192, maio/ago. 1998.

JONES, Daniel. La primera relación sexual: papeles, escenas y secuencias. *Cad. Pagu*, Dic 2010, no.35, p.211-239. ISSN 0104-8333. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332010000200008&script=sci_arttext, acesso em agosto de 2013.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. De Gabriela a Juma: imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras. *Rev. Estud. Fem.*, Abr 2010, vol.18, no.1, p.141-160. ISSN 0104-026X. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000100008 acesso em agosto de 2013.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência; In: *Revista Brasileira de Educação*. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LAZZARINI, Eliana Rigotto e VIANA, Terezinha de Camargo O corpo em psicanálise. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Ago 2006, vol.22, no.2, p.241-249. ISSN 0102-3772. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a14v22n2.pdf> acesso em agosto de 2013.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEJARRARA, Ana Lila. Reflexões sobre a distinção entre o amor e sexualidade na primeira tópica freudiana; In: *PHYSIS. Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 12(1): 141-163, 2002.

LOMBARDI, Andrea. Il diavolo in corpo: una lettura del Decameron di Giovanni Boccaccio. *Alea*, Dec 2012, vol.14, no.2, p.180-200. ISSN 1517-106X. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2012000200003
acesso em agosto de 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOYOLA, Maria Andréa. A antropologia da sexualidade no Brasil. *Physis*, Jun 2000, vol.10, no.1, p.143-167. ISSN 0103-7331. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v10n1/a07.pdf> acesso em agosto de 2013.

MACHADO, Roberto. Apresentação; In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política, In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIZRAHI, Mylene. *Funk*, religião e ironia no mundo de Mr. Catra. In: *Religião e sociedade*, Dez 2007, vol.27, no.2, p.114-143. ISSN 0100-8587. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872007000200006&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

MORA, José Ferrater. Dicionário de filosofia A foice e o mertelo; In: [http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Mora,%20Ferrater/Ferrater%20Mora%20-%20Dicionario%20De%20Filosofia%20\(port\).PDF](http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Mora,%20Ferrater/Ferrater%20Mora%20-%20Dicionario%20De%20Filosofia%20(port).PDF), acessado em julho de 2013.

MORAES, Eliane Robert. Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo. *Cad. Pagu*, Dez 2008, no.31, p.399-418. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n31/n31a17.pdf> acesso em agosto de 2013.

MOSÉ, Viviane. Toda a palavra; Disponível em: http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/viviane_mose.html, acessado em agosto de 2015.

MOTA, Manoel Barros. Apresentação; In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

MOUTINHO, Laura. Condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul. *Rev. bras. Ci. Soc.*, Out 2004, vol.19, no.56, p.95-112. ISSN 0102-6909. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000300007 acesso em agosto de 2013.

MUCHAIL, Salma Tannus. Michel Foucault e o dilaceramento do autor; In: *MARGEM*, SÃO PAULO, No 16, P. 129-135, DEZ. 2002.

NERY, Joaquim. Esculturas do Museu do Louvre; In: <<http://umpouquinhodecadalugar.com/2013/07/02/esculturas-do-museu-do-louvre/>>, acessado em agosto de 2015.

NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello. Neurose traumática, neurose de transferência: um relato autobiográfico do holocausto. IN: *Psicologia em estudo*, Set 2012, vol.17, no.3, p.413-423. ISSN 1413-7372. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n3/a07v17n3.pdf> acesso em agosto de 2013.

NIIA & WIZZI. 2009 Disponível em <http://colourfuldiamonds.blogspot.com.br/2009_09_01_archive.html>, acessado em 02 de agosto de 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

ORTIZ-MILLÁN, Gustavo. Love and rationality: on some possible rational effects of love. *Kriterion*, 2007, vol.48, no.115, p.127-144. ISSN 0100-512X. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n115/a0848115.pdf> acesso em agosto de 2013.

PARREIRAS, Carolina. *Altporn*, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cad. Pagu*, Jun 2012, no.38, p.197-222. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a07.pdf> acesso em agosto de 2013.

PASSOS, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana. *Pistas do método cartográfico*: intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PESSOA, Fernando. Eros e Psique; In: <http://www.dicta.com.br/edicoes/edicao-1/eros-e-psique/>, acessado em agosto de 2015.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte*. São Paulo: Senac, 2005.

PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO. Informações básicas; In: <<http://www.scielo.br/revistas/pcp/paboutj.htm>>, acessado em agosto de 2015

PSICOLOGIA CLÍNICA. Informações básicas; In: <<http://www.scielo.br/revistas/pc/paboutj.htm>>, acessado em agosto de 2015

PSICOLOGIA EM ESTUDO. Informações básicas; In: <<http://www.scielo.br/revistas/pe/paboutj.htm>>, acessado em agosto de 2015.

PSICOLOGIA USP. Informações básicas; In: <<http://www.scielo.br/revistas/pusp/paboutj.htm>>, acessado em agosto de 2015

PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA. Informações básica; In: <<http://www.scielo.br/revistas/ptp/paboutj.htm>>, acessado em agosto de 2015.

REIS, Eliana Schueler. Auto-erotismo: um vazio ativo na clínica contemporânea. *Ágora (Rio J.)*, Dez 2003, vol.6, no.2, p.187-203. ISSN 1516-1498. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n2/v6n2a01.pdf> acesso em agosto de 2013.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Foco e Escopo; In: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/about/editorialPolicies#focusAndScope>>, acessado em agosto de 2015. SCIELO BRASIL. Disponível em <www.scielo.org>, acessado em janeiro de 2014.

RIBEIRO, Cláudia Maria. O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo. *Educ. rev.*, 2009, no.35, p.107-121. ISSN 0104-4060. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a09.pdf> acesso em agosto de 2013.

RIOS, Fernanda Costa. Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, Set 2013, vol.16, no.3, p.453-467. ISSN 1415-4714. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rp/v16n3/a09v16n3.pdf> acesso em agosto de 2013.

RIOS, Luis Felipe. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro. *Ciênc. saúde coletiva*, Abr 2008, vol.13, no.2, p.465-475. ISSN 1413-8123. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n2/a22v13n2.pdf> acesso em agosto de 2013.

_____, et al. Os cuidados com a "carne" na socialização sexual dos jovens. *Psicologia em estudo*, Dez 2008, vol.13, no.4, p.673-682. ISSN 1413-7372. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a05.pdf> acesso em agosto de 2013.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. Economia simbólica da excitação: sobre os circuitos musicais populares nas periferias e o sentido erótico-dançante no tecnobrega e no pagode baiano; In: *Sociedade e estado*, Dez 2011, vol.26, no.3, p.745-745. ISSN 0102-6992. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/se/v26n3/21.pdf> acesso em agosto de 2013.

ROLNIK, Suely. Subjetividade em obra: Lygia Clark artista contemporânea; In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SAMPAIO, Thais de Moraes, ANDRADE, Arthur Guerra de e BALTIERI, Danilo Antônio Síndrome de Clérambault: desafio diagnóstico e terapêutico. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Ago 2007, vol.29, no.2, p.212-218. ISSN 0101-8108. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n2/v29n2a13.pdf> acesso em agosto de 2013.

SABINO, César e LUZ, Madel. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. In: *Physis: Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: 16 (2):251-272, 2006.

SANTOS JR, Júlio César Monteiro dos. Instrumentação anal erótica: um problema médico-cirúrgico. *Rev. bras. colo-proctol.*, Mar 2007, vol.27, no.1, p.96-100. ISSN 0101-9880. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbc/v27n1/a15v27n1.pdf> acesso em agosto de 2013.

SEGOVIA, Jimena Silva e DELGADO, Jaime Barrientos. Guiones sexuales de la seducción, el erotismo y los encuentros sexuales en el norte de Chile. *Rev. Estud. Fem.*, Ago 2008, vol.16, no.2, p.539-556. ISSN 0104-026X. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/12.pdf> acesso em agosto de 2013.

SEXUALIDAD, SALUD Y SOCIEDAD. Temática y alcance; In: <http://www.sexualidadsaludysociedad.org/>, acessado em agosto de 2015

SIBILIA, Paula. O corpo reinventado pela imagem; In: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/3030,1.shl>, acessado em dezembro de 2013.

SILVA, Denise Ferreira da. À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo. *Rev. Estud. Fem.*, Abr 2006, vol.14, no.1, p.61-83. ISSN 0104-026X. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a05v14n1.pdf> acesso em agosto de 2013.

SOPHIA, Eglacy C, Tavares, Hermano and ZILBERMAN, Monica L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, Mar 2007, vol.29, no.1, p.55-62. ISSN 1516-4446. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-44462007000100016&script=sci_arttext acesso em agosto de 2013.

SOUSA, Ademiro Alves de et al. Pávio Erótico: uma experiência de Suzano na prevenção das DST/HIV/Aids e fomento da arte erótica; In: *Saude e sociedade*, Mar 2009, vol.18, suppl.1, p.63-65. ISSN 0104-1290. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s1/11.pdf> acesso em agosto de 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. Um plano de imanência para o currículo; In: SILVA, Tomaz Tadeu; CORAZZA, Sandra. ZORDAN, Paola. *Linhas da escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

SUANNER, Rebecca. Missy Suicide. In: *Inked*, 2008. Disponível em <http://www.inkedmag.com/inked-people/missy-suicide/>, acessado em 21 de novembro de 2012.

SUICIDEGIRLS. Disponível em: www.suicidegirls.com, acesso entre julho de 2011 à junho de 2014.

TATUAGENS. All Mixed. Disponível em <<http://allmixedkiss.blogspot.com.br/2012/04/tatuagens.html>>, acessado em 02 de agosto de 2015.

TAVARES, Márcia Santana. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE; In: *Serviço Social e. Sociedade*, Mar 2010, no.101, p.121-145. ISSN 0101-6628. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n101/07.pdf> acesso em agosto de 2013.

VEIGA-NETO; Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VENCHI, Mariane. Cavalgada ao centro da Terra: rotas para uma erótica árabe e indiana. *Cad. Pagu*, Jun 2012, no.38, p.281-308. ISSN 0104-8333. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n38/n38a10.pdf> acesso em agosto de 2013.

XAVIER, F. Alargadores. 2009. Disponível em: <<http://tobe-ok.blogspot.com.br/2009/06/alargadores.html>>, acessado em 02 de agosto de 2015.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WILLIANS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

ANEXOS

TABELA 1- EROTISMO			
TITULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>O grotesco em Machado de Assis: uma leitura de "a causa secreta"</i>	Revista Trans/form/ação	Ciências Humanas	1988
<i>A imaginação, a fantasia e o sublime em psicanálise: uma leitura de Eros e Civilização de H. Marcuse</i>	Physis – Revista de Saúde Coletiva	Ciências Humanas	1998
<i>A antropologia da sexualidade no Brasil</i>	Physis – Revista de Saúde Coletiva	Ciências Humanas	2000
<i>Relações de erotismo e violência</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2003
<i>Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2003
<i>Auto erotismo: um vazio ativo na clínica contemporânea</i>	Revista Ágora	Ciências Humanas	2003
<i>Condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul</i>	Revista Brasileira de Ciências Sociais	Ciências Humanas	2004
<i>A brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2006
<i>Instrumentação anal erótica: um problema médico cirurgião</i>	Revista Brasileira de Coloproctologia	Ciências da Saúde	2007
<i>Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana</i>	Revista Psicologia Clínica	Ciências Humanas	2007
<i>Guiones sexuales de La seducción, El erotismo y los encuentros sexualis em el norte Del Chile</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2008
<i>Corpos e prazeres nos circuitos de homossexualidade masculina do centro do Rio de Janeiro</i>	Revista Ciência e Saúde Coletiva	Ciências da Saúde	2008
<i>Topografias do risco? O</i>	Cadernos Pagu	Ciências	2008

<i>erotismo literário no Brasil contemporâneo</i>		Humanas	
<i>La sexualidad femenina, El holismo epistemológico y La complejidad: reflexiones para La vida contemporânea</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2009
<i>O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo</i>	Revista Educar	Ciências Humanas	2009
<i>Cuidados consigo mesma: a sexualidade e erotismo província de Tete, em Moçambique</i>	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Ciências Humanas	2009
<i>De Gabriela a Juma: imagens eróticas-femininas nas telenovelas brasileiras</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2010
<i>Usos de Sex Toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas</i>	Revista Mana	Ciências Humanas	2011
<i>Cavalgada ao centro da Terra: rotas para uma erótica árabe e indiana</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2012
<i>A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade</i>	Physis – Revista de Saúde Coletiva	Ciências Humanas	2012
<i>Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2012
<i>Sexo com animais como prática extrema do pornô bizarro</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2012
<i>Il Diavolo in corpo: una lettura Del Decameron di Giovanni Boccaccio</i>	Revista Álea	Linguística, Letras e Artes	2012
<i>"Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo.</i>	Revista Sexualidad, Salud y Sociedad	Ciências Humanas	2013

TABELA 2- ERÓTICO			
TÍTULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>Orlando, ou a tendência social da androgenia</i>	Revista de Sociologia USP	SciELO não classifica	1997
<i>Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP</i>	Revista Saúde Pública	Ciências da Saúde	2002
<i>A poesia entrevista: uma biografia: De Armando Freitas Filho</i>	Revista Álea	Linguística, Letras e Artes	2003
<i>As psicopatologias do apoio: Autismo, adicção, somatização</i>	Revista Ágora	Ciências Humanas	2003
<i>Condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul</i>	Revista Brasileira de Ciências Sociais	Ciências Humanas	2004
<i>Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher?</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2005
<i>O Corpo em Psicanálise</i>	Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa	Ciências Humanas	2006
<i>A brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2006
<i>Afinal, quem é mesmo pedófilo?</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2006
<i>Love and rationality. On some possible Rational effects of love</i>	Revista Kriterion	Ciências Humanas	2007
<i>Funk, religião e ironia no mundo de Mr. Catra</i>	Revista Religião e Sociedade	Ciências Humanas	2007
<i>Os cuidados com a "carne" na socialização sexual dos jovens</i>	Revista Psicologia em Estudo	Ciências Humanas	2008
<i>Corpos e prazeres nos circuitos de homossexualidade masculina do centro do Rio de Janeiro</i>	Revista Ciência e Saúde Coletiva	Ciências da Saúde	2008
<i>Pavio Erótico: uma</i>	Revista Saúde e Sociedade	Ciências	2009

<i>experiência de Suzano na prevenção das DST/HIV/Aids e fomento da arte erótica</i>		Humanas	
<i>Professores e Eros</i>	Revista Educar	Ciências Humanas	2009
<i>La sexualidad femenina, El holismo epistemológico y La complejidad: reflexiones para La vida contemporânea</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2009
<i>O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo</i>	Revista Educar	Ciências Humanas	2009
<i>Conjugalidade e profissão de modelo: projetos conflitantes ou complementares?</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2009
<i>La primera relación sexual: papeles, escenas y secuencias</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2010
<i>Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE</i>	Revista Serviço Social & Sociedade	Ciências Humanas	2010
<i>Rumo ao ecofeminismo queer</i>	Revista Estudos Feministas	Ciências Humanas	2011
<i>Afinal, o que quer a mulher brasileira?</i>	Revista Psicologia Clínica	Ciências Humanas	2011
<i>O rap, o hip-hop e o funk: a “erótica” da arte juvenil invade a Cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras</i>	Revista de Psicologia da USP	Ciências Humanas	2011
<i>Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira</i>	Revista Saúde e Sociedade	Ciências Humanas	2011
<i>Economia Simbólica da Excitação: sobre os circuitos musicais populares nas periferias e o sentido erótico-dançante no tecnobrega e no pagode baiano</i>	Revista Sociedade e Estado	Ciências Sociais aplicadas	2011

<i>A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade</i>	Physis – Revista de Saúde Coletiva	Ciências Humanas	2012
<i>As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma?</i>	Revista Ciência e Saúde Coletiva	Ciências da Saúde	2012
<i>Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2012
<i>“Like a porn movie” Notes on boundaries and bodies that matter in male sex clubs</i>	Revista Vibrant	Ciências Humanas	2012
<i>O Corpo em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial: Aproximações entre Heidegger e Merleau-Ponty</i>	Revista Psicologia: Ciência e Profissão	Ciências Humanas	2012
<i>“Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro.</i>	Revista Sexualidad, Salud y Sociedad	Ciências Humanas	2013
<i>Psicanálise e a escrita de emancipação: discussão entre Deleuze e Joel Birman.</i>	Revista de Psicologia da USP	Ciências Humanas	2013
<i>Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	2012
<i>Neurose traumática, neurose de transferência: um relato autobiográfico do holocausto</i>	Revista Psicologia em Estudo	Ciências Humanas	2012

TABELA 3– EROTISMO ANAL			
TÍTULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>Instrumentação anal erótica: um problema médico-cirúrgico.</i>	Revista Brasileira de Coloproctologia	Ciências da Saúde	2007

TABELA 4– EROTISMO SAGRADO			
TITULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>Cavalgada ao centro da terra: rotas para uma erótica árabe e indiana</i>	Cadernos Pagu	Ciências Humanas	1012

TABELA 5 – EROTOFOBIA			
TITULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>Rumo ao ecofeminismo queer</i>	Revista Estudos feministas	Ciências Humanas	2011

TABELA 6- EROTIZADA			
TITULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>Transferência erótica: uma breve revisão</i>	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	Ciências da Saúde	2011

TABELA 7- EROTOMANIA			
TITULO	PERIÓDICO	ÁREA	ANO
<i>Erotomania: os impasses do amor e uma resposta psicótica</i>	Revista Ágora	Ciências Humanas	2012
<i>Síndrome de Clérambault: desafio diagnóstico e terapêutico</i>	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	Ciências da Saúde	2007
<i>Síndrome de De Clérambault: segundo relato de caso em português</i>	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul	Ciências da Saúde	2005
<i>Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico</i>	Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental	Ciências Humanas	2013
<i>Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?</i>	Revista Brasileira de Psiquiatria	Ciências da Saúde	2007
<i>A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomani</i>	Revista Psicologia Clínica	Ciências Humanas	2010